

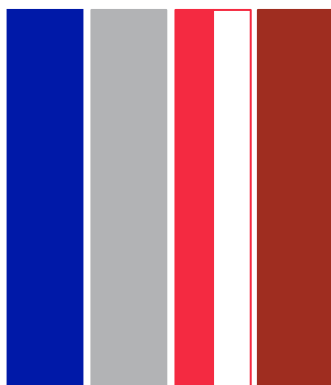
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
ESTUDOS DOS MEDIA E JORNALISMO

Artivismo queer e mediatização do artivismo de Filipe Sambado

Margarida Leite Gonçalves

M

2024



Margarida Leite Gonçalves

Artivismo queer e mediatização do artivismo de Filipe Sambado

Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pela
Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas.....	12
Lista de abreviaturas e de siglas.....	13
Prelúdio	14
CAPÍTULO 1. Uma antecâmara.....	18
CAPÍTULO 2. O ativismo queer e os médias	23
2.1. Identidade de género e queer.....	23
2.2. Música e ativismo queer.....	27
2.3. O papel da cultura mediática na música e no ativismo queer.....	38
CAPÍTULO 3. Abordagem metodológica.....	44
CAPÍTULO 4. A mediatização de Filipe Sambado	48
4.1. Filipe Sambado: percurso e obra	48
4.2. A mediatização de Filipe Sambado	52
CAPÍTULO 5. Processos de reconstrução identitária e <i>queerness</i>	63
CAPÍTULO 6. Potências da música e do ativismo queer	77
CAPÍTULO 7. O Festival RTP da Canção ou um Ritual de celebração nostálgico-futurista.....	91
Considerações Finais	103
Referências Bibliográficas	106
Discografia.....	111
Anexo 1- Enunciação das notícias integrantes do <i>Corpus</i> de Análise, organizadas por jornal e ordem alfabética	114
Anexo 2 - Eventos e espaços noticiados em associação a Filipe Sambado.....	134
Anexo 3 - Guião da Entrevista com Filipe Sambado	136
Anexo 4 – Conteúdos desenvolvidos no Estágio.....	137

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constituem um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do presente relatório.

Porto, 15 de setembro de 2024

Margarida Leite Gonçalves

Agradecimentos

O percurso que culminou neste trabalho final não seria possível sem o apoio incondicional da minha Mãe, que, quando a minha convicção falha, acredita pelas duas. Não poderia deixar de agradecer também a todos os meus amigos, que me apoiaram e motivaram a terminar este capítulo da minha vida.

Um obrigado à minha orientadora, Professora Paula Guerra, pela paciência, colaboração, carinho, saber e disponibilidade.

Resumo

A presente investigação debruça-se sobre o ativismo queer de Filipe Sambado e a sua mediatização em três jornais portugueses: Público, Expresso e Observador. Sendo uma artista não-binária, o trabalho de Sambado desafia as concepções de género e sexualidade, através da música e da performance, reivindicando um espaço dentro de uma indústria profundamente masculinizada e heteronormativa. O objetivo da investigação é o de compreender como estes jornais cobrem o ativismo queer de Sambado, analisando se estes órgãos de comunicação, promovem a aceitação e a inclusão de pessoas queer ou se, pelo contrário, perpetuam preconceitos e estereótipos. O estudo abrange artigos publicados entre os anos de 2019 e 2024, tendo sido empregue uma análise temática-categorial, com o intuito de identificar padrões e temáticas recorrentes e possíveis relações na cobertura mediática. Ademais, foi também realizada uma entrevista semi-diretiva com a artista, para obter uma perspetiva interna sobre a relação entre o seu trabalho e os média. Existem algumas diferenças nas abordagens dos três jornais, nomeadamente a abordagem do jornal Expresso que se encontra orientada para o entretenimento e o consumo da produção cultural da artista. Já no Observador, a temática queer é abordada de forma superficial ou é frequentemente evitada. O jornal Público, por seu turno, é o órgão de comunicação que mais vezes apresenta artigos que exploram o trabalho de Sambado numa perspetiva diacrónica. Contudo, os resultados indicam que, apesar de Sambado ser frequentemente mencionada nos média, a cobertura é recorrentemente indireta e superficial. Na sua maioria, os artigos não aprofundam a vertente queer e mensagem política de Sambado. O estudo concluiu que os média detêm um papel ambivalente no que concerne o ativismo queer. Por um lado, dando espaço mediático, por outro veiculando uma ideologia heteronormativa na forma como formulam os discursos. Esta investigação almeja contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas e representações mediáticas do ativismo queer em Portugal, de modo a fomentar uma sociedade e um jornalismo mais inclusivo, equitativo e promotor da diversidade.

Palavras-chave: jornalismo, média, identidade de género, queer, ativismo.

Abstract

The research for the Master's degree is centred on an analysis of the queer activism of Filipe Sambado and its representation in the media, with a particular focus on three Portuguese newspapers: Público, Expresso and Observador. As a non-binary artist, Sambado's work challenges prevailing conceptions of gender and sexuality through music and performance, thereby reclaiming a space and an industry that is characterised by a profound masculinisation and heteronormativity. It is therefore evident that an investigation into the manner in which Sambado is represented in the media represents a significant area of study. The objective of this research is to gain insight into how Sambado's queer activism is represented and portrayed in these newspapers. This will be achieved through a qualitative methodology, which will enable an analysis of whether these media outlets promote social acceptance and inclusion of queer people, or whether they perpetuate prejudices and stereotypes. The study encompasses articles published between 2019 and 2024, employing a thematic-categorical analysis to discern recurrent patterns and themes and to ascertain potential relationships between them in the media coverage. Furthermore, a semi-directive interview was conducted with the artist to gain insight into the relationship between her work and media representation.

The three newspapers adopt disparate approaches. Expresso is more oriented towards entertainment and the consumption of the artist's cultural production. In contrast, Observador addresses the queer theme in a cursory manner and consistently avoids it. The newspaper Público is notable for its tendency to feature lengthy articles and to explore Sambado's work in greater depth. However, the results indicate that although Sambado is frequently mentioned in the media, the coverage is often indirect and superficial. Most of the articles do not explore the queer and political aspects of the artist's work. The study concluded that the media play an ambivalent role when it comes to queer activism. On the one hand, they provide media space and, on the other, they convey a heteronormative ideology in the way they formulate discourse.

Key-words: journalism, media, gender identity, queer, activism.

Índice de Figuras

FIGURA 1- PRINT DE UMA REPORTAGEM REALIZADA A UM ARTISTA E PERFORMER QUEER.....	20
FIGURA 2- PRINT DE UMA REPORTAGEM A UM COLETIVO E COMPANHIA DE TEATRO FEMINISTA QUE INAUGUROU UM ESPAÇO NO PORTO	21
FIGURA 3- FRAME DO VIDEOCLÍPE DE “CADERNINHO”, DE FILIPE SAMBADO E CONAN OSÍRIS	50
FIGURA 4- FRAME DO VIDEOCLÍPE DE “JÓIA DA ROTINA”, DE FILIPE SAMBADO (2020)	51
FIGURA 5- DIMENSÃO DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL PÚBLICO, EXPRESSO E OBSERVADOR	53
FIGURA 6- GÊNEROS JORNALÍSTICOS DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL PÚBLICO, EXPRESSO E OBSERVADOR REFERENTES A FILIPE SAMBADO.....	55
FIGURA 7- RELAÇÃO DOS ARTIGOS RECOLHIDOS COM A ARTISTA FILIPE SAMBADO	57
FIGURA 8- PRINT DO TÍTULO DE UMA REPORTAGEM DO JORNAL EXPRESSO SOBRE PESSOAS NÃO-BINÁRIAS QUE INCLUI O TESTEMUNHO DE FILIPE SAMBADO	59
FIGURA 9- CONTAGEM DE ARTIGOS REFERENTES A FILIPE SAMBADO QUE MENCIONAM CÓDIGOS DE AÇÃO QUEER	63
FIGURA 10- CONTAGEM DE TIPOS DE CÓDIGOS DE AÇÃO QUEER IDENTIFICADOS POR JORNAL	64
FIGURA 11- PRINT DE UMA NOTÍCIA SOBRE O NOVO ÁLBUM DE FILIPE SAMBADO, PUBLICADA NO JORNAL PÚBLICO A 29 DE SETEMBRO DE 2023	66
FIGURA 12- PRINT DE UMA NOTÍCIA DO JORNAL EXPRESSO SOBRE FILIPE SAMBADO E O LANÇAMENTO DO SEU NOVO ÁLBUM, PUBLICADA A 20 DE OUTUBRO DE 2023.....	70
FIGURA 13- PRINT DE UMA NOTÍCIA DO JORNAL OBSERVADOR SOBRE O LANÇAMENTO DO NOVO ÁLBUM DE FILIPE SAMBADO, PUBLICADA A 27 DE SETEMBRO DE 2023	73
FIGURA 14- PRESENÇA DA TEMÁTICA ARTIVISMO QUEER NO CORPUS EMPÍRICO RECOLHIDO	77
FIGURA 15- FREQUÊNCIA DE TIPOS DE EXPRESSÕES ARTÍSTICAS ARTIVISTAS POR JORNAL	78
FIGURA 16- PRINT DE UMA NOTÍCIA DO JORNAL PÚBLICO SOBRE FILIPE SAMBADO, PUBLICADA A 31 DE JANEIRO DE 2020	80
FIGURA 17- PRINT DE UM ARTIGO SOBRE FILIPE SAMBADO, PUBLICADO PELO JORNAL EXPRESSO A 25 DE SETEMBRO DE 2023	84
FIGURA 18- PRINT DE UM ARTIGO SOBRE FILIPE SAMBADO, PUBLICADO NO OBSERVADOR A 23 DE JANEIRO DE 2020.....	86
FIGURA 19- PRINT DE UMA NOTÍCIA DO JORNAL PÚBLICO SOBRE OS FINALISTAS DO FESTIVAL DA CANÇÃO, PUBLICADA A 23 DE FEVEREIRO DE 2020	96

FIGURA 20- PRINT DE UMA NOTÍCIA DO JORNAL OBSERVADOR SOBRE OS FINALISTAS DO FESTIVAL DA CANÇÃO, PUBLICADA A 29 DE FEVEREIRO DE 2020	99
--	----

Índice de Tabelas

TABELA 1- CONTAGEM DO NÚMERO DE ARTIGOS POR JORNAL E DIMENSÃO.....	54
TABELA 2 - CONTAGEM DO GÉNERO JORNALÍSTICO DOS ARTIGOS DISTRIBUÍDO POR JORNAL	55
TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO POR JORNAL DOS ARTIGOS COM RELAÇÃO DIRETA E INDIRETA COM A ARTISTA FILIPE SAMBADO	57
TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DE ARTIGOS SOBRE O FESTIVAL RTP DA CANÇÃO POR JORNAL	95

Lista de abreviaturas e de siglas

LGBTI+/LGBTQIA+ LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRANSEXUAIS, QUEER,
INTERSEXUAIS, ASSEXUAIS, MAIS (OUTRAS ORIENTAÇÕES SEXUAIS E IDENTIDADES DE GÉNERO)

FRTPC FESTIVAL RTP DA CANÇÃO

FEC FESTIVAL EUROVISÃO DA CANÇÃO

Prelúdio

Atualmente, Portugal é um dos países com uma das legislações mais progressistas no que diz respeito aos direitos da comunidade LGBTQIA+. Contudo, os avanços legislativos não refletem necessariamente numa maior aceitação social (Guerra, 2022a). De facto, na sociedade portuguesa ainda se encontram enraizados padrões e concepções conservadoras, principalmente em relação a questões de género e de sexualidade. Tal afirmação é evidenciada pelo relatório do Observatório da Discriminação Contra Pessoas LGBTI+ da ILGA Portugal que, de 2020 a 2022, registou 469 casos de discriminação e violência motivados por questões de identidade e expressão de género, orientação sexual e características sexuais (ILGA Portugal, 2023b).

O grande veículo da defesa dos direitos LGBTI+ em Portugal são os movimentos ativistas. Estes movimentos são reconhecidos pelo seu ativismo sincrético (Santos, 2018), ou seja, pela sua abordagem diversificada, que atua em múltiplas frentes, com ênfase na esfera política, jurídica e social. A cooperação entre ONGs, grupos informais e artistas é um traço distintivo dessa luta, assim como a flexibilidade e ausência de hierarquias formais (Santos, 2018; Tanques, 2012).

Neste ecossistema, a arte assume também um papel crucial como defende Guerra (2023a, 2023b). A arte é um poderoso instrumento de crítica social (Upton-Hansent *et al.*, 2020) e, sob a forma de ativismo, combina a expressão artística com compromisso político. Ativismo é um neologismo que emergiu no discurso académico no início do século XXI e descreve a arte que é, não só politicamente consciente, mas que possui um posicionamento político (Raposo, 2015). Neste contexto, o ativismo afirma-se como uma forma de resistência ao *status quo*, visando promover uma cidadania ativa e uma tipologia de ação baseada na intervenção política nas sociedades modernas (Guerra, 2022b).

Retomando a questão da aceitação social das identidades queer em Portugal, a investigação deposita o foco na representação do ativismo queer nos meios de comunicação portugueses. No âmbito dos Estudos de Jornalismo, prevalece a ideia de que o jornalismo funciona como um "Quarto Poder", ou seja, fiscaliza os três outros

poderes estatais (executivo, legislativo e judicial) e atua como mediador entre a opinião pública e o poder (Traquina, 2007). Entre os pensadores dos Estudos de Jornalismo, há também quem defenda que a imprensa deve ser um vetor de reformas sociais, promovendo as mudanças sociais necessárias.

Posto isto, importa perceber se os média são de facto órgãos impulsionadores de mudança ou não. Acerca disto, Hall (1993) argumenta que os órgãos de comunicação possuem um poder transformador enquanto órgãos legitimadores e promotores de aceitação social. Numa sociedade organizada segundo códigos e normas cisgénero e heteronormativas, pessoas queer com identidades não-binárias, não cumprem os códigos, logo, 'saem da norma' (Heck, 1972).

Considerando que os média são os definidores do senso comum e os legitimadores dos problemas políticos e sociais, importa perceber de que forma enquadram e mediatizam o trabalho de ativistas e artistas queer. Se de facto atuam enquanto catalisadores de reformas sociais, ou se, por outro lado, veiculam a ideologia dominante. Este estudo almeja ser um ponto de partida para futuras investigações que se debrucem sobre a intersecção entre os Estudos Queer e os Estudos de Média e Jornalismo, de modo a contribuir para uma compreensão diacrónica e sincrónica do papel dos média nas sociedades, para que estes se tornem mais inclusivos e em agentes promotores de diversidade cultural.

Para alcançar este objetivo foi utilizado como estudo de caso o trabalho da artista não-binária Filipe Sambado. Sambado é uma artista, compositora e produtora de 39 anos, com uma carreira na indústria da música portuguesa com mais de uma década. A metodologia adotada dispõe de um perfil predominantemente qualitativo e a técnica primordial aplicada foi a análise de conteúdo temática-categorial. Com efeito, foram recolhidos e categorizados artigos de três jornais portugueses: o jornal *Público*, local onde foi realizado o estágio curricular, o jornal *Expresso* e o jornal *Observador*. Após aplicada a metodologia, os dados foram cruzados com as notas do estágio curricular e com uma entrevista semi-diretiva à artista Filipe Sambado.

O primeiro capítulo desta investigação apresenta uma breve descrição do estágio realizado no jornal *Público*, descrevendo os processos de produção, as plataformas utilizadas, os trabalhos e temáticas trabalhadas relevantes para a investigação e, por fim, uma reflexão sobre a experiência. De seguida, no segundo capítulo, é desenvolvida a contextualização teórica sobre os diferentes conceitos-chave para a investigação. Este capítulo divide-se em três subcapítulos que tratam, respetivamente, dos conceitos de identidade de género e queer, assim como as diferentes correntes de pensamento ligadas à distinção entre a noção de género e de sexo e os diferentes significados de ser queer; de seguida, a segunda secção explora a arte – mais especificamente a música – como uma ferramenta de crítica e de resistência social. No último subcapítulo, explorámos a relação entre o ativismo LGBTQIA+ e os média.

O terceiro capítulo prende-se com a explicação da abordagem metodológica adotada para a investigação, assim como uma explicação em detalhe da sua aplicação. De seguida, o quarto capítulo subdivide-se em duas secções. A primeira versa sobre a vida e obra da artista Filipe Sambado, analisando o ativismo presente nas suas músicas e performances. Já a segunda, descreve o perfil do *corpus* empírico recolhido.

Já o quinto capítulo debruça-se sobre a primeira categoria definida através da análise temática-categorial: códigos de ação queer. Neste capítulo o *corpus* empírico é analisado segundo a perspectiva de códigos de ação queer: que notícias contêm códigos ou não, que códigos aparecem frequentemente ligados ao trabalho de Sambado e de que forma são descritos e explorados nos artigos.

O sexto capítulo discorre sobre o retrato do ativismo queer de Sambado nos média. Neste capítulo, inicialmente, foram selecionados os artigos que abordavam a temática e, posteriormente, investigado quais as expressões artísticas de artistas associadas a Sambado e se a produção cultural da artista era retratada como uma ferramenta de resistência e denúncia ou se não era dado destaque a essa faceta política da obra.

Por fim, no sétimo capítulo é explorada a exposição mediática obtida por Sambado aquando a sua participação no Festival RTP da Canção. Dado ser um concurso musical com uma vasta audiência e grande destaque mediático, uma porção relevante do *corpus*

empírico estava relacionado com a participação (e posteriores atuações como convidada) da artista no certame. Neste capítulo, são exploradas as razões que levaram a artista a participar no concurso, de que forma foi retratada a sua performance pelos média em investigação e o que impacto teve o concurso na carreira de Filipe Sambado.

CAPÍTULO 1. Uma antecâmara

Inserido no plano curricular do Mestrado em Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o estágio realizado na redação do Porto do Jornal *Público* teve a duração de três meses, tendo começado no dia 4 de setembro de 2023 e terminado a 4 de dezembro do mesmo ano. Os motivos que orientaram a escolha deste órgão de comunicação foram os seguintes: o interesse em futuramente, ingressar na área; aprender, na prática, as dinâmicas e funcionamento de uma redação e, por fim, por considerar, no panorama jornalístico português, o *Público* um jornal progressista e de referência na imprensa nacional, dada a qualidade e abordagem da sua produção noticiosa.

O processo de candidatura decorreu entre abril e agosto de 2023, tendo iniciado contacto via e-mail para alguns dos jornalistas da redação do Porto, assim como, para o e-mail geral da instituição. A entrevista deu-se no dia 26 de maio de 2023, pelas 11 horas da manhã e foi dirigida pelo atual diretor, David Pontes. Neste encontro, o diretor do *Público* procedeu ao levantamento das minhas áreas de interesse e experiência no ramo. Após esta primeira troca de impressões, foi-me explicado como decorreria o estágio, quais as secções do jornal onde iria trabalhar e, por fim, foram discutidas as possíveis datas de início e o horário de trabalho.

O Jornal *Público* foi fundado em 1990, e desde a sua criação que se encontra na linha da frente “das mudanças tecnológicas” (Bastos, 2023: 54), impulsionando o progresso também noutros órgãos de comunicação portugueses. Desde a sua fundação, o diário matutino é uma parte integrante do grupo económico *Sonae*, e o seu primeiro diretor foi o jornalista Vicente Jorge Silva. Durante o período de realização do estágio, a direção editorial compunha-se pelo diretor David Pontes e diretores-adjuntos Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage e Tiago Luz Pedro. Tendo sido colocada na secção *Local*, a minha orientadora de estágio era a editora da secção, Ana Fernandes.

Dado a minha orientadora do local de estágio fazer parte da redação do Jornal *Público* em Lisboa, o acompanhamento foi realizado através de conversas telefónicas e mensagens pela plataforma *WhatsApp*. No primeiro dia de estágio fui recebida pelo

jornalista do *Local* André Borges Vieira, que me fez uma visita guiada pela redação, indicou o lugar de cada uma das secções do jornal e explicou-me como funcionava o *back office on-line* do órgão de comunicação. O primeiro dia resumiu-se a explorar as diversas funcionalidades do *back office*, criar um e-mail institucional e tratar de burocracias informáticas como a instalação do VPN de segurança no meu computador pessoal.

A secção *Local*, no Jornal *Público*, encontra-se dividida entre *Local Porto* e *Local Lisboa*. Apesar de adotarem os nomes destas grandes metrópoles, as duas subsecções tratam não apenas de assuntos relacionados com estas cidades, mas também, de conteúdo noticioso de toda a região norte do país (no caso do *Local Porto*) e da região sul (no caso do *Local Lisboa*). A editora é comum a ambas as subsecções.

A secção é composta por seis jornalistas. Estando inserida no *Local Porto*, os jornalistas com quem tive mais contacto foram o jornalista André Borges Vieira, o Camilo Soldado e a jornalista Mariana Correia. O primeiro artigo produzido para a secção consistiu numa reportagem sobre o *Metro Bus* na cidade de Gaia, a ideia partiu do diretor do jornal, que chamou a atenção da secção para a situação, sendo que a tarefa me foi entregue a mim. Além desta reportagem, elaborei outros 15 artigos para a secção, entre eles três reportagens (Anexo 4). Porém, algo que os jornalistas da redação fizeram questão de salientar é que, apesar de estar afeta ao *Local Porto*, isso não deveria ser um impedimento para trabalhar e colaborar noutras secções.

Transportando este conselho para a prática, iniciei a colaboração com outras secções do jornal. As secções com que mais colaborei foram o *P3* (secção de jornalismo para jovens) e o *Azul* (secção dedicada ao ambiente), tendo também elaborado alguns artigos para *Sociedade*. À data, as subeditoras do *P3*, Inês Chaíça e Renata Monteiro, e as editoras do *Azul*, Andrea Cunha Freitas e Cláudia Carvalho Silva, foram as profissionais com quem tive mais contacto e que orientaram o meu trabalho para as respetivas secções. Além destas, também troquei impressões com as jornalistas Mariana Durães, do *P3*, e a Aline Flor, do *Azul*. Para a secção de ambiente, *Azul*, produzi seis artigos (Anexo 4), salientando a cobertura de um debate sobre formas sustentáveis de deslocação dentro das cidades

e uma investigação sobre o transporte de animais vivos para consumo de carne, dentro da União Europeia.

O *P3* foi, sem dúvida, a secção para a qual produzi mais conteúdo. Nos 17 artigos produzidos (Anexo 4) para esta secção, tive a oportunidade de explorar temáticas e ideias que queria trabalhar, mas também auxiliar na agenda da secção. Foi no *P3* que tive oportunidade de trabalhar a temática do ativismo, elaborando artigos como: “Cassandra já tem uma casa ‘só sua’- e é um espaço de resistência no Porto”, sobre uma estrutura artística feminista; ou, por exemplo um perfil sobre um artista e performer *queer*, “ALLiAN veio agitar as raves *queer* no Porto com música que berra as injustiças”. Ademais, produzi conteúdo noticioso sobre outras formas de expressão artística aliadas ao ativismo, como o cinema e a fotografia (Anexo 4). Tive também a oportunidade de cobrir uma manifestação sobre a habitação na cidade do Porto.

Figura 1- Print de uma reportagem realizada a um artista e performer queer



Fonte: Jornal Público <https://www.publico.pt/2023/11/29/p3/noticia/allian-veio-agitar-raves-queer-porto-musica-berra-injusticas-2068598>

Figura 2- Print de uma reportagem a um coletivo e companhia de teatro feminista que inaugurou um espaço no Porto



Fonte: Jornal Público <https://www.publico.pt/2023/10/21/p3/noticia/cassandra-ja-casa-so-sua-lugar-resistencia-porto-2067433>

No total, ao longo do meu período de estágio, elaborei 36 artigos de produção própria, entre os quais nove foram reportagens (Anexo 4). Durante este período de três meses, todos os jornalistas com quem contactei me impulsionaram a não ter receio de propor ideias ou temas que até então nunca tinham sido abordados pelo jornal. O meu processo de seleção e de desenvolvimento de ideias passou por estar sempre ao corrente da produção noticiosa do jornal, mas também de outros órgãos de comunicação. Além disso, estar a par das redes sociais e das temáticas debatidas nestas plataformas e que ainda não tinham chegado aos órgãos de comunicação tradicionais. O processo de construção dos artigos começava por uma extensa pesquisa sobre o tema e analisar o que o Jornal *Público* já tinha noticiado sobre o assunto. Após a pesquisa, procedia a um levantamento de especialistas e investigadores sobre o tema ou organizações relevantes para obter o seu testemunho. Tendo recolhido toda a informação necessária e testemunhos pertinentes seguia-se o tratamento da informação e elaboração da notícia. Em suma, o estágio no Jornal *Público* foi enriquecedor em vários aspetos. Primeiramente, tive a oportunidade de trabalhar na redação de um dos jornais de

referência em Portugal, perceber as dinâmicas de uma redação, conhecer os seus profissionais e trabalhar com as ferramentas digitais que utilizam. A nível profissional, pude praticar e aprender com excelentes profissionais, consegui explorar vários temas, de jornalismo para jovens a jornalismo de proximidade, entrevistei inúmeras pessoas e conversei com especialistas de diversas áreas. Consegui perceber, enquanto jornalista, quais as temáticas pelas quais tenho especial interesse e as melhores estratégias quando estou a construir um artigo. Para além de ter tido oportunidade de aprofundar conhecimentos, este estágio dotou-me de ferramentas que serão essenciais enquanto futura profissional.

No que a esta investigação diz respeito, o estágio também se revela útil. Apesar de não ter trabalhado diretamente com a artista Filipe Sambado, trabalhei a questão do ativismo para o *P3*. O conteúdo que produzi para esta secção fez com que pudesse tirar algumas ilações sobre a forma como este tema é tratado pelo jornal.

Contudo, apesar de o estágio somar bastantes pontos positivos, existem alguns aspetos negativos que importa salientar. O primeiro prende-se com a formação sobre o *back office* do jornal, esta plataforma, onde se faz o upload de notícias, infografias, fotogalerias e se consultam as notícias das agências noticiosas, tem bastantes detalhes que é necessário dominar a fim de produzir um bom artigo. Porém, no meu caso, a formação dada sobre o *back office* foi feita por um dos jornalistas, algo rápido, breve e insuficiente, fazendo com que aprender as diferentes funcionalidades da plataforma tivesse sido um processo de “tentativa/erro”.

Outro aspeto negativo foi a falta de orientação presencial. Sendo a minha orientadora do local de estágio afeta à redação de Lisboa, a minha orientação ao longo do estágio foi feita, maioritariamente, através de mensagens *WhatsApp*. A orientação presencial a que tive acesso foi dada por parte de jornalistas e editores de outras secções, com destaque para as editoras do *P3* e do *Azul*.

CAPÍTULO 2. O ativismo queer e os médias

2.1. Identidade de género e queer

Antes de partir para a análise empírica, é necessário examinar e discutir os conceitos centrais em torno do tema do ativismo queer. A identidade de género é um dos temas mais relevantes para esta investigação e um dos objetos de Estudos de Género e Estudos Queer mais debatidos.

Importa salientar que a Teoria Queer, enquanto área de investigação, surge na década de 1990, nos Estados Unidos. Esta disciplina assenta na conjugação do conceito de queer, discutido neste capítulo, com a conceção pós-modernista da dissolução de fronteiras e definições estanques, defendendo que as identidades e sexualidades são fluídas (Guerra, 2017b). A conceção de sexualidade e identidades fluídas é, em todos os aspetos, um assunto político, na medida em que desafia a lógica heteronormativa dominante e o controlo da sexualidade pelo Estado (Foucault, 1976).

Precursor de teóricos da Teoria Queer, como Judith Butler, o pensamento de Foucault põem em evidência a relação entre o poder e a sexualidade e de que forma estas estão intimamente ligadas. De acordo com o teórico, na obra *The History of Sexuality, Volume I: The Will to Knowledge* (Foucault, 1976), são vários os mecanismos através dos quais as estruturas de poder regulam a sexualidade, nomeadamente através do discurso. Segundo Foucault (1976), que rejeita a premissa da repressão, a proliferação do discurso sobre sexo, a partir do século XVIII, é um dos mecanismos principais do seu controlo, pois permite às estruturas de poder definir o que é considerado normal, ou anormal, saudável, moral ou imoral. Para o filósofo, a relação entre o poder e a sexualidade é central ao funcionamento das sociedades modernas, porém este enfatiza que existe espaço para resistência e subversão e que indivíduos, ou grupos, podem desafiar as normas da sexualidade, criando formas de identidade e relações sociais.

Na senda de Foucault, académicas como Judith Butler (2017) defendem que a discussão em torno da identidade de género vai para além da distinção simplista: sexo- biológico; género- cultural. Para efeitos da presente investigação será adotada uma distinção entre sexo e género, que contesta que o género é o resultado causal do sexo biológico. Isto é,

independentemente do sexo biológico de um indivíduo, o género é cultural e socialmente construído. Ora, se o género é cultural e socialmente construído, e se prende com os significados que o corpo e a sexualidade assumem, então o género não é resultado do sexo, tornando-se antes uma construção fluída e que pode estar em constante evolução e mudança (Butler, 2017).

Tendo presente esta cisão entre sexo e género, existe outro aspeto desta discussão que é importante salientar: o sistema binário de géneros. Mesmo que o sexo possa ser binário- o que é também discutível- não há nenhuma razão para assumir que o género é binário. Aliás, tal como Butler argumenta, arrogar que o género é binário, implica uma crença na “relação mimética entre género e sexo, em que o género espelha o sexo ou é por ele restringido” (1999: 62). Ora, o género não decorre do sexo, não é binário e é cultural e socialmente construído. Mas o que quer isto dizer? Para Butler, o género é performativo, é um “fazer” através do qual se constrói a identidade. Desta feita, a identidade de género decorre deste “fazer” [*doing gender*] de género, ou seja, a identidade constrói-se através das “expressões” de género (2017). A expressão de género, e consequentemente, a identidade de género podem ir ao encontro dos binómios masculino/feminino ou podem romper com esta normatividade.

É quando se fala desta disrupção com a norma que surge o termo queer. Este conceito é comumente designado por termo “guarda-chuva”, visto ser utilizado para descrever todos aqueles que se inserem no espectro não normativo no que concerne a identidade e experiências de género (Guerra, 2022b). O interesse nos estudos queer tem aumentado no mundo académico e têm sido empregues esforços crescentes para encontrar uma definição do termo queer o mais detalhada possível. Porém, como salienta Paula Guerra, talvez este conceito “não é passível de ser cabalmente definido” (2022a:2). Este termo “guarda-chuva”, que incorpora todas as experiências e identidades de índole não normativa, está em permanente atualização dadas as constantes mudanças sociais. Ademais, queer adquire diferentes significados dependendo do contexto geográfico, de condicionalismos sociais, culturais, políticos ou económicos (Guerra, 2022b).

Inicialmente, o termo queer era utilizado para descrever algo peculiar ou anormal. Entretanto, a palavra começa a ser usada como um insulto dirigido, maioritariamente, contra homens homossexuais. Atualmente, o conceito foi recuperado por ativistas da comunidade LGBTQIA+ e é utilizado para assinalar a insurgência contra a homofobia e outras formas de discriminação sexual e de género.

Queer pode também funcionar como diminutivo da comunidade LGBTQIA+ (Griffney, 2009), mas não se fica por aí. Segundo Griffney, no ramo académico, o debate em torno deste conceito prende-se com o facto de este significar uma identidade, isto é, de poder ser considerado uma não-identidade. Historicamente o conceito está ligado a fluidez na identidade, a desordem que ultrapassa categorias discretas de identidade que permanecem estáticas durante toda a vida de um indivíduo. Ou seja, *queer* não é uma identidade, mas uma crítica à identidade cristalizada e estática (Griffney, 2009).

Tal como Griffney alude no seu texto *The 'q' word*, queer não é uma identidade, mas perturba a identidade. Impulsiona o indivíduo a colocar questões sobre as estruturas sociais e os códigos de conduta que lhe foram impostos enquanto, simultaneamente, constrói um espaço de autorreflexão: “É uma questão sem um ponto de interrogação” (Griffney, 2009: 2).

Ainda sobre este tema, Duguay (2023), num estudo realizado sobre a comunicação das identidades queer através do *TikTok*, fala-nos sobre a existência de tecnoculturas queer na contemporaneidade que, por seu turno são identificáveis através de signos culturais e digitais, tais como referências a celebridades, *hashtags*, filtros, *emoji* ou *GIF* que são partilhados. Na verdade, estes estudos vão ao encontro do que fora previamente enunciado, ao nível das perturbações da identidade e, mais ainda, podem ser vistos como um prelúdio face ao entendimento do nosso objeto de estudo.

Na mesma senda, Julian Wolfreys (2004) destaca a resistência da palavra queer em ser definida. A autora ressalva, contudo, que apesar de o conceito ser complexo, este incita ao questionamento da norma, à crítica dos limites normativos e, até mesmo à crítica do ato de conceptualização em si mesmo. Para discutir extensivamente o conceito queer seria necessário elencar outras correntes e perspectivas teóricas dos Estudos Queer e de

Género. Todavia, esse não é o foco deste estudo. Para a presente investigação tornou-se imperativo perceber a complexidade do que significa queer e a crítica à normatividade e símbolo de resistência que este termo representa. Além disso, torna-se claro que os diferentes significados de queer estão diretamente relacionados e interagem com aspetos como a etnia, nacionalidade, cultura, idade, religião, política, economia, deficiência, classe, para destacar alguns (Griffney, 2009; Guerra, 2024a).

Paralelamente, nos anos recentes temos vindo a atestar o surgimento de pensadores queer na academia, cujo principal objetivo é o de contestar as construções sociais em torno do género e das comunidades marginalizadas, inclusivamente das comunidades LGBTQIA+. A estas questões somam-se iniciativas de carácter ativista que, recentemente, têm adquirido um lugar de destaque na academia. O conceito de ativismo em relação às identidades queer traduz um propósito explícito de ativismo político, através do qual a arte assume um papel de potencial transformador das sociedades contemporâneas. Nesse sentido, quando nos debruçamos sobre comunidades e/ou indivíduos que tendem a ser invisibilizados pela massificação, relações de poder e demais relações de opressão, exclusão e marginalização, o ativismo surge como uma prática que lhes permite transmitir a sua mensagem. É neste interstício que encontramos Filipe Sambado.

Atendendo ao objeto de estudo desta investigação- o ativismo da artista Filipe Sambado, este não pode ser analisado num vácuo. Filipe Sambado assume-se enquanto uma pessoa de identidade fluída ou queer¹ no seio da indústria musical portuguesa. Torna-se, pelo exposto anteriormente, importante demonstrar como é que o conceito queer, no contexto português e no caso específico de Filipe Sambado se manifesta enquanto uma identidade histórica, socialmente construída e uma forma de resistência face à normatividade.

¹ Apesar de discutido que *queer* é uma não-identidade, daqui para a frente, quando referido como tal, será para designar todas as identidades e experiências de género e de sexualidade não normativas.

2.2. Música e ativismo queer

A arte, no geral, e a música em particular, sempre foram poderosos instrumentos de crítica social (Upton-Hansen *et al.*, 2020). Temos exemplos de subculturas, como o punk em meados dos anos 1970 e nos anos 1980, que negava as tendências da música popular tendo uma produção cultural- e uma estética- subversiva (Guerra *et al.*, 2017). Inerente ao *punk* estava um espírito *do-it-yourself*, associado à produção cultural, principalmente musical. Os indivíduos que integravam esta contracultura revoltavam-se contra a música enquanto produto de mercado, rádios *mainstream* e sons estandardizados que grandes editoras musicais lançavam para a cultura de massas. Porém, até mesmo na produção cultural de subculturas como o punk, que disseminavam valores como a igualdade de gênero, esta não era real. No caso do punk, as mulheres estavam vetadas a posições subordinadas, como consumidoras ou observadoras. No punk, as mulheres eram “as namoradas” e eram raros os casos em que assumiam o papel de produtoras de cultura (Guerra *et al.*, 2017).

As desigualdades de gênero no ramo da música têm sido amplamente estudadas. Geralmente, desigualdades deste tipo implicam um sistema de práticas sociais que categorizam homens e mulheres como sendo diferentes (Guerra, 2022b). Os estudos com enfoque nas desigualdades de gênero entre mulheres e homens demonstram uma indústria com desigualdades profundamente enraizadas, um “clube de homens” (Strong & Raine, 2019: 1) onde mulheres não podem aceder. Segundo Strong e Raine (2019), as mulheres recebem uma compensação menor por direitos de autor, as suas músicas são passadas menos vezes nas rádios, nas *playlists* da plataforma de *streaming Spotify* as suas músicas têm menos destaque, têm uma maior probabilidade de verem as suas carreiras encurtadas e são muito poucas as mulheres que se encontram em altos cargos na indústria da música.

Apesar dos avanços na luta pela igualdade de gênero, são ainda impostos inúmeros entraves às mulheres, principalmente em ramos artísticos onde a sua participação permanece arreigada e limitada a papéis de gênero de uma sociedade patriarcal (Guerra

& Gerlain, 2022), como é o caso da indústria da música, onde as mulheres são vetadas a lugares periféricos (Guerra *et al.*, 2017).

Porém, tal como Paula Guerra (2022a) destaca, as desigualdades não se limitam só a homens e mulheres, aliás no caso de pessoas não-binárias, no ramo da música, estas desigualdades são ainda mais profundas e menos estudadas. Na música, as mulheres são sub-representadas, já pessoas não-binárias são completamente esquecidas e os seus contributos para a história da música olvidados (Galloway & Sannicandro, 2019). A visão hegemónica e heteronormativa de que a música é um produto cultural feito para o prazer masculino tem vindo a sofrer alterações. Atualmente, alguns códigos de ação queer já podem ser observados na produção musical, impulsionando o questionamento da normatividade e a transformabilidade das identidades (Guerra, 2022b). Contudo, apesar de códigos de ação queer começarem a integrar a produção musical, a indústria é ainda um ramo onde a desigualdade de género perdura. Estamos perante uma indústria com um sistema hierárquico e falocêntrico que marginaliza não só mulheres, mas também indivíduos com identidades não-binárias (Guerra, 2023). Posto isto, e considerando que o nosso objeto de estudo é uma artista não-binária portuguesa, é imperativo olhar para o contexto português.

Portugal é um dos países do designado “Norte Global”: a Revolução de Abril de 1974 e, uns anos mais tarde, a entrada para a União Europeia fizeram com que o país abrisse fronteiras à multiculturalidade e a novas formas de pensar (Guerra, 2024b). O movimento pelos direitos de pessoas LGBTQIA+ começa a dar os primeiros passos após a Revolução de 1974, e, em 1980 já se registam algumas iniciativas e grupos LGTBI+ embrionários (Ângelo, 2023; Santos, 2018). É importante destacar que este movimento, desde o final da ditadura, teve de conviver com uma presença forte da Igreja Católica, que marcou e influenciou os debates sobre, por exemplo, o casamento de pessoas do mesmo sexo (Santos, 2018).

Foram necessários oito anos após a Revolução dos Cravos de 1974 para a homossexualidade ser descriminalizada, em 1982. A Revolução não foi para todos, e nos anos que se sucederam ao 25 de abril, a sociedade portuguesa era ainda guiada por preceitos profundamente conservadores e homofóbicos. Tal como destaca Guerra, após

o 25 de abril de 1974, o General Galvão de Melo, “afirmou na televisão que a revolução não tinha sido feita para homossexuais e prostitutas” (Guerra, 2017a: 516). Aliás, o grupo Fado Bicha – queer e com uma forte componente de atuação ativista – utilizam esta citação no início do videoclipe da sua música “Marcha do Orgulho” (2019)², cujo conteúdo pode ser entendido enquanto ode às identidades queer.

É então neste contexto pós-revolução e de abertura à multiculturalidade, mas ainda fortemente marcado pela influência da Igreja Católica e pelo conservadorismo, que os movimentos LGBTQIA+ começam a florescer, de forma mais evidente na década de 1990 (Ângelo, 2023). Aliás, 1995 é considerado o “ano chave” do desenvolvimento destes movimentos, visto ter sido o ano em que se celebrou pela primeira vez em Portugal o motim de Stonewall, em Lisboa. A celebração foi organizada pelo Grupo de Trabalho Homossexual, um coletivo fundado em 1991 e pertencente ao Partido Socialista Revolucionário (Santos, 2018), e serviu de ensaio para o Arraial *Pride* que se realizou dois anos depois, e que continua a acontecer na atualidade. É também neste ano que nasce a ILGA-Portugal, coletivo ainda hoje ativo, e que a questão homossexual começa a ser discutida na esfera política portuguesa, recebendo atenção por parte dos média, apesar de ainda tratada com bastante preconceito pelas altas figuras do Estado.

O silêncio na esfera política relativamente à comunidade LGBTQIA+ vai desvanecendo com o passar dos anos e a discussão parlamentar começa a incidir sobre a temática com maior frequência. Depois de um hiato de 19 anos após a descriminalização da homossexualidade, os avanços jurídicos são retomados em 2001, com a lei das uniões de facto, o casamento civil em 2010 e a lei da identidade de género, promulgada em 2011. Ao nível do Código de Trabalho, desde 2003, é proibida a discriminação com base na orientação sexual, e, desde 2007, com a Revisão do Código Penal, uniformizou-se a idade do consentimento, deu-se o reconhecimento de violência doméstica por parte de indivíduos do mesmo sexo e o agravamento de penas no que concerne crimes de ódio por discriminação sexual (Santos, 2018).

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mCkPxNk5N50>

Recentemente, em 2016, foi aprovado o acesso a todas as mulheres, independentemente do seu estado civil, orientação sexual e diagnóstico de fertilidade, à Procriação Medicamente Assistida. Em 2018, após o veto do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, é promulgado um decreto relativo ao direito à autodeterminação da identidade e expressão de género e à proteção das características sexuais de cada indivíduo (Santos, 2018). Já em 2024, os movimentos LGBTQIA+ alcançaram uma nova conquista: a criminalização de terapias de Conversão, que proíbe as práticas de conversão sexual e criminaliza quaisquer atos dirigidos à “à alteração, limitação ou repressão da orientação sexual, da identidade ou expressão de género” (in Diário da República, Lei nº15/2024, 2024).

Atualmente, Portugal tem uma das legislações mais avançadas no que concerne a proteção e reconhecimento de direitos de pessoas da Comunidade LGBTQIA+, ocupando a décima-primeira posição do *ranking* anual da instituição ILGA Europa (ILGA Europa, 2023a), o grande motor destes avanços foi o ativismo LGBTI+ (Santos, 2018). Contudo, legislação não equivale a reconhecimento social e, nesse âmbito, o país continua ancorado a configurações convencionais de género e de sexo (Guerra, 2022b), o relatório anual do Observatório da Discriminação Contra Pessoas LGBTI+ da ILGA Portugal ilustra isso mesmo: entre os anos de 2020, 2021 e 2022, este órgão recolheu um total de 469 denúncias relacionadas com preconceito, discriminação e violência em função da identidade de género, expressão de género, orientação sexual ou características sexuais das vítimas (ILGA Portugal, 2023b).

Olhando para o exemplo do ativismo LGBTQIA+ em Portugal, conseguimos perceber que este tem um foco mais jurídico do que judicial, e, além disso, é considerado uma espécie de ativismo sincrético (Santos, 2018). A característica central do ativismo sincrético é a agenda multifacetada e a ação em várias frentes, não se detendo apenas num objetivo em concreto. Ademais, como destaca Tanques, estes movimentos não operam mediante divisões rígidas e as suas relações são flexíveis tendo em comum o objetivo de mudar a ordem social existente (Santos, 2018; Tanques, 2012).

Atualmente assiste-se a um afastamento, principalmente das camadas mais jovens, das formas usuais de ação política, como os partidos. Como Guerra (2019: 29) declara, as

práticas ativistas são direcionadas para o “político” e não para “a política”. É notório um afastamento da política e uma maior colaboração entre artistas e movimentos sociais. Estes movimentos são flexíveis, pouco estruturados e guiados por relações de afinidade e não por partilha ideológica (Guerra, 2019). O Movimento LGBTQIA+ português ilustra isso mesmo, sendo sincrético, lutando em várias frentes, contendo organizações instituídas e grupos informais. É neste contexto que importa perceber de que forma a arte contribui e é parte deste movimento reivindicativo e de resistência.

Tal como Christopher Upton-Hansen, Kolbe e Savage (2020) evidenciam, a arte é uma poderosa ferramenta de crítica social. E, apesar de recentes preocupações com a perda do seu poder crítico, relacionadas com motivos capitalistas- como a sua comercialização e financiamento (Upton-Hansen *et al.*, 2020), existem inúmeros exemplos de artistas que aliam a sua produção cultural à crítica social e ao ativismo. Segundo Paula Guerra, atualmente “a ideia de que a arte está ao serviço do ativismo e de uma cidadania ativa é, cada vez mais, elemento estrutural das identidades que mapeiam sociedades contemporâneas” (2022b: 21).

A arte ao serviço do ativismo é designada de ativismo. Dado ser um dos temas centrais a esta investigação urge o desenvolvimento e discussão deste conceito, principalmente aliado a códigos de ação queer.

Analisando com mais profundidade o termo ativismo, este neologismo terá entrado no contexto académico no início do século XXI, através de um trabalho das investigadoras Chela Sandoval e Gisela Latorre (2008). O conceito representava a prática e obra de quem procura uma ligação entre a arte e o ativismo, algo que exigia não apenas consciência, mas também um posicionamento político no mundo (Raposo, 2015). Este conceito remete à antiga ligação entre a arte e política e ao papel crucial da arte enquanto mecanismo de resistência ao *status quo* (Guerra, 2019).

O ativismo tem como influências o graffiti, a arte urbana e as culturas *do-it-yourself*, como o caso do punk (Guerra, 2023b). A cidade, o espaço urbano e público, são o local de eleição para artistas exporem a sua arte que, dada a sua natureza estética e simbólica que impele o questionamento e visa a mudança ou resistência a conjunturas

de um dado contexto histórico e social (Raposo, 2015). Por isso, o ativismo é concomitantemente causa, reivindicação social e rutura artística, visto oferecer “cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística” (Raposo, 2015; 5).

Neste contexto, a cidade assume importância enquanto espaço de luta por visibilidade, mas Duncombe e Lambert (2021) destacam também a importância do corpo quando se fala de ativismo. O corpo acarreta uma enorme importância simbólica e material no que concerne a identidade política, ademais, no caso de corpos queer, são eles próprios revolucionários, subversivos e disruptores da norma (Latorre, 2022). Por isso, e considerando a luta diária que ativistas e indivíduos queer enfrentam por viverem no seu corpo e ocuparem o espaço urbano, é natural que também o corpo se assuma como tema central e mobilizador do ativismo queer (Pereira, 2008).

O ativismo pode assumir várias formas e expressões artísticas, manifestadas no espaço público. Um exemplo recente deste ativismo é o caso de Mariana Moraes, uma artista brasileira e imigrante, que começou a questionar a arte pública da cidade do Porto. Com base nesse questionamento, Mariana desenvolveu o projeto *Headless women in public art* (Sousa, 2024). A obra consiste no mapeamento de todas as estátuas que representam torsos femininos e a criação de narrativas alternativas para “terem perdido a cabeça”, impulsionando o processo de questionamento do papel da sexualização do corpo feminino na arte pública, em particular a arte pública portuguesa. Além disso, o trabalho de Moraes serve também outro propósito, inverte a narrativa de que mulheres imigrantes, um grupo minoritário, têm de se subordinar às regras e ideias do país onde residem, acabando a artista por argumentar que a cultura deste pode ser desafiada e influenciada pelas experiências destas mulheres (Sousa, 2024).

Considerando o ativismo musical em particular, existem vários exemplos de como a música é uma poderosa ferramenta de reivindicação, luta no espaço público e ferramenta de transmissão de esperança. No rescaldo da Primavera Árabe, a investigadora Amina Boubia analisou a cena musical árabe contemporânea e as tendências artísticas da juventude árabe. A académica concluiu que estas constituíam um importante registo dos acontecimentos políticos da zona e que foram os primeiros

indicadores de que a mudança na Arábia estava em curso e se aproximavam revoluções (Boubia, 2015).

Pautados por uma carência de programas de apoio ao crescimento económico e de apoio ao emprego e educação jovem, a conjuntura que pautava os países árabes antes da Primavera Árabe era de extremas desigualdades económicas, a prosperidade e melhoria das condições de vida era impossível para a maioria dos cidadãos. A par disto, as intrincadas relações entre as elites políticas e económicas destes países constituíam os maiores impedimentos para a melhoria da qualidade de vida das populações (Cabasés *et al.*, 2015). Concomitantemente, a luta pelos direitos sociais estava também limitada dado existirem leis restritivas sobre o associativismo e a criação de organizações não governamentais. Ora, perante esta conjuntura e uma crescente descrença e desconfiança nos governos, em 2011, as populações de vários países do mundo árabe saem às ruas, reivindicando o fomento do emprego jovem e do incentivo ao empreendimento, proteção social, liberdade de associação, de expressão e eleições livres (Cabasés *et al.*, 2015).

Na Primavera Árabe o ativismo musical teve um papel crucial no fomento da revolução (Boubia, 2015). Numa região onde a democracia é a exceção, a criação artística permite um sentimento de realização pessoal e, quando o produto artístico é partilhado com outros, torna-se uma forma de ação e resistência coletiva. No mundo árabe, a criação e resistência artística é levada a cabo pelas camadas jovens da população, que constituem a maioria, e estes percursos artísticos e criativos acabam por ilustrar as mudanças políticas e sociais da zona.

Ademais, dada a ambiguidade da arte e a facilidade com que a música pode ser transmitida entre indivíduos, esta torna-se um poderoso instrumento de transmissão de mensagens de esperança (Boubia, 2015). Porém, no caso da Primavera Árabe, o ativismo musical foi ainda mais longe. Na Tunísia, a sociedade enfrentava uma forte repressão e censura sob o regime de Ben Ali, o que impulsionou os artistas a prosseguirem o ativismo como forma de resistência. Estes compreenderam que estilos musicais como o heavy metal, hip-hop, rap e outros géneros musicais ocidentais eram poderosas ferramentas de ameaça à ordem estabelecida. Na Tunísia, a intolerância de

qualquer tipo de criação artística contribuiu para a revolução que, eventualmente levou ao colapso do regime (Boubia, 2015).

Durante a Primavera Árabe, os artistas apoiaram os movimentos revolucionários de vários países e supervisionavam as transições democráticas. Os rappers em particular ficaram conhecidos como “lutadores pela liberdade”, servindo-se do poder emocional das suas músicas para motivar os protestantes (Boubia, 2015: 322). Tal como argumentado por Guerra (2017a), também neste caso a música foi para além da denúncia e de um mero objeto refletivo da realidade social, as próprias canções, e os seus autores, constituíram-se como motores de agitação e mudança.

A análise feita por Amina Boubia sobre a região árabe contém algumas semelhanças ao caso português, no que diz respeito à canção de protesto nos tempos da ditadura Salazarista. A canção de protesto nasceu em Portugal como uma reação ao regime fascista e transformou-se num símbolo da Revolução dos Cravos que libertou o país das amarras da ditadura (Sardo, 2014). Canção de intervenção ou de protesto surge no ambiente estudantil português e é marcada pela revolta face à Guerra Colonial e pela tomada de consciência da situação política portuguesa. Os primeiros exemplos da canção de protesto foram interpretados por cantautores como Adriano Correia de Oliveira, Manuel Alegre e José Afonso (Sardo, 2014), músicos que atualmente ainda são considerados símbolos da liberdade.

À semelhança do que sucedeu na Primavera Árabe, os cantautores portugueses viam na música um instrumento eficaz de difusão da mensagem política. Dada a ameaça que representavam para o regime, grande parte destes artistas foram mobilizados para a Guerra em África, saíram do país como objetores de consciência- para evitar a mobilização-, tornaram-se exilados políticos ou foram presos pela polícia política (Sardo, 2014). Porém, apesar dos esforços do regime, a revolução triunfou e a música teve um papel crucial. Além da canção de protesto “Grândola Vila Morena”, de José Afonso, ter sido a senha da revolução, as canções de intervenção foram responsáveis pela mobilização das massas, pela transmissão de mensagens de resistência e liberdade e tornaram-se um registo da vida em tempos de ditadura (Sardo, 2014). Tal como no

exemplo da Revolução árabe, estes artistas- apesar de à data o conceito ainda não existir- foram cruciais tanto na resistência como na mudança do *status quo*.

Ora, como demonstrado, a música e os artistas que a produzem, são importantes atores nos movimentos sociais e de resistência. Atualmente, apesar de Portugal já não se encontrar sob o domínio de um regime fascistas, a sociedade portuguesa é ainda marcada por enormes desigualdades e problemas sociais profundos, enraizados em preceitos conservadores, nomeadamente no que à Comunidade LGBTQIA+ diz respeito (Guerra, 2022a). Por isso, o movimento da canção de protesto não cessou, mas adaptou-se à realidade e aos problemas da sociedade atual.

O objeto de estudo desta investigação, Filipe Sambado, é um exemplo de uma cantautora e artista queer. As desigualdades sociais e preconceitos relacionados com a comunidade queer, encontram-se também plasmados na cena musical portuguesa. Alguns géneros musicais tradicionais, como o folclore e o fado, que durante o tempo do Estado Novo eram utilizados como instrumentos de propaganda, encontram-se ainda muito ligados a conceitos de cultura popular produzida para o usufruto de homens e mulheres cisgénero e heterossexuais (Guerra, 2022b).

A introdução, em espaços masculinizados - como é a indústria musical -, o folclore, o fado e a música popular, de códigos de ação, estética e, acima de tudo, artistas *queer* trazem consigo o poder da intervenção social, da denúncia e da contestação de quadros vivenciais heteronormativos dominantes. E é isso que, em anos recentes, artistas como Fado Bicha e Filipe Sambado têm feito.

O ativismo tem-lhes dado alguma popularidade, relativa atenção mediática e, consequentemente, crescente importância. A sua produção musical, resgata géneros musicais até então reservados a indivíduos cisgénero e heterossexuais, como o caso do fado, nos Fado Bicha, e do folclore e música de baile, em Filipe Sambado. Mas o ativismo destas artistas não se fica apenas por perfurar estes meios masculinizados. Aliás, também as letras das canções, as performances, a postura e a estética (utilização de elementos categorizados como femininos, como por exemplo, utilizar maquilhagem, pintar as unhas, usar vestidos, etc.) fazem parte deste ativismo inovador e “são modos

de cidadania e de participação, mas também de reivindicação de um espaço na esfera pública, ancoradas em conteúdos artísticos e criativos” (Guerra, 2022^a: 228). Ora, aqui importa também recordar o que Butler (2017) define como “fazer gênero” [*doing gender*], salientando que é através da repetição da performatividade, do “fazer” gênero, que estas artistas constroem as suas identidades não-normativas.

Concisamente, neste tipo de ativismo praticado por Filipe Sambado, o corpo é também uma forma de luta e de subversão de normas e expectativas sociais. A par da música, o corpo destes artistas é central ao seu ativismo, pois este é muito mais do que um mecanismo fisiológico e social: é uma construção social que impacta a forma como os indivíduos se posicionam, e são posicionados, na sociedade (Duncombe & Lambert, 2021). Como supramencionado, corpos queer são por si só políticos, dado serem considerados corpos “dissidentes”, que saem do binómio homem/mulher, são objeto de preconceito e discriminação e as suas experiências e formas de socialização são completamente distintas.

Em grupos minoritários e discriminados (como a Comunidade Queer e comunidades racializadas), onde o corpo sempre foi alvo de opressão e estigma, a sua demonstração e utilização são atos políticos. E a dimensão performativa associada ao corpo, nomeadamente ao nível da roupa, postura, tatuagens, piercings, maquilhagem, constituem elementos que permitem aos indivíduos expressar as suas afiliações sociais, os seus valores e ideais sendo, consequentemente, ligações para espaços políticos (Guerra, 2019).

Ter soberania sobre o próprio corpo e apresentá-lo como se pretende, é uma forma de luta e resistência a um sistema social que deseja que os corpos sejam domesticados e subalternos. A luta pela libertação dos corpos oprimidos e estigmatizados, como são os corpos queer, é concomitantemente individual e coletiva. E artistas como Filipe Sambado, que apresentam o seu corpo queer com orgulho no espaço público (e no palco), incorporam esta luta multidimensional, reivindicando o direito à existência de corpos queer (Guerra, 2024a; Pereira, 2008).

Primeiramente, é importante reconhecer que Sambado é uma figura mediatizada, logo o seu ativismo, acarreta componentes importantes. Desde logo, a autoaceitação no espaço público, e nos média, de um “corpo desviante”, historicamente alvo de repressão, transmite a mensagem de que este- e outros corpos que não cumpram um padrão cisgénero e heteronormativo- é válido, existe e deve ser respeitado (Schilt & Westbrook, 2009).

Além disso, o ativismo em palco, e mediatizado, é também crucial no que concerne a questão da representatividade. A arte permite a corporização de dúvidas, lutas diárias, ansiedades, entre outras experiências individuais inerentes à existência, tornando-as públicas e visíveis, proporcionando a conexão com outros e, consequentemente, o desenvolvimento de um sentido de identidade coletiva (Seffner, 2011). Filipe Sambado faz isso mesmo, cantando a sua experiência individual enquanto pessoa queer e permitindo que outros se identifiquem com as suas vivências, cultivando a noção de identidade coletiva e um sentimento de pertença (Guerra, 2022b). De destacar também que a artista se afirma na indústria musical portuguesa apropriando-se de sonoridades e géneros de música tipicamente tradicionais (o folclore e a música baile), mas reconfigurando estes géneros e subgéneros segundo códigos de ação queer.

Reapropriar géneros como o folclore e a música tradicional portuguesa, tradicionalmente vetados para o usufruto de pessoas cis-género e heterossexuais, e dotando-os de códigos queer permite criar símbolos, sentimentos de pertença e espaços alternativos de luta, denúncia e contestação que validam pessoas que até então nunca se reviram nestes géneros musicais (Guerra, 2022a). A música popular é um eficaz veículo de disseminação de ideologias políticas e códigos sociais (Guerra, 2022b), tal como estes géneros tradicionais veiculam concepções conservadoras e heteronormativas, a sua reapropriação queer oferece uma alternativa, desafia códigos considerados soberanos e constrói uma realidade social nova e alternativa (Guerra, 2023a).

Por fim, o conceito queer quando aliado ao ativismo musical, impõe um questionamento. Por si só, e como discutido no capítulo anterior, o conceito queer pressupõe um questionamento das normas sociais, de identidades heteronormativas e

concepções tradicionais de género e sexo. Neste caso, o ativismo queer ligado à música tradicional, impulsiona um questionamento dos supramencionados géneros musicais tradicionais, as visões hegemónicas e socialmente aceites veiculadas por estes e o público-alvo a que se destinam (Guerra, 2023b).

Além da resistência, da representatividade, do estímulo ao questionamento, esta forma de ativismo traz consigo outro aspeto importante: choca e opõe (Guerra, 2022a). A introdução de símbolos e códigos de ação queer na música tradicional portuguesa, um género musical conservador, choca e planta a discussão que, conseqüentemente, traz consigo a atenção mediática, aspeto que será desenvolvido com maior profundidade na secção que se segue.

2.3. O papel da cultura mediática na música e no ativismo queer

Nos estudos de jornalismo perdura a concepção de que o jornalismo é o “Quarto Poder”. Quer isto dizer que, em relação aos três outros poderes- executivo, legislativo e judicial- se afigura um quarto, o jornalismo, que também os controla e escrutina. A legitimidade do jornalismo para ocupar este lugar de poder advém da opinião pública que, quando em democracia, atua como um “tribunal” (Traquina, 2007: 32). Ora, a imprensa atua enquanto elo entre a opinião pública e as instituições governamentais.

Porém, entre os pensadores de estudos de jornalismo, como o filósofo James Mill, existe quem defenda que a imprensa deve ser o instrumento de reforma da sociedade, que agita as sociedades a evoluírem e que impulsiona os governos a efetuar reformas sociais (Traquina, 2007). Posto isto, e tendo presente o objeto de estudo desta investigação, é imperativo perceber de que forma a imprensa, os média, noticiam, e enquadram, ativistas queer como Filipe Sambado. Se, de facto, os média são o catalisador da mudança e pressionam por reformas sociais no âmbito da Comunidade LGBTQIA+.

Ademais, para além de serem impulsionadores de reformas a nível governamental, os media detêm o poder de moldar a opinião pública, atitudes e comportamentos. Os órgãos de comunicação possuem um poder transformador e podem assumir a função

de órgão legitimador e promotor da aceitação social (Hall, 1993). Tendo em conta o poder e importância que os média detêm, o estudo do seu papel na promoção da aceitação da diferença e de minorias é de extrema importância.

Primeiro, importa perceber que as sociedades se organizam de acordo com uma linguagem e códigos sociais estabelecidos. Dentro destas, são impostos limites ao que é linguística e socialmente aceitável, estes limites garantem a ordem e a estabilidade social. Contudo, existem contraculturas que desafiam estes limites, que os questionam expressando-se e agindo de formas que vão contra as normas (Hedbig, 1979). Existem exemplos, já amplamente estudados, de contraculturas que desafiaram as normas, tais como os *hippies* ou o movimento *punk*. Porém, também podemos olhar para o ativismo queer segundo uma ótica de contracultura, visto questionar as normas e códigos sociais estabelecidos. Ora, as contraculturas que desafiam os limites das normas e códigos de conduta sociais, têm o poder de provocar, chocar e perturbar a ordem estabelecida, como visto no capítulo anterior. Perante estas provocações, historicamente, os média reagem categorizando estes comportamentos como sendo marginais ou desviantes (Hedbig, 1979).

Stuart Hall (1993), teórico dos Estudos Culturais, debruçou-se sobre o papel dos média na definição das contraculturas. O académico argumenta que os média são dos agentes sociais responsáveis por definir o que é o senso comum, ou a norma (Hall, 1993). Enquanto definidores da norma, os órgãos de comunicação ocupam o cargo de órgão legitimador e definidor da realidade, principalmente em situações desconhecidas, onde conhecimento prévio sobre como reagir não existe. Este é o caso das contraculturas e do ativismo queer, que, deliberadamente, questionam e se recusam a jogar segundo as regras (Hall, 1993). Estas lutas de poder descritas por Hall (1993), foram previamente identificadas por Foucault (1976), que evidenciava o discurso como um mecanismo através do qual as estruturas de poder regulam a sexualidade, definindo o que é normal, saudável e moral, indo ao encontro do papel que Hall atribui aos órgãos de comunicação como definidores e legitimadores da realidade.

Como teorizado por Marina Heck (1972), ideologia é um sistema que codifica a realidade e que representa a relação entre o indivíduo e o mundo. Para a ideologia ser comunicada

é reduzida a um sistema de sinais que após um processo de socialização se transformam num código social. Quem não cumpre com o código não partilha da mesma ideologia. Para Heck (1972) o conceito de ideologia diz respeito à forma como percebemos o mundo e, por isso, está patente em qualquer tipo de discurso. Logo, qualquer discurso, de científico a jornalístico, é passível de ser feita uma leitura ideológica.

Para compreender a relação entre os média e os movimentos sociais pelos direitos LGBTQIA+ torna-se necessário analisá-la ao longo dos anos, atentando nas transformações que foram ocorrendo. De acordo com Santos (2018), são três os enquadramentos noticiosos que coexistem em notícias relacionadas com temáticas LGBTI+, em Portugal: o enquadramento do entretenimento, da fonte credível (por exemplo, a utilização de um ativista como perito) e o enquadramento homofóbico e/ou transfóbico. O enquadramento noticioso influencia a seleção de informação, o que é dito e de que forma é feito e, consequentemente, moldando a opinião do leitor.

No que à cobertura de temas diz respeito, com o passar dos anos é notório nos média portugueses uma maior diversidade de temáticas relacionadas com a Comunidade LGBTQIA+, como a homoparentalidade, questões relacionadas com pessoas trans, o *bullying* e discriminação que pessoas queer são alvo (Santos, 2018) e, recentemente, temas como as identidades de género não-binárias têm recebido mais atenção por parte dos média. A crescente diversidade temática indica que um maior conjunto de temas LGBTQIA+ passou a adquirir importância jornalística, fazendo com que as Marchas do Orgulho ou os Arraiais *Pride* não sejam os únicos assuntos a obter atenção mediática.

Esta mudança na comunicação social deve-se, em grande parte, ao ativismo LGBTI+, que desde os anos 1990 percebeu a importância de cultivar uma relação com os média e, além disso, influenciarem o modo como se relacionam com os meios de comunicação e jornalistas (Santos, 2018). Em vez de operar mediante agendas externas, o Movimento LGBTQIA+ português tomou a dianteira e passou a estabelecer a sua própria agenda, criando eventos em que o público-alvo eram decisores políticos e órgãos de comunicação.

As transformações nos média não se deveram unicamente aos movimentos LGBTQIA+, existem outros fatores paralelos a ser considerados, nomeadamente, o processo de democratização e modernização de Portugal após 1986, data em que o país entrou na Comunidade Económica Europeia. Sem estes processos mais amplos, talvez o Movimento LGBTQIA+ não existisse. Porém, não esvaziando de reconhecimento os processos de democratização portugueses, os movimentos sociais pelos direitos LGBTQIA+ tiveram um papel crucial enquanto aceleradores das transformações sociais (Santos, 2018).

O espaço público não é um espaço neutro ou isento politicamente, estando em constante conflito (Guerra, 2019). Logo, as transformações nos média não aconteceram (e acontecem) sem resistência à mudança. A oposição resulta, segundo Santos (2018), dos discursos-valor dominantes, ou seja, valores culturais enraizados, ou ideologias, expressos discursivamente através de códigos (Heck, 1972), por decisores políticos, líderes de opinião, jornalistas entre outros agentes sociais que continuamente reforçam os mesmos valores, a mesma ideologia, como sendo soberana (Santos, 2018). Ideias predeterminadas sobre o conceito de família, de criança e de identidade de género são frequentemente veiculadas nos órgãos de comunicação, quando estas temáticas são alvo de atenção mediática. Um exemplo recente que ilustra esta discussão decorreu em horário nobre, num canal televisivo português quando a apresentadora Cristina Ferreira, durante uma entrevista de um *reality show* a uma pessoa não-binária, se recusou a utilizar os pronomes corretos: “Eu vou dizer ‘ele’, porque para mim é mais fácil” (Bettencourt, 2024, s/p).

Pessoas pertencentes à Comunidade LGBTQIA+, principalmente jovens, são em maior número vítimas de discriminação e assédio. O medo, o preconceito, o *bullying*, o assédio, contribuem para sentimentos de solidão e isolamento destas pessoas. Nesta conjuntura, os média detêm um papel importante, uma maior representação de pessoas LGBTI+, e de assuntos queer, nos média têm o potencial de fomentar o bem-estar desta comunidade influenciando positivamente a formação da identidade e do autoconhecimento, assim como auxiliando no combate dos sentimentos de isolamento

e solidão, proporcionando uma fonte de conforto, orgulho, visibilidade e conhecimento (Craig *et al.*, 2015).

A par das transformações que ocorrem nos órgãos de comunicação estabelecidos, como jornais, rádios e televisões, deu-se outro fator muito importante para este movimento: a criação de meios de comunicação autónomos. Estes média alternativos, que com o advento das redes sociais se foram multiplicando e diversificando, são responsáveis pela cobertura de eventos e pelo registo descritivo de mudanças significativas para a comunidade LGBTQIA+ (Santos, 2018). Alguns exemplos são a Revista Zona Livre, editada pelo Clube Safo, o site PortugalGay.PT e a plataforma Dezanove³.

Estes media alternativos resultam de um investimento do movimento em abordagens de visibilidade, credibilidade e empatia, face aos meios de comunicação instituídos (Santos, 2018). Através da utilização destes novos media, a comunidade LGBTI+ tem acesso a representações mais diversificadas de pessoas queer e estão menos expostas a discursos limitados e estereotipados muitas vezes veiculados por rádios, jornais e canais televisivos (Craig *et al.*, 2015).

Olhando em concreto para a relação do ativismo com os média, é inegável a influência das tecnologias de informação e comunicação, como as redes sociais, que modificam as relações e permitem que as redes se estendam à escala global (Raposo, 2015). Os movimentos globais, nos últimos anos, têm ampliado as fronteiras do que é a esfera pública e acontecimentos de diferentes recantos do mundo têm reverberações ativistas ao nível local. Um exemplo disto mesmo é o Movimento de Libertação da Palestina, que em Portugal levou à criação de vários coletivos pelo país ⁴que organizam vigílias, manifestações e encontros, combinando a resistência e solidariedade com a

³ Podem ser consultados em: <https://clubesafo.pt/zona-livre> (Revista Zona Livre); <https://portugalgay.pt/> (PortugalGay); <https://dezanove.pt/> (Dezanove)

⁴ Exemplos de coletivos portugueses pela Libertação da Palestina: Coletivo pela Libertação da Palestina: <https://www.instagram.com/libertacaopalestina/> ; Coimbra Pela Palestina: <https://www.instagram.com/coimbrapelapalestina/> ; Algarve pela Palestina: <https://www.instagram.com/algarve.palestina/> ; Póvoa pela Palestina: <https://www.instagram.com/povoapelapalestina/>

causa palestina com momentos artísticos como exposições e leilões de arte, leituras de poesia sobre a libertação palestina e momentos musicais.

Atualmente, os movimentos sociais comunicam, mobilizam e sustentam as suas redes de resistência apoiando-se nestas tecnologias de informação e comunicação. Ora, de acordo com Raposo (2015), o ativismo encontra-se impregnado de códigos digitais, que agem muitas vezes de forma independente, individual e subterrânea recorrendo à partilha *peer-to-peer*, mas que acabam também por dialogar com plataformas e média *mainstream* como forma de chegar a outros públicos e audiências mais alargadas, muitas vezes para disputar e desconstruir narrativas hegemónicas e heteronormativas.

Considerando que os media veiculam uma ideologia e, além disso ocupam uma posição de órgãos legitimadores e definidores do senso comum (Hall, 1993), torna-se imperativo analisar de que forma o trabalho de artistas queer é noticiado e se, de facto, os média *mainstream* assumem um papel de catalisadores de reformas sociais e da inclusão, ou se se inserem na estrutura ideológica dominante.

CAPÍTULO 3. Abordagem metodológica

A génese desta investigação prende-se com a análise e a compreensão da forma como é mediatizado o ativismo *queer* nos órgãos de comunicação portugueses. Para isso, será utilizado como estudo de caso o trabalho da artista Filipe Sambado e a produção jornalística feita em torno da mesma. Serão analisados e comparados três grandes jornais portugueses: os jornais *Público*, *Expresso* e *Observador*. Os objetivos da pesquisa são os seguintes:

1. Perceber se o ativismo queer tem espaço de divulgação nos media, nos últimos cinco anos.
2. Qual o tipo de discurso utilizado para noticiar este tipo de ativismo.
3. Que impactos é que a mediatização deste ativismo tem na sociedade civil e nos artistas que o executam.

Tal como elucidado por Paula Guerra, em Portugal, o ramo dos estudos queer no âmbito da intervenção artística associada ao ativismo é ainda um campo muito pouco explorado. Ademais, os estudos realizados sobre ativismo relacionado com desigualdades de género focam-se, essencialmente, em mulheres ignorando as desigualdades inerentes a pessoas *queer* ou inserindo-as na mesma categoria (Guerra, 2022a). Como supramencionado, as desigualdades que afetam indivíduos da Comunidade LGBTQIA+ são distintas das desigualdades de género que afetam mulheres e, além disso, muitas vezes esquecidas. Dado as desigualdades serem diferentes, também os modos de resistência são distintos e torna-se necessário colmatar esta lacuna nos Estudos Queer e nos Estudos de Média e Jornalismo.

Estudar o papel dos média no âmbito do ativismo é também crucial. Enquanto órgão legitimador, os média detêm um papel essencial na promoção da igualdade e na desconstrução de noções baseadas em preconceito. Os órgãos de comunicação são catalisadores de mudança e promotores de reformas sociais. E, por isso, urge estudar o seu papel no enquadramento e mediatização de dinâmicas ativistas (linguagem utilizada, ideologia veiculada e o tipo de artigo produzido), uma faceta relevante para

os estudos de género, estudos *queer* e estudos de jornalismo, mas que, até então, não tem sido investigada.

A pesquisa será norteadada por uma metodologia de perfil predominantemente qualitativo. Tal como Creswell (2007) salienta, investigações relacionadas com Teoria Queer depositam o foco menos na metodologia, e mais no questionamento, servindo-se de produtos culturais e a leitura e releitura de textos culturais, etnografias, documentários, bases de dados que contenham múltiplos textos e projetos que se focam nos indivíduos.

A escolha de uma abordagem qualitativa prendeu-se com o facto de o assunto em investigação ser complexo e detalhado, além disso, o tema parte de uma perspectiva de subjetividade e autoperceção, logo, para uma compreensão mais aprofundada do mesmo, revelou-se necessário conversar e entrevistar indivíduos, permitindo que estes contem as suas histórias livremente. O intuito desta investigação é empoderar indivíduos *queer* a partilharem as suas histórias, minimizando também as relações de poder existentes ente investigador e participante de um estudo (Creswell, 2007). Pelo exposto, e citando Creswell, uma metodologia de perfil qualitativo foi a escolhida, visto ser a abordagem que melhor permite “ouvir vozes silenciadas” (2007: 40).

A investigação qualitativa é, por natureza, multimétodo. No entanto, a utilização de múltiplos métodos, ou triangulação, reflecte uma tentativa de garantir uma compreensão aprofundada do fenómeno em questão. A realidade objetiva nunca pode ser captada. Só conhecemos uma coisa através das suas representações. A triangulação não é uma ferramenta ou uma estratégia de validação, mas uma alternativa à validação. A combinação de múltiplas práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas e observadores num único estudo é, então, mais bem entendida como uma estratégia que acrescenta rigor, amplitude, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação. (Denzin & Lincoln, 2011: 5)

Ora, tal como descrito na citação, uma investigação qualitativa não assenta apenas num método de investigação. Para se apurar um conhecimento aprofundado de conjunturas complexas, a combinação de várias práticas metodológicas e de diferentes materiais empíricos revela-se uma valência na investigação qualitativa, pois diferentes práticas de investigação trazem para o estudo perspectivas diferentes, todas elas importantes e válidas (Denzin & Lincoln, 2011). Aliás, é o cruzamento e triangulação de diferentes dados que tornam uma investigação qualitativa rigorosa, complexa e rica.

Tendo em consideração que a valência de uma investigação qualitativa é o cruzamento de diferentes dados, e orientando este estudo segundo critérios de credibilidade, transferibilidade, fiabilidade e confiabilidade (Benzin, 2011), para os objetivos propostos inicialmente, a adoção de uma análise de conteúdo temática-categorial revelou-se a metodologia mais adequada. Este é um método rápido e eficaz quando aplicado a “discursos diretos e simples” (Bardin, 2012: 125) e funciona através do desmembramento dos diferentes textos em unidades distintas, reagrupando-os em categorias.

Segundo Laurence Bardin (2011), a análise de conteúdo temática-categorial é composta por três grandes etapas: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados e sua respetiva interpretação. Cumprindo a lógica desta metodologia, a primeira fase consistiu na seleção do *corpus* empírico e a sua consequente organização, por datas, numa tabela *Excel*. De seguida, todo o material recolhido foi sujeito a uma primeira leitura, tendo sido realizadas anotações e se identificaram alguns padrões para a possível definição de categorias na fase seguinte.

Após a primeira leitura, procedeu-se à definição das categorias e subcategorias, tendo por base a revisão de literatura anteriormente desenvolvida e as temáticas recorrentes no material recolhido. Uma explicação mais extensa e aprofundada do processo de desenvolvimento das categorias e subcategorias de análise será feito na secção *Caracterização do Corpus Analítico*, deste capítulo. Por fim, o material empírico foi novamente analisado tendo em conta as categorias escolhidas e foram assinaladas as partes do *corpus* analítico que correspondiam a cada categoria para, por último, se

realizar uma análise mais aprofundada de padrões, tendências e relações entre categorias e interpretação dos significados subjacentes.

As conclusões retiradas da análise temática-categorial de conteúdo serão cruzadas com uma entrevista semi-diretiva à artista Filipe Sambado, onde temas como o queer, o ativismo, identidade de gênero, a música como forma de resistência e resposta dos média serão abordados. A entrevista será também categorizada e analisada através de uma metodologia de análise categorial.

CAPÍTULO 4. A mediatização de Filipe Sambado

4.1. Filipe Sambado: percurso e obra

Filipe Sambado é uma artista, criadora, compositora e produtora de música portuguesa. Sambado tem 39 anos e é uma pessoa não-binária, utilizando, preferencialmente, pronomes femininos e neutros. O percurso da artista iniciou-se no teatro, sendo a sua formação em dramaturgia. Além desta formação, a artista possui também formação relacionada com som e áudio. É com estas bases que o seu “percurso foi-se traçando”⁵(Entrevista).

A artista faz música a solo desde 2012 e indica também esse momento como “o início do percurso identitário” (Entrevista). Para Sambado, a pesquisa identitária e as perguntas “quem sou?”, “para onde vou?”, “quem somos nós?” é o que mais se aproxima de uma “sinopse” do seu trabalho (Entrevista).

Apesar de Sambado ter assumido publicamente a sua identidade não-binária apenas em 2020, a sua “queerness” sempre influenciou o seu trabalho artístico: “principalmente no lado mais identitário, na forma como posso usar a minha voz para me expressar sobre a minha própria vida, sobre as minhas experiências” (Entrevista). Já em 2018, no seu disco *Filipe Sambado e os Acompanhantes de Luxo*, no tema *Deixem Lá*, Sambado cantava:

Deixem-me lá não/ Ser gay, sou só
Muito vaidosa/Tu vens lascivo p’ra
Mim, mas eu ‘tou só/ Curiosa
E se eu parecer/ Uma mulher?
O que é que isso/ Quer dizer?
Visto sempre o que/ Eu quiser
Der lá por onde der
(*Deixem Lá*, Sambado, 2020)

⁵ Excerto retirado da entrevista semi-diretiva à artista Filipe Sambado. Guião disponível no Anexo 3.

Além desta procura identitária singular, Sambado também destaca a sua preocupação com a identidade geográfica. A sua passagem por várias localidades do país: “Morei em Lagos, em Elvas, em Santo André, em Lisboa” (Entrevista) levam-na a procurar a “portugalidade” na sua sonoridade. “Começou a fazer-me confusão falar de uma questão de Lisboa e parecer que estava a tocar em Londres [...] a portugalidade parece estar num lugar de souvenir” (Sambado in Lopes, 2020, s/p), disse uma vez numa entrevista ao jornal *Público*. Esta procura por uma identidade geográfica e por uma sonoridade mais portuguesa começa a ser concretizada, com mais evidência, no seu álbum *Revezo*, em 2020.

No final de 2023, Filipe Sambado lança o seu novo álbum, *Três Anos de Escorpião em Touro*, o primeiro desde que se afirmou publicamente como uma pessoa não-binária. Neste novo álbum tudo é expresso de forma mais direta, tanto pelas letras como pelas sonoridades. A mistura de cantares portugueses tradicionais com sons mais digitais nunca obedece ao esperado, surpreendendo sempre o ouvinte e rompendo com quaisquer padrões existentes (Rocha & Fieschi, 2023).

Não podes ser tu a dizer quem eu sou/ Eu sou
fogo no vendaval/ Eu sou tudo o que achas mal
em bom /Eu sou o sangue no enxoval /Sou o
prémio do teu punhal. Bem bom!

E a corda a prender-me o pescoço/ Nas vezes de
moço que fiz por parecer Não quero ser mais de
um nem de outro Sou mais eu quando não tenho
medo de ser

(*Talha Dourada*, Sambado, 2023)

Através das letras das suas músicas, Sambado deixa bem clara a sua identidade, não querendo “ser mais de um nem de outro”, ou seja, não se identificando mais com o género masculino ou com o feminino, fugindo à binariedade imposta por preceitos heteronormativos e abraçando a fluidez de uma identidade queer.

Outro aspeto importante da obra de Sambado é a sua estética e performance. Como Guerra (2022b) enfatiza, quer nas suas atuações ao vivo, quer nos videoclipes “fluem posturas e gestos de forma a enfatizar o corpo vivo e ativo, em contraste notável com posturas hirtas e estáticas” (Guerra, 2022b: 227). Nos seus espetáculos e nos videoclipes, Sambado dança, usa saia, pinta as unhas e os lábios, combinando a utilização destes códigos queer, com elementos religiosos e da cultura portuguesa.

Figura 3- Frame do videoclipe de “Caderninho”, de Filipe Sambado e Conan Osíris

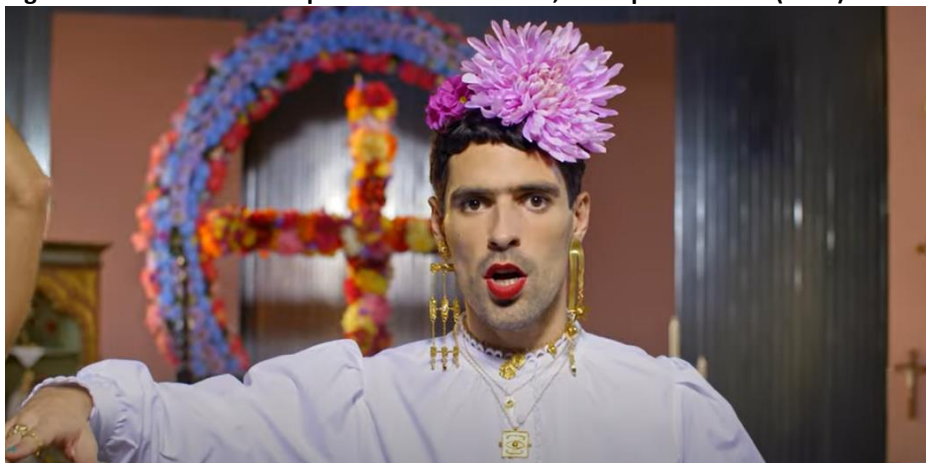


Fonte: Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=18ls8OSHjno>

Os elementos religiosos, tão inerentes à portugalidade, são frequentes na obra de Sambado, como se pode perceber na imagem acima, retirada do videoclipe da música *Caderninho*, com a colaboração de Conan Osíris, em que Sambado canta dentro de uma igreja. Porém estes elementos são utilizados de um modo subversivo, são combinados com a artista em vestidos longos, envergando maquilhagem, e uma letra que evoca o preconceito, o assédio e discriminação de que pessoas queer são alvo.

Além destes elementos religiosos, a artista combina também outros códigos da cultura popular portuguesa com a sua *queerness*. São exemplos desta forma de ativismo, a reapropriação do folclore, no tema *Jóia da Rotina*, em que Sambado reapropria os trajes tradicionais deste género musical popular (as saias rodadas de várias camadas, os lenços na cabeça, as socas, colares e brincos de ouro), usando-os juntamente com batom e maquilhagem (Guerra, 2024b).

Figura 4- Frame do Videoclipe de “Jóia da Rotina”, de Filipe Sambado (2020)



Fonte: Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=iSLmp7itNSk>

Através da utilização, não só da música, mas também do corpo como ferramenta de resistência, com a performance e a estética que enverga (Mourão, 2015), a artista abre espaço para o questionamento dos códigos da cultura popular portuguesa, criada para o prazer e usufruto de homens e mulheres cisgênero e heterossexuais (Guerra, 2023a), considerados soberanos.

Em termos de mediatismo, é de salientar a participação de Sambado no Festival da Canção de 2020. A artista concorreu com o tema *Gerbera Amarela do Sul*, uma música do seu álbum *Revezo*, em que cantava:

Já fede a tese aristocrática/

Com tão pouca matemática/

E ciência de opinião

(*Gerbera Amarela do Sul*, Sambado, 2020)

Uma canção que diz ter sido “sobre e para o Festival da Canção” (Lopes, 2020, s/p), mas que contém uma crítica também passível de ser transposta para a sociedade portuguesa contemporânea, aludindo à polarização cada vez mais evidente, que cristaliza opiniões, muitas vezes baseadas na “ciência da opinião”, e repele o diálogo.

Os ritmos deste tema fazem lembrar as músicas de intervenção de José Afonso e José Mário Branco, referências artísticas de Sambado (Entrevista). A artista executa a performance do Festival da Canção envergando roupagens negras, remetendo até para vestes fúnebres, porém, a meio da performance, quando se levanta- do que parece tratar-se de um trono- o comprido manto negro dá lugar a uma minissaia, desafiando, mais uma vez, as conceções heteronormativas e cisgénero da sociedade portuguesa, não só com a música, mas também com o corpo e a sua estética e, no caso do Festival da Canção, para um público mais vasto. Apesar do tema de Sambado ter sido o preferido do júri, esta acabou por não ganhar a edição de 2020.

4.2. A mediatização de Filipe Sambado

Partindo dos três objetivos norteadores desta investigação, e utilizando a imprensa escrita como fonte de informação, procedeu-se à recolha do material empírico que constitui a base desta investigação. O *corpus* de análise é constituído por artigos de imprensa de três grandes jornais portugueses: o Público, o Expresso e o Observador. A escolha destes três órgãos de comunicação prendeu-se não só com o facto de serem dos maiores jornais a nível nacional, mas também com o facto de terem linhas editoriais diferentes, permitindo uma análise da relação da imprensa com o ativismo queer mais abrangente e próxima da realidade.

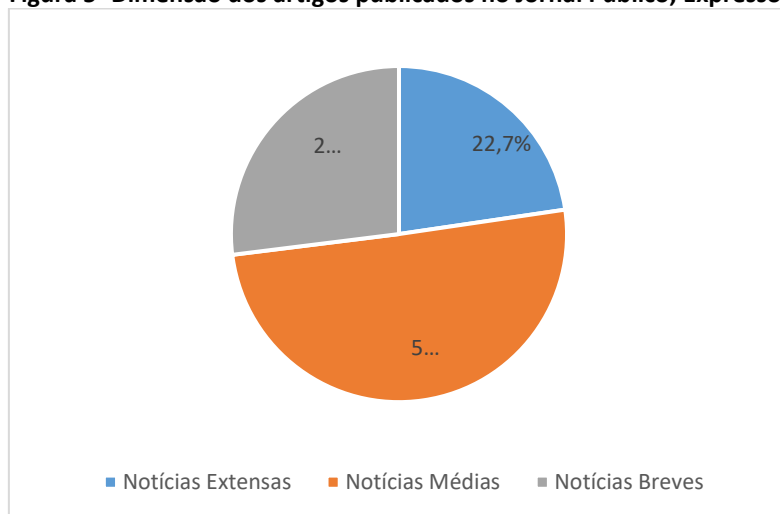
O material empírico que esteve na base desta investigação consistiu na recolha, nos *websites* dos três jornais escolhidos, de todos os artigos que mencionassem a artista Filipe Sambado, no período temporal de março de 2024 a dezembro de 2019. A escolha deste intervalo temporal não foi inusitada, pois permite analisar a evolução do tratamento de assuntos relacionados com a comunidade LGBTQIA+ e comparar o espaço mediático dedicado a esta comunidade nos últimos cinco anos.

Através da recolha sistemática de informação, respeitando os critérios supracitados, obtivemos um *corpus* analítico constituído por 141 notícias, distribuídas desigualmente pelos três órgãos de comunicação: *Público* (54 notícias), *Expresso* (33 notícias) e *Observador* (54 notícias). Porém, é necessário ressaltar que o número de notícias

recolhidas do jornal *Expresso* não corresponde ao total de notícias produzidas por este órgão de comunicação, o acesso ao arquivo deste jornal entre os anos de 2021 e 2019 encontra-se comprometido devido ao ataque informático ao Grupo IMPRENSA no início de 2022 (Expresso, 2022; Pereirinha, 2022). Apesar de existirem registos de notícias referentes a Filipe Sambado nesse período temporal, foi apenas possível ler e analisar quatro artigos publicados entre 2021 e 2019.

Estando o *corpus* empírico reunido, procedeu-se ao tratamento da informação. Do ponto de vista analítico, um primeiro dado digno de atenção é a dimensão dos artigos publicados na imprensa escrita, relacionados com Filipe Sambado. Todos os 141 artigos recolhidos foram categorizados em: “Notícias Breves”, quando o artigo em questão não ultrapassava os três parágrafos textuais; “Notícias Médias”, entre três e seis parágrafos; e, por último, “Notícias Extensas”, quando o artigo publicado ia para além dos seis parágrafos.

Figura 5- Dimensão dos artigos publicados no Jornal Público, Expresso e Observador



Fonte: a autora.

Como se pode observar a partir da Figura 5, notícias de dimensão média (entre três e seis parágrafos) são predominantes representando 50,4% do *corpus* empírico. “Notícias Breves” e “Extensas” têm expressões próximas, sendo que 27% do *corpus* analítico é constituído de “Breves” e as Notícias Extensas representam 22,7% dos artigos

recolhidos.⁶ Porém, olhar para a totalidade da amostra recolhida é insuficiente, afigura-se necessário olhar para os dados relativos à dimensão dos artigos de cada jornal, a fim de se retirar conclusões da abordagem de cada um.

Tabela 1- Contagem do número de artigos por Jornal e dimensão

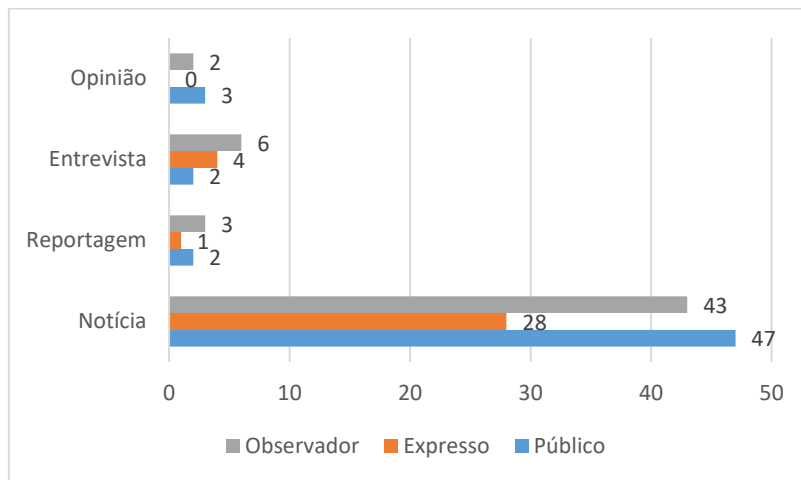
	Jornal Público		Expresso		Observador	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Notícias Breves	21	38,9	12	36,4	5	9,3
Notícias Médias	27	50	17	51,5	27	50
Notícias Extensas	6	11,1	4	12,1	22	40,7
Total de artigos	54	100,0	33	100,0	54	100,0

Fonte: a autora.

Com efeito, uma análise comparativa da dimensão das notícias em cada um dos jornais permite detetar algumas diferenças na abordagem formal de cada um. Nos três jornais as notícias médias prevalecem, porém, no Observador, ao contrário do Expresso e do Público, notícias extensas (com mais de seis parágrafos) têm mais expressão, representando 40,7% da totalidade das notícias recolhidas nesse órgão de comunicação. A dimensão dos artigos pode ser um indicador elucidativo da ênfase dada pelos média à artista em questão (Guerra, 2002). Porém, por si só, a dimensão dos artigos não nos permite chegar a grandes conclusões, torna-se necessário atentar também noutros indicadores, nomeadamente o género jornalístico predominante em notícias que mencionam a artista Filipe Sambado e, também, a relação (direta ou indireta) com a artista em questão.

⁶ Para efeitos desta investigação, foram consideradas Notícias Breves até três parágrafos textuais, Notícias Médias entre três e seis parágrafos textuais e Notícias Extensas mais de seis parágrafos.

Figura 6- Gêneros jornalísticos dos artigos publicados no Jornal Público, Expresso e Observador referentes a Filipe Sambado



Fonte: a autora.

Do total da amostra recolhida, 118 artigos são Notícias, 10 são entrevistas, 8 reportagens e 5 artigos de opinião. ⁷A Notícia é o género predominante, todos os outros géneros jornalísticos têm muito pouca expressão. Todavia, importa também analisar a distribuição entre os três jornais selecionados:

Tabela 2 - Contagem do género jornalístico dos artigos distribuído por jornal

	Jornal Público		Expresso		Observador	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Notícia	47	87	28	84,8	43	79,6
Reportagem	2	3,7	1	3	3	5,6
Entrevista	2	3,7	4	12,2	6	11,1
Opinião	3	5,6	0	0	2	3,7
Total de artigos	54	100,0	33	100,0	54	100,0

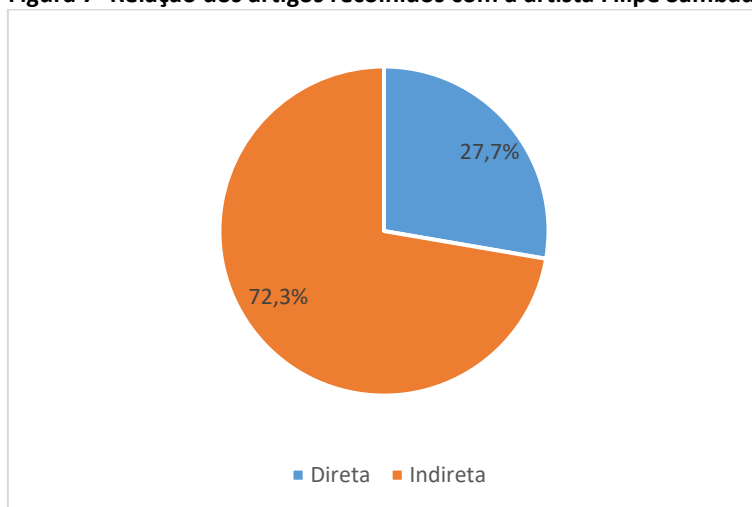
Fonte: a autora.

⁷ Apesar de artigos de opinião não serem considerados um género jornalístico, para efeitos da caracterização do *corpus* empírico foram inseridos nesta categoria.

A predominância da notícia como gênero jornalístico mais utilizado é transversal aos três jornais, como seria expectável. Porém, são notórias algumas disparidades entre os jornais, nomeadamente no que concerne o gênero jornalístico “Entrevista”, utilizado mais vezes no Expresso e no Observador (12,2% e 11,1%, respetivamente), e com pouca expressão no Público (3,7%). Ademais, existe também outra diferença que deve ser salientada, apesar de em nenhum dos jornais os artigos de opinião ocuparem um lugar de destaque, podemos observar que no Público os artigos de opinião têm maior importância, denotando uma abordagem diferente.

Apesar de já terem sido analisados indicadores importantes, como a dimensão dos artigos e géneros jornalísticos, que auxiliam na caracterização do *corpus* analítico desta investigação, nenhum destes indicadores permite retirar evidências empíricas sem que se tenha em conta a relação dos artigos publicados nestes órgãos de comunicação com a artista Filipe Sambado. Na totalidade dos artigos recolhidos, qual a percentagem que diz respeito diretamente à artista e quantos a mencionam indiretamente. Para efeitos desta investigação, consideraram-se artigos diretos todos aqueles em que o conteúdo é sobre o trabalho musical, concertos, performances da artista ou entrevistas e reportagens sobre a vida e obra da mesma. Na mesma linha, foram também considerados artigos diretos todos aqueles que, não sendo a totalidade do artigo sobre Filipe Sambado, a artista estava diretamente envolvida, por exemplo, a sua participação no Festival da Canção em 2020. Artigos indiretos dizem respeito à menção da artista na sua condição de produtora, em colaborações musicais, participações como convidada, por exemplo.

Figura 7- Relação dos artigos recolhidos com a artista Filipe Sambado



Fonte: a autora.

Até ao momento, o *corpus* empírico estava a ser tratado na sua totalidade, sendo analisadas todas as notícias que mencionavam Filipe Sambado, direta ou indiretamente. Porém, a artista e o seu trabalho, não são o tema central de todos os artigos que a mencionam. Logo, para se obter uma representação fidedigna da presença de Sambado nos jornais em estudo, é necessário analisar a relação da artista com o artigo. Ora, analisando a amostra sob este prisma é possível perceber que menos de metade, mais concretamente 27,7%, dos artigos recolhidos nos três órgãos de comunicação é que têm uma relação direta com a artista. Importa também olhar para a distribuição destes artigos pelos três jornais.

Tabela 3 - Distribuição por jornal dos artigos com relação direta e indireta com a artista Filipe Sambado

	Jornal Público		Expresso		Observador	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Relação Direta	10	18,5	10	30,3	19	35,2
Relação Indireta	44	81,5	23	69,7	35	64,8
Total de artigos	54	100,0	33	100,0	54	100,0

Fonte: a autora.

Atentando na distribuição dos artigos diretos e indiretos por jornal é possível notar algumas disparidades. O Observador é o jornal com maior número de artigos diretamente relacionados com Filipe Sambado, somando 19 artigos, o correspondente a uma percentagem de 35,2%. No caso do jornal Público e do Expresso, apesar do primeiro somar um maior número total de artigos (54 no total), em apenas dez destes a artista Filipe Sambado tem uma relação direta, ou é o tema do artigo. No caso do Expresso, apesar de o número total de artigos relacionados com Filipe Sambado ser menor, apresenta o mesmo número de notícias com uma relação direta a Filipe Sambado que o Público. No caso do Expresso estes representam 30,3% da amostra, ao invés do caso do Público, onde eram apenas 18,5%.

Em suma, a caracterização do *corpus* empírico permitiu retirar algumas evidências sobre a ênfase dada pelos média a ativistas queer e o espaço que lhes é conferido nestes órgãos de comunicação. Foi possível apurar que, apesar de algumas diferenças, nos três jornais a notícia é o género jornalístico predominante e que notícias médias (entre três e seis parágrafos) são a dimensão apresentada na maioria dos artigos. Também no que concerne a relação das notícias com a artista os três jornais apresentam semelhanças, sendo que a maioria dos artigos apresenta uma relação indireta com Filipe Sambado⁸.

Apesar de elucidativa, a caracterização do *corpus* analítico não basta para satisfazer os objetivos desta investigação. E, se até então os três órgãos de comunicação comparados exibiram semelhanças, torna-se pertinente aprofundar a análise e olhar para o conteúdo de cada artigo recolhido, por jornal, comparando as temáticas e as formas como estas

⁸ Alguns exemplos destas notícias são: Lopes, M. (2023, 15 de setembro). Rentrée na música. Os discos, os concertos, os festivais que estão a chegar. *Público*.; Pacheco, N. (2022, 07 de setembro). Paulino Vieira, um criador de génio, vai voltar aos palcos em 2023. *Público*.; Nogueira, R. (2021, 07 de março). The Black Mamba vencem Festival da Canção. *Público*.; Vieira, Mário R. (2024, 06 de março). Os músicos e as eleições legislativas: quem apoia quem, da esquerda à direita. *Expresso*.; Vieira, Mário R. (2024, 23 de fevereiro). Festival da Canção 2024: quem canta na semifinal deste sábado e quem deve passar à final. *Expresso*.; Gustavo, R. (2022, 20 de dezembro). Ativistas que ocuparam prédio devoluto para ajudar sem-abrigo julgados por usurpação de imóvel: “Coisas impossíveis de provar”, diz um deles. *Expresso*.; Bernardino, A.L. (2023, 12 de maio). Três festas de anos, cinema com descontos e uma das melhores pizzas da Europa. 13 coisas para fazer no fim de semana. *Observador*.; Lusa. (2021, 20 de dezembro). Janeiro no Theatro Circo abre com Bruno Pernadas e encerra com Pedro Burmester. *Observador*.

foram tratadas. Para isto foi necessário o desenvolvimento de categorias, e subcategorias de análise.

Ainda na primeira fase de aplicação desta metodologia - a pré-análise como ditado por Laurence Bardin (2011) - e ao longo da primeira leitura do material empírico - começou a ser notória a repetição de algumas temáticas ligadas a Filipe Sambado. Dado a artista ser uma pessoa não-binária, pertencente à comunidade LGBTQIA+, e expressar a sua identidade e experiência *queer* através da música e das performances em palco, a temática da identidade de género é recorrente em notícias ligadas à ativista.

Figura 8- Print do título de uma reportagem do jornal Expresso sobre pessoas não-binárias que inclui o testemunho de Filipe Sambado



Fonte: Expresso <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2581/html/primeiro-caderno/reportagem/estas-pessoas-nao-sao- apenas-de-marte-ou-venus>

Ademais, a faceta ativista desta artista também se encontra retratada recorrentemente no material empírico analisado. Apesar de o termo ativista nunca aparecer associado ao nome Filipe Sambado nas notícias recolhidas, em vários casos a música de protesto está associada a Filipe Sambado, que aparece retratada como uma precursora de músicos de intervenção portugueses como José Afonso, Sérgio Godinho e José Mário Branco.

Por fim, outra temática identificada por aparecer recorrentemente é o Festival da Canção⁹. Filipe Sambado participou no Festival da Canção em 2020, apresentando a canção *Gerbera Amarela do Sul*. O tema era um dos preferidos para a vitória nesse ano e, desde então, o nome da artista aparece muitas vezes ligado a este festival. Dada a importância que o Festival da Canção tem para artistas emergentes alcançarem públicos mais vastos, principalmente no caso de artistas *queer*, é relevante analisar notícias ligadas a esta temática pondo em evidência a forma como Filipe Sambado é retratada.

Pelo exposto, e tendo sempre presentes os objetivos desta investigação. A primeira categoria de análise centra-se na questão *queer*, e de que forma é que esta não-identidade disruptora de códigos sociais, da norma (Griffney, 2009), é retratada pelos media. Para isso, foi desenvolvida a categoria *Códigos de Ação Queer*. Relembrando que os códigos de ação *queer* vão desde elementos estéticos, como as roupas, à linguagem e comportamentos. Estes códigos são formas de autoexpressão e resistência que desafiam as normas de género e sexualidade predominantes nas sociedades (Guerra, 2022b). Além disso, como elucidado por Griffney (2009) e Guerra (2022b) e mencionado anteriormente, os códigos *queer* interagem diretamente com aspetos culturais, regionais e sociais e, por isso, é necessário atentar no contexto português em específico.

No trabalho de Filipe Sambado, as sonoridades da música popular portuguesa, o folclore e o fado, são reapropriados e reconfigurados de acordo com os códigos de ação *queer* (Guerra, 2023b). Também as letras das canções e a estética da artista são uma mistura de portugalidade com *queer* e importa perceber como é que esta simbologia é retratada pelos média. Assim, para complementar a categoria *Códigos de Ação Queer*, foi

⁹ Alguns exemplos de notícias são: Nogueira, R. (2024, 18 de janeiro). Festival da Canção 2024 vai dar palco aos autores (e recordar Sara Tavares). *Público*.; Nogueira, N. (2023, 05 de março). Festival da Canção: Ivandro, Edmundo Inácio, Bárbara Tinoco, Voodoo Marmelade, Inês Apenas e Dapunksportif na final. *Público*.; Nogueira, N. (2020, 15 de janeiro). Kady, Filipe Sambado, Jimmy P e Throes+The Shine entre os cantores do Festival da Canção 2020. *Público*.; Vieira, Mário R. (2024, 23 de fevereiro). Festival da Canção 2024: quem canta na semifinal deste sábado e quem deve passar à final. *Expresso*.; BLITZ. (2023, 04 de março). Festival da Canção 2023: todas as canções apuradas para a final. *Expresso*.; BLITZ. (2023, 03 de março). Festival da Canção 2023 continua este sábado: tudo sobre a segunda semifinal, das canções aos convidados. *Expresso*.; Correia, G. (2021, 08 de março). Vídeo: a homenagem de Clã, Filipe Sambado e Cláudia Pascoal a Godinho, “Zeca” e José Mário no Festival da Canção. *Observador*.; Correia, G., & Porfírio, J. (2020, 10 de março). Marta quis fazer uma “canção intemporal”, Elisa cantou-a. “O público português gosta deste tipo de canções”, dizem as vencedoras do Festival. *Observador*.

desenvolvida uma subcategoria para identificar quais os tipos de códigos presentes nas notícias (estética- roupas maquilhagens, a linguagem, as letras das canções, a sonoridade, as performances e identidade não normativas, como a não-binariedade).

Na segunda categoria de análise o foco foi o ativismo queer. Como discutido, a música, aliada ao ativismo é um poderoso instrumento de resistência e reivindicação, tendo tido um papel crucial em algumas revoluções (Sardo, 2014; Boubia, 2015). Como seria de esperar estas duas categorias (Códigos de Ação Queer e Ativismo Queer) encontram-se interligadas, a introdução de códigos de ação queer na cena musical portuguesa- em particular na música popular portuguesa, produto cultural muito orientado para a fruição de indivíduos cisgénero e heterossexuais (Guerra, 2022a), é uma forma de autoexpressão, de resistência e, consequentemente, ativismo. Porém, nesta categoria de análise o que se pretende é analisar se os jornais selecionados põem em evidência esta forma de ativismo. Como Santos (2018) evidencia, a relação entre o Movimento LGBTQIA+ português e os média tem-se vindo a transformar ao longo dos anos e um maior conjunto de temas ligados à Comunidade LGBTI+ tem adquirido relevância jornalística. Contudo, com esta categoria, o que se pretende analisar é se os artigos jornalísticos vão para além da superficialidade e exploram o facto de o trabalho da artista ser uma forma de ativismo pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. Esta categoria é complementada por duas subcategorias de análise, desenvolvidas após a primeira leitura do material empírico. A primeira subcategoria diz respeito à *expressão artística* identificada no texto e a segunda subcategoria ao foco do ativismo em questão.

Por fim, dada a relevância e recorrência desta temática no *corpus* empírico foi desenvolvida posteriormente uma terceira categoria de análise sobre o Festival RTP da Canção (FRTPC). O FRTPC é o concurso musical português mais duradouro da televisão portuguesa e surge em 1964 da vontade do canal televisivo RTP se fazer representar no Festival Eurovisão da Canção (FEC), uma iniciativa que começou em 1956 por parte da União Europeia da Radiodifusão (UER) (Lopes, 2017). Em Portugal, o vencedor do FRTPC representa o país, a nível internacional, no Festival Eurovisão da Canção. O FRTPC tem sido um motor e uma plataforma de divulgação para muitos artistas emergentes e dada

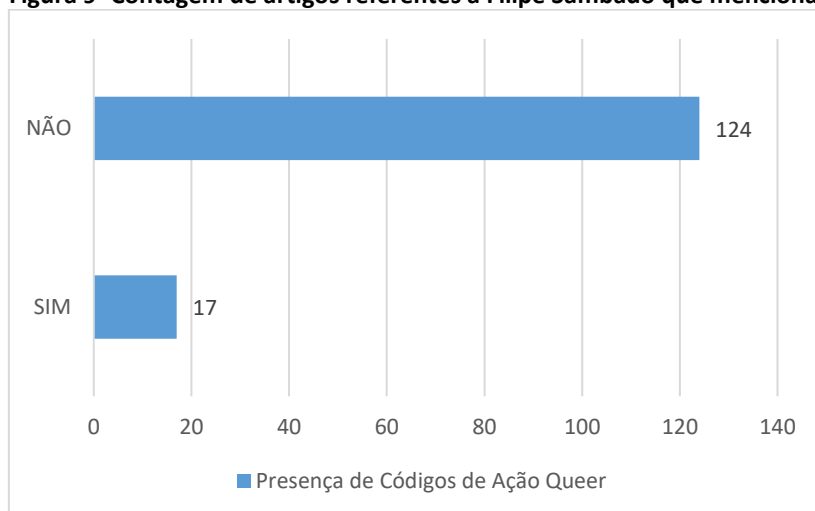
a sua exposição mediática (Lopes, 2017), que permite aos artistas alcançarem públicos mais vastos, é imperativo analisar de que forma a performance e a música de Filipe Sambado no FRTPC foram retratadas pelos média portugueses e que impacto é que a participação neste concurso teve na carreira da artista.

CAPÍTULO 5. Processos de reconstrução identitária e *queerness*

No seguimento das categorias e subcategorias explicadas anteriormente, a presente secção dedicar-se-á à análise e interpretação dos dados recolhidos, acompanhados de uma análise em profundidade de alguns exemplos concretos de notícias que ilustrem cada categoria. Primeiramente, atentando na categoria Códigos de Ação Queer, foram considerados enquanto códigos todos os comportamentos, elementos estéticos, questões de identidades não-normativas e linguagem consideradas formas de autoexpressão e resistência à heteronormatividade (Guerra, 2022b).

Tendo sempre presente a necessidade de realizar um exercício com base na precisão e fiabilidade (Benzin, 2011), o processo de análise desta categoria passou por, primeiro, destacar, dentro do *corpus* empírico (141 artigos), quais das notícias referentes a Filipe Sambado é que enunciavam a presença de códigos de ação queer. A **Figura 9** ilustra a contagem de artigos referentes a Filipe Sambado que, de facto, mencionam códigos de ação queer.

Figura 9- Contagem de artigos referentes a Filipe Sambado que mencionam códigos de ação queer



Fonte: a autora.

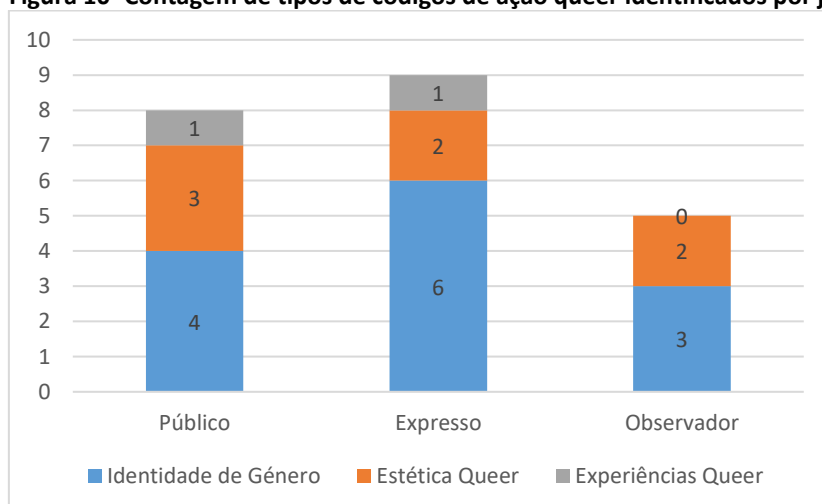
É possível denotar que a maior parte dos artigos do *corpus* analítico, 124 artigos, não fazem menção a qualquer tipo de código de ação queer veiculado pela artista e apenas 17, de uma amostra de 141, o fazem. Porém, estes resultados não eram inesperados,

considerando que a maior parte das notícias recolhidas (72,3%), como demonstrado no capítulo anterior, dizem respeito a Filipe Sambado de forma indireta, não explorando o trabalho da artista em profundidade, ou, por vezes, mencionando-a apenas. Logo, a enunciação de códigos queer é também omitida.

Num segundo momento de análise desta categoria, a atenção foi depositada na subcategoria Tipos de códigos de ação queer, analisando, nas notícias que de facto apresentavam códigos de ação queer, quais os códigos mencionados e com que frequência. Para a análise do gráfico de barras que se segue é necessário, primeiro, clarificar a distribuição das notícias que mencionam códigos de ação queer: no *Público*, dos 54 artigos recolhidos, 7 foram identificados como apresentando códigos; no *Expresso*, dos 33 artigos, foram identificados 6 e, por último, no *Observador*, dos 54 artigos foram identificados 4.

Na Figura 10, estão ilustrados, por jornal, quais os códigos identificados nas dezassete notícias e a frequência com que aparecem. É importante ressaltar que o gráfico que se segue diz respeito à frequência com que cada código é identificado, logo, o número total de códigos apresentados é superior ao número de notícias que apresentam códigos de ação queer (17), pois cada notícia pode conter mais que um código.

Figura 10- Contagem de tipos de códigos de ação queer identificados por jornal



Fonte: a autora.

Numa primeira leitura deste gráfico é possível aferir que três códigos de ação *queer* são transversais aos três jornais analisados: questões relacionadas com identidades de género, a estética queer e as experiências e vivências de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Olhando para a frequência com que estes códigos são identificados nas notícias, podemos também averiguar que o Jornal *Expresso* é, claramente, o órgão de comunicação que se destaca, sendo seguido de perto pelo jornal *Público*. Já o *Observador* fica bastante aquém dos restantes jornais, quer isto dizer que, apesar de existir um número considerável de notícias no jornal *Observador* sobre, ou que mencionam, Filipe Sambado, a questão queer inerente à artista é, recorrentemente, olvidada.

Reiterando a necessidade salientada por Heck (1972), de considerar não só o que é dito, mas como é dito, foram selecionados três exemplo para ilustrar a categoria *códigos de ação queer*. Estes centram-se no lançamento do novo álbum da artista Filipe Sambado, *Três Anos de Escorpião em Touro*, no final de setembro de 2023. A escolha dos três artigos não foi inusitada pois, ao trabalharem o mesmo tema, tornam as diferenças de tratamento da questão queer mais evidentes. Concomitantemente, no novo álbum da artista, e nos videoclipes que o acompanham, os códigos de ação queer são bastante explícitos, tornando a análise dos três artigos que noticiam este lançamento, e de que forma abordam estes códigos, ainda mais relevante.

Figura 11- Print de uma notícia sobre o novo álbum de Filipe Sambado, publicada no jornal Público a 29 de setembro de 2023



Fonte: Jornal Público <https://www.publico.pt/2023/09/29/culturaipsilon/entrevista/filipe-sambado-deixou-medo-2064511>

Já através da leitura do título desta entrevista- *Como Filipe Sambado deixou de ter medo de ser*- a Filipe Sambado conseguimos perceber que irá abordar a temática da identidade de género e o processo de afirmação e exploração da identidade inerente à artista. O artigo encontra-se dividido em quatro partes: *Transformação, Amalgamação, Concretização e Consolidação*, com o intuito de ilustrar as várias fases do processo identitário de Filipe Sambado.

A “geografia discursiva” a que se refere surge principalmente da exploração da sua identidade de género. Entre *Revezo* e este novo disco, Sambado assumiu-se publicamente como pessoa não-binária, preferindo o uso de pronomes femininos ou neutros. Foi mãe, pai, “papita”, [...] deixou de ter medo de ser. (Rocha & Fieschi, 2023, s/p)

Logo no terceiro parágrafo do artigo é feita referência à identidade não-binária da artista e à preferência pela utilização de pronomes femininos ou neutros (elu/delu). Não é

explicado em que consistem, ou o que são, pronomes neutros nem identidades não-binárias, nem existe uma hiperligação para outro artigo que pudesse fornecer tal explicação. Todavia, ainda neste excerto conseguimos retirar que esta identidade não-binária é algo que foge aos padrões e concepções heteronormativas, pela referência a que a artista é “mãe, pai, “papita”, para a sua filha, não se identificando como uma figura maternal ou parental estática.

Ao longo de todo o artigo continua a ser reforçada a ideia de que Filipe Sambado “deixou de ter medo” e que, tanto no que à sua identidade diz respeito, como à sua música, procurou “ir a fundo”, não temendo “julgamentos ou que as coisas se pudessem tornar tão loucas” (Rocha & Fieschi, 2023, s/p). É também mencionado que neste último disco, Sambado deixa as metáforas de parte e é mais direta, “sem rodeios”, reforçando novamente a ideia de ter deixado de “ter medo de ser”.

Os videoclipes que acompanham o novo álbum da artista são também referidos por estarem imbuídos de significados, tanto pela estética como pela performance. Ademais, também a experimentação no que à sonoplastia diz respeito não passa despercebida: “mas também pela desconstrução e pela experimentação que decorrem na sonoplastia. Há uma intenção clara de não obedecer ao esperado” (Rocha & Fieschi, 2023, s/p). Também é feita referência à roupa que a artista usa em palco como “vestimentas apocalípticas e teatrais” (Rocha & Fieschi, 2023, s/p).

Já na secção *Concretização* deste artigo, a temática da não-binariedade é explorada em maior detalhe. Apesar de no corpo de texto ser dito que a questão identitária foi “um processo contínuo”, este título sugere o contrário. *Concretização* impele o leitor a julgar que após um processo de transformação (também outro subtítulo deste artigo), Filipe Sambado termina o processo, concretiza a sua identidade, dando a entender que esta é algo estático e não algo em constante construção (Butler, 2017).

Anteriormente, Sambado já se afirmava como pessoa queer, mas o seu contínuo processo de descoberta e recolha de informação (a leitura de *Problemas de Género* de Judith Butler, ajudou-a com algumas “elucidações”) levou-a a afirmar-se enquanto pessoa não-binária. “Ocorreu tudo de forma

natural”, relata. Nunca questionou nada em termos da sua “genitália ou coisas do género, foi sempre muito sobre as noções comportamentais e o papel de género”. (Rocha & Fieschi, 2023, s/p)

Existe, nesta secção, e como demonstrado no excerto supracitado, a referência à procura e recolha de informação e à leitura do livro *Problemas de Género*, de Judith Butler (aqui sim, surge uma hiperligação para uma crítica publicada no Público sobre o livro de Judith Butler e que resume as principais ideias da obra). Ainda no mesmo excerto, refere-se também que “nunca questionou nada em termos da sua genitália” e que para a artistas o ponto fulcral eram “as noções comportamentais e o papel de género”. Por fim, é novamente repetida a frase “Sambado, está visto, não tem medo”. É feita a menção a espaços e zonas inseguras em Lisboa para pessoas não-binárias:

Eu ando muito a pé e sempre que faço o trajecto de casa até ao estúdio, da Mouraria até ao Bairro Alto, há zonas em que a experiência é substancialmente diferente num dia em que eu esteja mais *normcore* [vestida de acordo com os papéis de género tradicionalmente aceites pela sociedade] e noutro em que a roupa seja um bocadinho mais à vontade”, conta. (Sambado in Rocha & Fieschi, 2023, s/p)

Porém, rapidamente o texto retoma para como a história de Sambado é marcada pela “euforia” e felicidade por existir um termo que a pode “definir”. A constante repetição da ideia de que Sambado “deixou de ter medo”, pode ser interpretada no sentido de a artista ser vanguardista, procurar sonoridades inovadoras e não recear a “loucura”. Porém, dar ênfase à questão de “deixar de ter medo”, principalmente no que concerne a identidade de pessoas queer, coloca a tónica no indivíduo e dá a entender que é este que necessita de coragem para “se assumir”. Retratar Filipe Sambado como um exemplo de coragem, de renúncia ao medo, desfoca a problemática do preconceito e discriminação como sendo um problema da sociedade e coloca o foco numa necessária

coragem ilusória que pessoas queer precisam de ter para se poderem expressar livremente.

Para Sambado a sua *queerness* sempre influenciou a sua produção musical: “principalmente no lado mais identitário, na forma como posso usar a minha voz para me expressar sobre a minha própria vida” (Entrevista)¹⁰. Sambado corrobora, a produção artística de pessoas queer está interligada com as suas reflexões sobre o mundo e as suas experiências, muitas vezes marcadas por discriminação, preconceito, assédio, *bullying*. Desta forma, a arte criada por pessoas queer assume muitas vezes uma faceta catártica e de libertação de medos e ansiedades, mas também adquire contornos políticos muito evidentes, em que através das experiências individuais, artistas dão visibilidade a problemas estruturais de injustiça (Christopher, 2024). Sambado evidência isso mesmo:

Eu acredito que agora uma das formas mais políticas de tu poderes criar é através da tua identidade. Porque é aquilo que te diferenciá, e isso é uma voz que é sempre singular. E que pode ser absorvida por coletivos, o que é muito bom. É a tal ideia da representatividade que as pessoas podem encontrar.
(Entrevista)

Ou seja, apesar de ser uma experiência individual não é apenas sobre um indivíduo, mas sobre um conjunto de pessoas com ansiedades, medos e experiências semelhantes. Logo, ao contrário do que é veiculado no artigo, a música de Sambado não é só sobre si, e esta não é a história de uma pessoa excecional que “deixou de ter medo” (Rocha & Fieschi, 2023, s/p), ou um exemplo a seguir, é um ato político (Guerra, 2019, 2022a).

¹⁰ Citação retirada da entrevista a Filipe Sambado.

Figura 12- Print de uma notícia do jornal Expresso sobre Filipe Sambado e o lançamento do seu novo álbum, publicada a 20 de outubro de 2023



Fonte: Expresso <https://expresso.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2023-10-20-Filipe-Sambado-Nao-grito-no-cafe-sou-uma-pessoa-nao-binaria-Nos-queremos-e-que-nos-tratem-bem-e-que-possamos-ver-a-bola-juntos-e0f0b031>

O presente artigo foi publicado no jornal *Expresso* a 20 de outubro de 2023,¹¹também na sequência do lançamento do novo álbum de Filipe Sambado. Mais uma vez, já o título é sugestivo de que questões relacionadas com a identidade não-binária de Filipe Sambado serão abordadas- “Não grito no café ‘sou uma pessoa não binária!’” (Mendonça & Fernandes, 2023, s/p).

O texto do artigo começa com uma citação de um poema de André Tecedreiro, fazendo depois referência a Maya Angelou, ativista e escritora americana, no que diz respeito ao seu entendimento sobre o que significa coragem:

“Não há solidão comparável à de vivermos longe de nós.” O poema é de André Tecedreiro e fala sobre a dor de não nos cumprirmos, de vivermos fora da nossa vida, da nossa essência, da nossa identidade. Por ignorância, preconceito, medo. Cruzemos esta ideia com a da poeta e escritora americana Maya Angelou, mulher negra feminista e ativista pelos direitos

¹¹ Apesar de o artigo em análise estar relacionado com o podcast *A Beleza das Pequenas Coisas*, do jornal Expresso, para efeitos desta investigação apenas o artigo escrito foi considerado.

civis, que sobre a “coragem” chegou a dizer numa entrevista: “A coragem é a mais importante de todas as virtudes. Porque sem coragem não se pode praticar nenhuma virtude de forma consistente. (Mendonça & Fernandes, 2023, s/p)

À semelhança do artigo do *Público*, também aqui a “coragem” surge associada a questões de identidade e a Filipe Sambado, levando o leitor a estabelecer a artista como um exemplo de “bravura”. Já no corpo do artigo, esta ideia de Sambado ser um exemplo de coragem é novamente explorada.

Filipe Sambado é alguém a quem não falta essa bravura porque nos últimos dois anos passou a dar um nome à sua identidade e assumiu publicamente que é uma pessoa não binária de género fluído. Ou seja, que não se identifica exclusivamente com o género masculino, nem apenas com o feminino, e que prefere para si os pronomes neutros ou femininos. E numa sociedade ainda demasiado machista e patriarcal que associa o feminino a fraqueza e a lugares menores - pessoas como Filipe Sambado são revolução e ajudam a desconstruirmos e a repensarmos conceitos binários demasiado estanques do que é ser homem e do que é ser mulher, do que é para ele do que é para ela. (Mendonça & Fernandes, 2023, s/p).

Ora, a artista é um exemplo de coragem porque assumiu uma identidade que foge às regras da heteronormatividade, colocando, novamente, a tónica na coragem do indivíduo, desconsiderando o problema em si, visto a necessidade de ter coragem vir de um lugar de falta de aceitação e preconceito e esta não deveria ser condição necessária para pessoas publicamente assumidas como queer. Porém, considerando o excerto acima, é possível denotar um esforço para explicar ao leitor o que significa ser uma pessoa não-binária, algo que não é feito no jornal anteriormente analisado. Além disso, é feita referência a uma sociedade “demasiado machista e patriarcal” (Mendonça & Fernandes, 2023, s/p), mas a utilização da palavra “demasiado” na frase sugere que

existe uma medida certa de machismo e patriarcado e que o facto de a sociedade portuguesa ser machista e patriarcal não é um problema, só quando o é “demasiado”.

Uns parágrafos à frente, Filipe Sambado é citada sobre a aceitação e como considera que esta é feita em vários níveis, sendo o primeiro a tolerância. Apesar de ser retratada ao longo do artigo como “corajosa”, Sambado acrescenta na entrevista que não se considera como tal e que, aliás, tem “muito medo”, mas que se vê obrigada a enfrentá-lo (Mendonça & Fernandes, 2023). O corpo queer, estigmatizado e diminuído por não possuir as características de um corpo heteronormativo, é inerentemente político e uma ferramenta de resistência. Para pessoas queer, como Sambado, a coragem não é uma escolha, apesar de enquadrada como tal, mas uma luta diária contra o medo e pelo direito de existência no espaço urbano (Guerra, 2019).

À semelhança do artigo anterior, também neste a procura e exploração identitária são identificadas como o mote do álbum *Três Anos de Escorpião em Touro*. Todavia, como a reafirmação de género e a *queerness* de Filipe Sambado influenciaram a produção musical deste novo álbum não são temáticas exploradas em grande profundidade.

Filipe Sambado é uma artista pop necessária porque se atreve a fazer canções dançáveis sobre temas e narrativas que arejam as cabeças e abrem novas possibilidades, horizontes e discussões. E vai lá atrás à tradição para a reinventar e trazer sonoridades pop e *queer* que soam a liberdade e futuro. (Mendonça & Fernandes, 2023: s/p)

O artigo termina com a citação, demonstrando a necessidade de uma artista como Sambado, visto esta se “atrever a arejar cabeças” e abrir “novas possibilidades, horizontes e discussões”. A utilização da expressão “arejar cabeças” sugere o conservadorismo da sociedade portuguesa e o facto de artistas como Sambado desafiarem as normas, confrontarem o aceitável e impelirem o questionamento e discussão, uma clara referência ao ativismo da obra da artista, discutido anteriormente. Por fim, poucos são os elementos estéticos referidos, mas, como podemos observar na citação acima, o resgate e reinvenção da tradição dotando-a de sonoridades “pop e

queer” (Marina & Mendonça, 2023, s/p) não passa despercebida no artigo, apesar de pouco explorada. Por fim, considerando que a ideologia está presente em todos os discursos, e que é necessário analisar o que é dito e de que forma é feito (Heck, 1972), urge atentar no título desta notícia: “Não grito no café 'sou uma pessoa não binária!' Nós queremos é que nos tratem bem e que possamos ver a bola juntos” (Sambado in Mendonça & Fernandes, 2023: s/p). Apesar de o título ser uma citação da artista retirada da entrevista, é necessário analisar o porquê desta escolha. Sambado é uma figura não-binária, não se inserindo em nenhuma das concepções binárias de gênero- masculino/ feminino. Ora, a não-binariedade é uma identidade que não se insere na estrutura dominante e que perturba a ordem estabelecida, tendo isto em conta e considerando que os média detêm um papel crucial enquanto órgãos legitimadores e definidores da realidade (Hall, 1993) a referência, no título, a uma atividade profundamente masculina e heteronormativa, como é o futebol, pode ser encarada como uma tentativa de inserir Sambado numa estrutura que esta rejeita.

Figura 13- Print de uma notícia do jornal Observador sobre o lançamento do novo álbum de Filipe Sambado, publicada a 27 de setembro de 2023



Fonte: Observador <https://observador.pt/2023/09/27/tres-anos-de-escorpiao-em-touro-a-hyperpop-de-filipe-sambado/>

O último artigo a analisar para a categoria *Códigos de Ação Queer* é do Observador, publicado a 27 de setembro de 2023, também este sobre o lançamento do novo álbum de Filipe Sambado. Logo à partida é notória uma abordagem diferente dos outros dois jornais, tanto no título como no *lead* não são feitas referências à identidade de Sambado, algo patente nos artigos anteriores.

Nesta notícia são feitas poucas referências à exploração identitária de Sambado e, quando surgem, são pouco exploradas:

“Há muita coisa no Revezado que pode ter ficado a meio caminho daquilo que fiz neste disco. Sendo que este acaba por também explorar outras coisas”, explica ao Observador. (Sambado in Farinha & Amorim, 2023: s/p)

Por exemplo, neste excerto é feita uma referência à exploração de “outras coisas”, sem ser posto em evidência em que consistem. Num outro momento, é também referido que este novo álbum da artista foi bastante influenciado pelos confinamentos da pandemia COVID-19, mas também por confrontos pessoais (Farinha & Amorim, 2023), sem ser aprofundado que confrontos foram esses.

O texto deposita a tónica na vertente musical da obra, explorando as sonoridades vanguardistas do álbum e como este se insere no género musical *hyperpop*. Porém, a identidade não-binária de Sambado, uma enorme influência no seu novo álbum e destacada nos artigos de outros jornais, é poucas vezes falada.

O processo de construção do disco coincidiu também com a reafirmação de género de Filipe Sambado, que se assumiu como pessoa não-binária, tema presente ao longo de *Três Anos de Escorpião em Touro*. (Farinha & Amorim, 2023: s/p)

Fala-se de uma “reafirmação de género”, ou de uma “afirmação de género”, não mencionando o contínuo processo de exploração da identidade posto em evidência noutros artigos. Aqui, o género é tratado como algo estático, que se afirma. Além disso,

não existe qualquer explicação adicional sobre o significado de pessoa não binária e este termo é utilizado apenas uma vez, no excerto destacado.

Por fim, não são feitas referências a elementos estéticos, como a roupa ou maquilhagem, e até mesmo nas imagens que acompanham o artigo é notória uma diferença, enquanto no *Público*, Sambado aparece de vestido, na imagem do Observador encontra-se de t-shirt e calções. De notar também que ao longo de todo o artigo a artista nunca é endereçada com pronomes femininos.

Na entrevista semi-diretiva a Filipe Sambado, esta destaca que o seu último disco, *Três Anos de Escorpião em Touro*, é o primeiro em que a sua não-binariedade está assumida publicamente (Entrevista). A expressão queer e a identidade da artista são um tema central do álbum, logo, num artigo que diz respeito ao disco, como o artigo do Observador, a temática deveria ser abordada com profundidade. Na ótica de Sambado, fugir à temática da identidade não-binária pode ser uma forma de os média tentarem passar uma imagem de não “*influenciáveis, enviesadas, quando acabam por estar a fazer o oposto*” (Entrevista).

É de salientar também o facto de, em nenhum dos artigos dos três jornais, a estética de Sambado ocupar um lugar de relevância. Como Hebdige (1979) destaca na sua obra *Subcultures: The meaning of style*, a escolha da roupa que se enverga está imbuída de significados, quer seja uma escolha consciente ou não. As sociedades são regidas por códigos que limitam o que é linguística e socialmente aceitável, estes códigos encontram-se também presentes na estética que cada indivíduo apresenta e transmitem mensagens. Ora, a estética de Sambado, o uso de saias, maquilhagem, unhas pintadas, adereços coloridos, é o que o autor considera ser comunicação intencional: “uma construção visível, uma escolha carregada. Direciona a atenção para si próprio e dá-se a ler” (Hebdige, 1979: 101).

A exibição de códigos próprios, no caso, de códigos queer, vão contra uma cultura dominante (Hebdige, 1979), regida por preceitos cisgénero e heteronormativos. Ademais, este choque com os códigos da cultura dominante abre espaço para leituras alternativas, diferentes dos mesmos objetos, abre espaço para o questionamento da

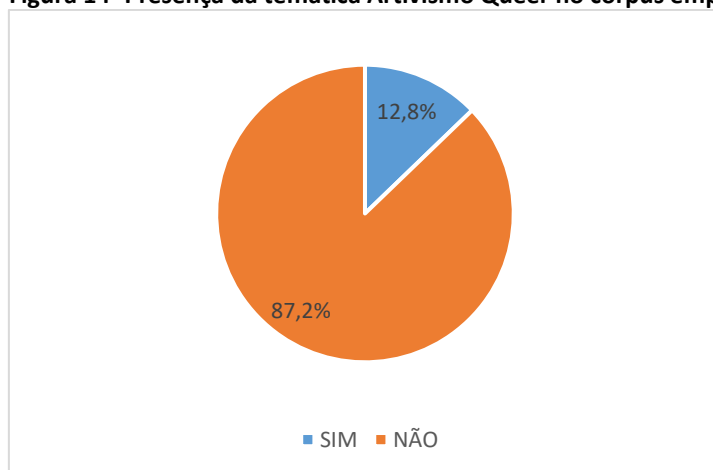
ordem social estabelecida (Griffney, 2009). O objetivo por trás do estilo, da estética, é a comunicação, a comunicação da diferença, da resistência e subversão, mas também a comunicação de pertença a um determinado grupo (Hebdige, 1979).

A questão do estilo pode ser interligada ao conceito de “fazer género”[doing gender] discutido por Butler (2017). Para Butler (2017) o género é construído através de atos repetitivos que reforçam a ideia de um binómio feminino/masculino. Ou seja, assumindo que o género é socialmente construído e orientado por códigos e normas sociais, existe a possibilidade da sua subversão através da performance, ou seja, através de escolhas e ações deliberadas que subvertem as normas sociais impostas (Butler, 2017). Isto é algo que podemos corroborar olhando para Sambado, a introdução de códigos queer na forma como se apresenta e nas suas performances, são atos deliberados que transmitem mensagens de subversão de normas sociais e de concepções de género heteronormativas, mas tratadas como algo secundário pelos média.

CAPÍTULO 6. Potências da música e do ativismo queer

Passando para a segunda categoria de análise, o *ativismo queer*, numa primeira leitura das notícias recolhidas o foco foi analisar se os artigos faziam menção ao ativismo presente na obra de Filipe Sambado, ou seja, se era estabelecida a ligação entre a estética disruptiva, as sonoridades experimentais e as letras que retratam as experiências individuais de uma pessoa *queer* como uma forma de reivindicação, denúncia e resistência. Para esta primeira fase, o *corpus* empírico foi analisado no seu todo, ou seja, os 141 artigos recolhidos.

Figura 14- Presença da temática Ativismo Queer no corpus empírico recolhido

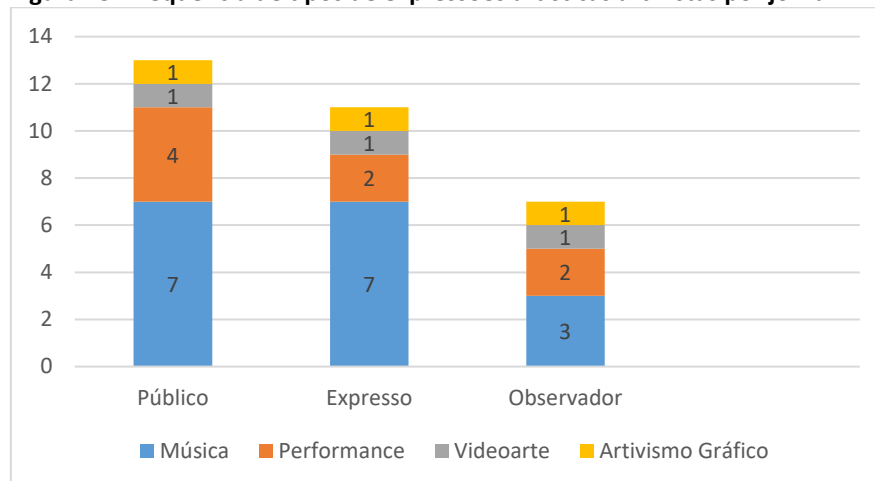


Fonte: da autora

Como ilustrado na **Figura 14**, na totalidade do corpus analítico, apenas 12,8% dos artigos exploravam a vertente ativista da obra de Filipe Sambado. Esta percentagem, tendo em conta os dados analisados até agora, não traz evidências inesperadas. Como já referido, no capítulo anterior, a maior parte das notícias dizem respeito a Filipe Sambado de forma indireta e, por isso, era de esperar que a sua obra e, em concreto, a faceta ativista da sua obra não fosse alvo de grande presença mediática. Ademais, é também de salientar que no capítulo anterior apenas 17 de 141 notícias denotavam a presença de códigos queer e, como referido, as categorias – *Códigos de Ação Queer* e *Ativismo Queer*- encontram-se relacionadas.

Partindo dos artigos identificados como possuindo a temática do ativismo, procedeu-se para uma outra análise mais aprofundada, estudando que expressões artísticas apareciam identificadas como artistas e qual o foco desse ativismo.

Figura 15- Frequência de tipos de expressões artísticas artistas por jornal



Fonte: da autora

Na **Figura 15** é analisada a frequência com que diferentes expressões artísticas são identificadas nos artigos recolhidos, por jornal. À semelhança da **Figura 10**, este analisa a frequência com que as várias expressões artísticas são identificadas, o que significa que uma notícia pode conter mais do que uma expressão artística.

A obra de Filipe Sambado é maioritariamente musical, logo, como seria de esperar, a expressão artística mais vezes identificada nos artigos é a música. Porém, a atividade performática da artista é também identificada algumas vezes como uma expressão disruptiva e ativista. Videoarte e ativismo gráfico, apesar de não serem tão expressivas, também aparecem em algumas notícias ligadas a Filipe Sambado¹². De notar também que o Público é o jornal que se destaca nesta subcategoria, seguido de perto pelo

¹² Chaíça, I. (2023, 13 de outubro). Imersão, o festival de arte queer que quer sair da “bolha”. *Público*.; Lusa. (2023, 18 de outubro). Teatro Ibérico recebe festival dedicado a talentos emergentes da comunidade LGBTQI+. *Expresso*. Lusa. (2024, 18 de outubro). Festival Imersão dedicado ao talento emergente LGBTQI+ esta semana em Lisboa. *Observador*.

Expresso. Já o Observador, à semelhança da secção anterior, fica aquém na identificação e exploração de expressões artísticas ativistas.

Ora, com a análise desta categoria já foi possível apurar que a maior parte do *corpus* empírico não faz referência à temática do ativismo associada à obra de Filipe Sambado, e os artigos que o fazem, a ênfase é depositada na vertente musical da obra. Contudo, para compreender de que forma os media retratam o ativismo *queer* importa também analisar o foco desse ativismo, enunciado nos artigos e, para isso, serão selecionados alguns artigos-exemplo, de cada um dos jornais.

Desafiando o pressuposto, já questionado por teóricos como Stuart Hall (1993) ou Heck (1972), de que os discursos dos média não são isentos da presença de ideologia e que os meios de comunicação desempenham um papel crucial enquanto força ideológica, visto ocuparem uma posição dominante no que concerne a forma como as relações sociais e os problemas políticos são definidos. Torna-se necessário perceber qual o papel dos média, isto é, perceber se, como avança Hall (1993), são uma figura central em assegurar e fazer circular representações e definições que asseguram a estrutura ideológica dominante, ou se, pelo contrário, são agentes agitadores que impulsionam as sociedades a evoluírem (Traquina, 2001).

Relembrando que a ideologia é um sistema que codifica a realidade e, por isso, é autónoma em relação à consciência e intenções dos seus agentes, estes podem estar cientes dos seus pontos de vista e morais, mas não das condições semânticas que tornam possível ilustrar os seus pontos de vista (Heck, 1972). Por isso, para analisar a presença ideológica num discurso não basta apenas analisar o conteúdo da mensagem, mas a forma como esta é transmitida, o que é dito e de que forma o é feito (Heck, 1972).

Figura 16- Print de uma notícia do jornal Público sobre Filipe Sambado, publicada a 31 de janeiro de 2020



Fonte: Publico <https://www.publico.pt/2020/01/31/culturaipsilon/noticia/filipe-sambado-encontrou-nova-tradicao-1902074>

Este artigo, publicado no Público a 31 de janeiro de 2020 diz respeito ao álbum *Revezo*, que à data a artista Filipe Sambado tinha acabado de lançar. Ao longo do texto é explorada a ideia de que neste álbum “é um outro Filipe Sambado que se revela” (Lopes, 2020, s/p) - à data a artista ainda utilizava pronomes masculinos, à procura de uma identidade geográfica e de uma sonoridade portuguesa.

A notícia explora como as inspirações para o álbum *Revezo* foram cantores de música de intervenção, como Fausto e o seu álbum *Por Este Rio Acima*, de 1982, e obras de José Afonso, tais como: *Eu vou ser como a Toupeira*, de 1972, e *Com as minhas Tamanquinhas*, de 1976 (Lopes, 2020). É estabelecida a ligação entre a música de intervenção e o trabalho da artista, como aliás, é notório noutros artigos deste jornal.¹³ Na notícia em análise, Sambado é citada, dizendo que é através do trabalho destes músicos de intervenção que retira a “força posta em cada palavra” (Lopes, 2020, s/p).

¹³ Pacheco, N. (2020, 03 de setembro). Regresso à canção de protesto e à memória de José Mário Branco. *Público*.; Pacheco, N. (2019, 17 de outubro). Se vir a sua vida refletida numa música, isso pode ser uma canção de protesto. *Público*.

A precariedade no trabalho artístico e “desigualdades galopantes” (Lopes, 2020, s/p), são mencionadas, porém, no caso de Sambado, numa ótica de superação, visto a artista, após muitos anos a conciliar a música com um trabalho a tempo inteiro, conseguir dedicar-se ao trabalho artístico por inteiro, sem pôr em causa a sua sobrevivência.

Para Sambado “a música não tem que ter um tema político para ser política” (Entrevista) e este é o caso do álbum *Revezo*, que está imbuído de camadas de significado. Fala da precariedade e da exaustão da rotina de trabalho diária, de alguém que não se podia dedicar à música por inteiro, mas, além disso, resgata sonoridades portuguesas e uma identidade geográfica que, tal como a artista ressalva neste artigo, “se encontra num lugar de souvenir” (Sambado in Lopes, 2020, s/p). A experiência individual retratada na obra é política, não em moldes institucionais, mas com a arte e o corpo (Duncombe & Lambert, 2021). Porém, esta vertente política, ou o aprofundamento dos problemas sociais inerentes expostos neste álbum, são pouco explorados no artigo.

No final do texto, a estética do videoclipe *Jóia da Rotina* é abordada. Nesse videoclipe a artista aparece de lábios pintados, flor na cabeça, saias de folhos e adornos de ouro no pescoço e nas orelhas, reapropriando vestes típicas do folclore português¹⁴. Esta reapropriação de símbolos da cultura popular portuguesa e junção com códigos de ação queer, constitui uma forma de resistência com o corpo (Christopher, 2024) e procede à criação de espaços alternativos de luta, e representatividade, em géneros musicais populares portugueses, para pessoas queer (Guerra, 2022a). Mais uma vez, esta forma alternativa de fazer política não é explorada com grande profundidade no artigo, são feitas referências à “intersecção entre tradição minhota e desconstrução moderna” e à forma como a estética da artista “criou confusão em muitas cabeças e reações de intolerância” (Lopes, 2020, s/p).

¹⁴ Filipe Sambado. (2019, Dezembro 18). *Jóia da Rotina* [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=iSLmp7itNSk>

A maior ligação à vertente política e de resistência queer da obra de Sambado é já feita no final do texto e de forma breve, quando o artigo fala sobre *Gerbera Amarela do Sul*, música com que a artista concorreu no Festival RTP da Canção em 2020.

Algo tão banal como a escolha da roupa com que alguém se veste continua a provocar reacções violentas, mas, para Sambado, seria redundante voltar ao tema da mesma forma. [...] É uma canção para o festival, sobre o festival, ou melhor sobre a necessidade de, perante ele, como perante todo e qualquer assunto na era em que vivemos, se emitirem opiniões tão vincadas que no processo, os outros, os de opinião contrária, tornam-se inimigos. Para ele a questão fundamental, hoje, é a capacidade de empatia: “é criar união e não cair no panfleto, porque isso te leva a cair facilmente no populismo. É assim que crescem as vozes irritadas, é assim que cresce a extrema-direita. Surge a falta de empatia, vem a inveja, é o capitalismo a crescer e a gente a ir abaixo”. (Lopes, 2020, s/p)

Neste excerto a roupa é definida como algo “banal” e, por isso, não deveria provocar “reações violentas”. Porém, como visto no capítulo anterior, a roupa, e por acréscimo, a estética de indivíduos queer não é algo “banal”, é resistência e modos de cidadania e de reivindicação de um lugar no espaço público (Guerra, 2022b; Hebdige, 1979). Usar a soberania do próprio corpo na sua vertente performativa, com roupa, postura, tatuagens, piercings, maquilhagem, não é algo “banal” e muito menos supérfluo (Hebdige, 1979; Butler, 2017). Esta dimensão performática exprime as ideias e valores dos indivíduos e resiste a um sistema que deseja os corpos oprimidos e inseridos num sistema binário heteronormativo (Schilt & Westbrook, 2009). Ora, a escolha das roupas não é “banal” e as “reações violentas” não devem ser entendidas como reações apenas à escolha da roupa, mas algo com raízes mais profundas que isso. Estas “reações violentas” advêm de lugares de preconceito e discriminação sobre corpos queer.

É mencionado que Sambado irá voltar a adereçar o tema das “reações violentas” (Lopes, 2020, s/p), como o fez em obras anteriores (como em *Filipe Sambado & Os Acompanhantes de Luxo*, em 2018), mas salientando, através da sua música, a

necessidade de “empatia” como forma de luta contra a polarização, o populismo e a extrema-direita. É apenas neste parágrafo que o trabalho de resistência política e ativista de Sambado é referido de forma mais flagrante, aliado à temática do Festival da Canção.

A resistência de Sambado e a sua luta contra a expansão da extrema-direita em Portugal é também noticiada noutros artigos deste jornal¹⁵, nomeadamente, aquando do cancelamento de um dos seus concertos na sala de espetáculos Hard Club, no Porto, após o espaço ter acolhido um comício do partido de extrema-direita português, Chega (Lusa & Público, 2020).

Se há uma casa que recebe um conjunto de pessoas com uma índole política que não é tolerante com minorias, por exemplo, tenho que dizer que não faço parte dessa casa. (Sambado *in* Lusa & Público, 2020: s/p)

À data, o cancelamento do concerto da artista após o comício do partido Chega foi um acontecimento mediático, noticiado pelos variados órgãos de comunicação¹⁶. O cancelamento do concerto colocou em evidência o posicionamento político da artista e a sua resistência face a ser conivente com a extrema-direita ou com qualquer instituição que a apoie.

¹⁵ Lusa & Público. (2020, 30 de janeiro). Filipe Sambado cancela concerto no Hard Club depois de comício do Chega. *Público*. ; Borges, L. (2024, 27 de fevereiro). Sérgio Godinho, Olga Roriz e mais de 150 personalidades apelam a voto no BE. *Público*.

¹⁶ Observador, & Lusa. (2020, 29 de janeiro). Cantor Filipe Sambado cancela concerto no Hard Club após comício do Chega no local. *Observador*.; arbosa, M. (2020, 31 de janeiro). André Ventura acusa Sambado de cancelar concerto no Hard Club por não ter vendido “bilhetes suficientes”. *Observador*.; Lusa & Público. (2020, 30 de janeiro). Filipe Sambado cancela concerto no Hard Club depois de comício do Chega. *Público*. ; Borges, L. (2024, 27 de fevereiro). Sérgio Godinho, Olga Roriz e mais de 150 personalidades apelam a voto no BE. *Público*.

Figura 17- Print de um artigo sobre Filipe Sambado, publicado pelo jornal Expresso a 25 de setembro de 2023

BLITZ

Música nova para o fim de semana: o regresso dos Killers, o fantasma de Legendary Tigerman e a natureza morta de Filipe Sambado



Filipe Sambado

Na última sexta-feira do mês, apresentamos-lhe o novo tema dos Killers, marcado pelos "fantasmas" da música eletrónica dos anos 80; a versão de Legendary Tigerman para um tema dos Suicide; mais um single de Filipe Sambado e ainda a 'Estrela' de Carminho na Jornada Mundial da Juventude, entre outras novidades

Fonte: Expresso <https://expresso.pt/blitz/2023-08-25-Musica-nova-para-o-fim-de-semana-o-regresso-dos-Killers-o-fantasma-de-Legendary-Tigerman-e-a-natureza-morta-de-Filipe-Sambado-7bdbcb91>

Da amostra de notícias recolhidas do jornal Expresso relativas a Filipe Sambado, a maioria menciona Sambado e a sua obra numa lógica de entretenimento. O caso do jornal Expresso ilustra a necessidade da abordagem qualitativa adotada e da leitura e exploração dos artigos noticiosos em profundidade, pois, caso um método quantitativo fosse o escolhido a realidade da representação mediática da artista neste jornal não seria fidedigna.

A música de Sambado consta recorrentemente em notícias sobre estreias e lançamentos de produtos culturais, ou recomendações culturais¹⁷. À exceção de algumas notícias que

¹⁷ Exemplos de notícias: BLITZ. (2023, 31 de dezembro). Os melhores álbuns portugueses e internacionais de 2023 para a Antena 3. *Expresso*.; BLITZ. (2023, 23 de dezembro). Os 20 melhores álbuns portugueses de 2023 para os leitores da BLITZ. *Expresso*.; BLITZ. (2023, 16 de dezembro). A lista da BLITZ: os 50 melhores álbuns portugueses de 2023. *Expresso*.; BLITZ. (2023, 12 de janeiro). Música nova para o fim de semana: o regresso de Ariana Grande, o feitiço dos Club Makumba e Lil Nas X enquanto Cristo. *Expresso*.; BLITZ. (2023, 29 de setembro). Música nova para o fim de semana: há novos álbuns de Salvador Sobral, Legendary Tigerman, Wilco e muitos mais numa sexta-feira de luxo.; BLITZ. (2023, 15 de setembro).

abordam a não-binariedade da artista com alguma profundidade¹⁸, a maioria dedica-lhe um parágrafo. Este é o caso do exemplo em questão, aquando do lançamento do novo álbum de Sambado, *Três Anos de Escorpião em Touro*, no final de 2023. Esta notícia sobre lançamentos de nova música dedica um parágrafo ao lançamento de um dos singles, *Laranjas /Gajos*, do mais recente álbum de Sambado. O parágrafo sobre Sambado é baseado num comunicado da artista à imprensa:

Esta sexta-feira, apresenta o single ‘Laranjas/Gajos’, sobre a qual escreve: “Sinto uma grande inércia em falar dos meus sentimentos, mas sempre gostei de encontrar na contemplação e na descrição o que os explicasse. A ‘Laranjas’ faz parte do segmento mais apocalíptico deste trabalho e mostra-se neste formato naturalista, como de uma legenda de natureza morta se tratasse. Conceptualmente esta música contém em si, num parênteses, uma segunda canção, ‘Gajos’, que é uma celebração ao meu corpo.” (BLITZ, 2023: s/p)

De facto, através das palavras de Sambado conseguimos estabelecer uma ligação, ainda que ténue, com o seu ativismo, quando esta menciona que parte da música *Laranjas/Gajos* constituiu uma celebração do seu corpo queer. Porém nada é abordado em profundidade.

Apesar deste exemplo, existem alguns artigos no Jornal Expresso que mencionam a atividade política e ativista de Filipe Sambado. Contudo, a artista não é o tema central

Música nova para o fim de semana: o antídoto de Gabriel o Pensador, o fim do mundo pelos Thirty Seconds to Mars e a pergunta de Nídia. *Expresso*.; BLITZ. (2023, 30 de junho). Música para o fim de semana: novo amor de Tigerman, um Fontaines D.C. a solo e Lisa Gerrard (Dead Can Dance) com disco ao vivo no Porto. *Expresso*.; Pereira, Lia. (2022, 23 de novembro). 6 concertos que não vai querer perder no Super Bock em Stock: o guia essencial para o festival lisboeta. *Expresso*.

¹⁸ Mendonça, B., Ascensão, J., & Fox, Nuno. (2022, 13 de abril). Estas pessoas não são apenas de Marte ou Vénus. *Expresso*.

dos artigos, é sempre mencionada como inspiração¹⁹ ou como participante em atividades de resistência²⁰.

Figura 18- Print de um artigo sobre Filipe Sambado, publicado no Observador a 23 de janeiro de 2020



Fonte: Observador <https://observador.pt/2020/01/23/e-ao-bom-ter-as-cantigas-ao-nosso-jeito-filipe-sambado-e-popular-portugues/>

À semelhança do artigo escolhido como exemplo no jornal Público, também este artigo do Observador diz respeito ao álbum de Filipe Sambado lançado em 2020, *Revezo*. Também aqui é posto em evidência que Sambado “está diferente” e o artigo desenrola-se em torno da procura de uma identidade sonora que concomitantemente soasse portuguesa e própria da artista (Correia, 2020).

A importância que a artista deposita na pesquisa e experimentação de sonoridades portuguesas recebe destaque. Assim como o facto de Filipe Sambado beber grande

¹⁹BLITZ. (2024, 29 de fevereiro). Fado Bicha mostram canção anti-Chega: “Ó mores, é o revirinho”. *Expresso*.

²⁰ Gustavo, R. (2022, 20 de dezembro). Ativistas que ocuparam prédio devoluto para ajudar sem-abrigo julgados por usurpação de imóvel: “Coisas impossíveis de provar”, diz um deles. *Expresso*.; Lusa. (2019, 24 de março). Músicos e artistas portugueses juntam-se em ação solidária por Moçambique. *Expresso*.

parte da sua inspiração na música de intervenção portuguesa. *Revezo*, como descreve esta notícia, é um álbum sobre a “dificuldade de conciliar a música e a vida pessoal com a claustrofobia de um outro emprego a full-time” (Correia, 2020, s/p), revelando a precariedade a que muitos artistas portugueses estão vetados, num desequilíbrio constante entre o trabalho artístico e a luta pela sobrevivência:

Se tiver de voltar a trabalhar 12 horas e só puder fazer música nos tempos livres, se calhar faço um disco de cinco em cinco anos em vez de o fazer de dois em dois. Um artista da minha dimensão está no limiar do ordenado mínimo, mais ou menos — com os descontos todos. (Sambado *in* Correia, 2020, s/p)

A precariedade da carreira artística em Portugal, assunto muito presente neste álbum da artista, é explorada com mais detalhe neste artigo do que no jornal Público. Paralelamente ao que é feito no Público, também aqui o tema do Festival da Canção é abordado, porém de forma mais crítica e revelando o intuito de Sambado quando decidiu participar no concurso. Para Sambado, de acordo com o artigo, a compensação monetária e a visibilidade do Festival foram fatores que, para uma artista precária, pesaram na sua decisão. Contudo, existiu um outro fator central:

Filipe Sambado tem notoriamente alergias ao Festival da Canção. Mas então porquê participar, o que é que o aliciou? A resposta é sincera e sem grandes filtros: “Aliciou-me... [baixa o tom da voz] o dinheiro. E a visibilidade que aquilo pode dar. O Rui Miguel Abreu, que foi júri o ano passado, disse-me uma coisa que me ficou na memória: aproveita para ir e pôr mais um grão de areia na engrenagem. Lá assumi que ia participar e quando fiz a canção decidi que ia escrever uma letra sobre a forma como encaro o festival”. (Sambado *in* Correia, 2020, s/p)

Ora, colocar “mais um grão de areia na engrenagem”, ou seja, aproveitar a exposição e o mediatismo inerentes ao concurso e, servindo-se da música, criticar e desconstruir

noções e preconceitos inerentes ao Festival da Canção, e ao mundo artístico português. Tal como elucidado por Raposo (2015), dialogar com os média *mainstream* de forma a chegar a audiência mais alargadas é uma estratégia ativista que permite, perante um vasto público, desconstruir e contestar narrativas hegemónicas, e é isso que podemos comprovar com a participação de Sambado no FRTPC, com uma música que critica o próprio concurso.

Por fim, o artigo destaca a estética de Sambado e como esta se foi apresentando de uma forma “menos heteronormativa” (Correia, 2020, s/p). À semelhança do jornal Público, a vertente estética do ativismo de Sambado é pouco aprofundada, as indumentárias da artista são consideradas escolhas artísticas não sendo estabelecida a ligação com a sua *queerness*. O ênfase é colocado nas reações de preconceito que suscita: “Filipe Sambado reconhece que se depara com ouvintes para quem o seu estilo é um entrave ao apreço pela música que faz” (Correia, 2020, s/p), não explorando a relevância das indumentárias e da estética de Sambado como forma de resistência.

Na senda do argumento de Ana Cristina Santos (2018), que existem três enquadramentos possíveis para assuntos relacionados com a Comunidade LGBTQIA+: entretenimento, fonte credível ou enquadramento homofóbico e/ou transfóbico, em artigos sobre, ou, relacionados com Filipe Sambado o que prevalece é um enquadramento de entretenimento, sendo mencionado em notícias sobre novos lançamentos, concertos, espetáculos, intimamente ligadas com a sua produção cultural, mas não explorando a mesma. Este aspeto tem um destaque notório no Jornal Expresso.

Porém, retomando a importância de ver não só o que é dito, mas como é dito (Heck, 1972), mesmo em artigos que analisam a obra da artista em maior profundidade a sua faceta ativista e política ou é olvidada, ou muito pouco explorada. No caso de Sambado, o seu ativismo materializa-se no palco, à semelhança do que Guerra constatou com o grupo de ativistas Fado Bicha (Guerra, 2022b). Ademais, a artista tem atenção ao seu lugar de fala e aos assuntos que aborda:

Ando a tentar falar mais dos meus assuntos e menos dos assuntos de outras pessoas. [...] Não usar a minha voz para falar de coisas que não são sobre mim, mas dar voz a outras pessoas, [...]. E isso acaba por ser mais fácil de fazer mais no dia-a-dia do que propriamente nas minhas canções. Claro que há assuntos que são latos o suficiente e urgentes da mesma forma. E que há uma voz que nós podemos utilizar. Por exemplo, o problema da habitação, não é? [...] Mas, por exemplo, circunstâncias em que me impeço de falar sobre situações de pessoas racializadas, se calhar tenho mais cuidado em fazê-lo, por exemplo.
(Entrevista)

Contudo, apesar desta forma de ativismo não ser “convencional” e coletiva, como as manifestações, por exemplo, é também resistência e reivindicação e deve ser encarada como tal. Teóricos como Stuart Hall (1993) e, mais tarde, Guerra (2022b), põem em evidência o surgimento de formas de fazer política alternativas aos processos eleitorais e ao aparato partidário (Guerra & Sousa, 2023). Estas formas alternativas de fazer política são mais comuns entre as camadas mais jovens da sociedade (Martins & Campos, 2024) e, principalmente, nos grupos categorizados como “desviantes”, como a Comunidade Queer, que, numa democracia pluralista mantêm à margem grupos e interesses que não permitam a continuação da estrutura política vigente (Hall, 1993).

Talvez por isso, o ativismo e a faceta política do trabalho de Sambado seja ignorada, ou breves alusões lhe sejam feitas. Ademais, na entrevista semi-diretiva no âmbito desta investigação, Sambado salientou que, após ter assumido publicamente a sua identidade não-binária, notou diferenças de tratamento, não só por parte de colegas de trabalho, mas também por parte de órgãos de comunicação.

Embora ela [queerness] já estivesse latente no meu trabalho, não era uma coisa assumida ou afirmada. É interessante como me parece que é mais fácil para as pessoas aplaudirem um homem de saia do que uma pessoa não-binária, e até ao momento em que experienciei isto achei que poderia ser um exagero (Entrevista)

A artista avança que “*é mais fácil para as pessoas aplaudirem um homem de saia do que uma pessoa não-binária*” (Entrevista). Esta questão vai de encontro ao que Stuart Hall (1993) descreve como uma *problematic situation* (Hall, 1993: 71), ou seja, enquanto um homem de saia é aplaudido e aparentemente subversivo, continua a ser um homem, a conter uma identidade pertencente a uma estrutura dominante, não perturba a ordem estabelecida e é por ela favorecido. Pelo contrário, uma pessoa com uma identidade não-binária não se insere nesta estrutura nem joga segundo as suas regras, ou seja, não cumpre os seus códigos. Isto faz com que identidades não-binárias se afigurem como situações problemáticas para a estrutura dominante, visto não existirem significados ou interpretações onde possam ser inseridas.

Hall descreve este vácuo de significado:

situações que não são familiares, problemáticas ou ameaçadoras: quando não há “sabedoria tradicional”, redes sólidas de influência pessoal, cultura coesa, precedentes de ação ou resposta relevantes e nenhuma forma de testar ou validar em primeira mão as proposições estão à nossa disposição para confrontar ou modificar o seu poder inovador (Hall, 1993: 72).

É nesta ausência de experiências anteriores, ou conhecimento prévio, que os média assumem um papel crucial enquanto poder legitimador e definidor da realidade (Hall, 1993). No caso em análise, Sambado testemunha que a partir do momento em que assumiu uma identidade não-binária a sua música passou a gerar mais controvérsia: “Da mesma forma que foi muito mais efervescente na forma como foi recebido [o novo álbum, *Três Anos de Escorpião em Touro*] pelas pessoas, foi também muito mais odiado” (Entrevista).

Sambado salienta que os média detêm responsabilidades pela polarização da sociedade atual (Entrevista). Indo ao encontro do que Marina Heck (1972) teoriza sobre a ideologia, também a artista considera que “manchetes sensacionalistas, descontextualizar coisas que foram ditas, erros de investigação”, fomentam a polarização que se verifica na sociedade e “adensam preconceitos” (Entrevista).

CAPÍTULO 7. O Festival RTP da Canção ou um Ritual de celebração nostálgico-futurista

Ao longo da recolha, leitura e categorização das notícias, houve um padrão que se tornou claro: a associação de Filipe Sambado ao Festival da Canção. O Festival Eurovisão da Canção (FEC) teve a sua estreia em 1956, com o intuito de unir os vários países pertencentes à União Europeia de Radiodifusão (UER) e de criar pontes entre as diversas culturas. Desde o seu início, que este é um dos programas televisivos com as maiores audiências em todo o mundo, dentro e fora da Europa (Lopes, 2017).

Oito anos após o início do FEC, nasce da vontade da RTP se fazer representar neste concurso internacional, o Festival RTP da Canção (FRTPC)- inicialmente designado por *Grande Prémio TV da Canção Portuguesa*, a 2 de fevereiro de 1964. Ao longo das últimas seis décadas o FRTPC tem sido uma plataforma de divulgação de composições originais, promovendo e impulsionando a atividade de compositores, intérpretes, letristas, orquestradores, maestros e outros profissionais da área da música portuguesa. Desde 1964, que o Festival da Canção tem sido realizado anualmente, salvo exceções nos anos de 2002, 2013 e 2016, com o objetivo de estimular a produção musical original, mas com qualidade para competir a nível internacional (Lopes, 2016).

O FRTPC é o concurso musical mais duradouro da televisão portuguesa e o seu vencedor representa o país no Festival Eurovisão da Canção, visto por milhões de espetadores (Lopes, 2016). Sendo um concurso de canções, e não de artistas, com um elevado potencial mediático, o FRTPC afigura-se como uma oportunidade para artistas emergentes alcançarem novos públicos. Tal como elucidado por Sofia Vieira Lopes, tanto no Festival Eurovisão da Canção como no FRTPC, “as várias identidades nacionais e europeias são expostas num *display* mediático” (Lopes, 2017: 151) e, por isso, têm uma relevância significativa na análise de transformações culturais, políticas e sociais.

O Festival Eurovisão da Canção é muito mais do que um concurso de música. Para os países que participam o certame representa a construção de uma imagem para transmitir ao resto da Europa, em jogo encontram-se interesses económicos, estratégicos e políticos. Dado o alcance da Eurovisão, desde cedo o concurso se tornou

palco de questões sociais e políticas entre os países concorrentes (Gonçalves, 2019). Apesar da Eurovisão ser taxativa no que toca a letras, discursos ou performances que evoquem posicionamentos políticos (Rosenberg, 2020), a verdade é que desde o seu começo, as músicas do Festival Eurovisão da Canção têm mensagens políticas codificadas nas canções e o certame é um reflexo das mudanças na Europa e no mundo (Gonçalves, 2019; Rosenberg, 2020).

Ora, também as canções que Portugal levava à competição da Eurovisão eram um reflexo da conjuntura interna do país. Nas primeiras edições em que Portugal participou, as canções selecionadas não conquistaram a Europa e o país estava vetado aos últimos lugares do concurso. Intimamente ligadas aos valores do regime, os temas portugueses a eram melancólicos e com fortes traços religiosos, muito distantes das tendências internacionais (Gonçalves, 2019).

É a partir do final dos anos 1960 que se nota um esforço e uma abertura no país para mudar o estilo de música tradicional e seguir as tendências europeias, apostando num estilo mais contemporâneo. Teóricos como Lopes, destacam a edição de 1969 da Eurovisão, como uma das mais entusiasmantes e mobilizadoras edições para a população portuguesa. Nesse ano, Simone de Oliveira, uma fadista portuguesa de renome e estrela de rádio, foi a escolhida para representar Portugal no concurso europeu, com o tema “Desfolhada” escrito pelo poeta Ary dos Santos. A canção obteve grande visibilidade a nível nacional e internacional, não só por ser um estilo distinto do praticado por Portugal no concurso até então, mas também pela forte componente ideológica da letra, que expunha a situação política e social do país (Lopes, 2015).

A partir deste momento, os artistas portugueses passaram a utilizar o palco do Festival Eurovisão da Canção como uma ferramenta para expor e criticar os problemas do país, sendo de notar que isto apenas foi possível visto o país se encontrar sob a governação de Marcelo Caetano e num período de relativa modernização e liberalização social e política. Já em 1973, como forma de contestação à política colonial portuguesa, o Festival RTP da Canção foi marcado por músicas de intervenção com críticas e sátiras aguçadas. O tema vencedor, *Tourada*, escrito por Ary dos Santos, era uma crítica à sociedade portuguesa da altura (Gonçalves, 2019).

Outros exemplos a destacar de música de intervenção ou de ativismo, no Festival da Canção são, nomeadamente, na edição de 1975 do FRTP, em pleno Período Revolucionário em Curso (PREC), em que as canções possuíam uma forte conotação política, como a música *Alerta*, interpretada por José Mário Branco e composta pelo Grupo de Ação Cultural (GAC), que falava da necessidade de paz e de cessar com a exploração imperialista e capitalista (Gonçalves, 2019). Também em 2011, o grupo Homens da Luta leva ao FRTPC uma canção de protesto face ao período de crise e austeridade que se fazia sentir em Portugal (Gonçalves, 2019). Já em 2024, e tendo presente que o corpo e a estética são também formas de ativismo, a representante de Portugal no Festival Eurovisão da Canção, iolanda, envergou, durante a performance, unhas de gel com motivos alusivos à Palestina e à resistência palestina, marcando a sua posição de solidariedade e apoio com a causa palestina (Salcedas, 2024, s/p).

Além de um instrumento de exposição de problemas sociais e políticos dos países, urge também referir, dado o tema da investigação, a ligação do Festival Eurovisão da Canção com a cultura queer. É graças à sua larga comunidade de fãs que o FEC persiste após tantas décadas e uma porção relevante dessa base de fãs é constituída por audiência queer. Porque é que um concurso musical que remonta aos tempos do Pós-Guerra é relevante para audiências queer? Tina Rosenberg (2020) argumenta que é uma combinação de *kistch* e *camp* (estilo e estéticas artísticas que, recorrendo à ironia e ao exagero, desafiam as normas do suposto “bom gosto” e da “arte elevada”) que atraem estas audiências queer.

Além de possuir uma vasta audiência queer, o Festival Eurovisão da Canção tem vindo a acomodar alguns códigos e representações da Comunidade LGBTI+, quer nas suas performances, artistas e discursos. Porém, os discursos sobre a igualdade de direitos LGBTQIA+ na Eurovisão dizem respeito a um conceito abstrato de “arco-íris”, e a uma narrativa que se serve dos direitos queer para demonstrar como a Europa, e o ocidente, são excecionais e modernos no que concerne os avanços nos direitos humanos (Baker, 2015, 2017). Os discursos e códigos queer presentes na Eurovisão encontram-se mais ao serviço de uma propaganda europeísta do que propriamente ao serviço da luta pelos direitos e igualdade queer.

Porém, a presença de códigos queer na Eurovisão tem dado frutos no que concerne os direitos da Comunidade LGBTQIA+. Apesar de, por si só, cultura não possuir o poder de mudar o mundo, esta tem uma função crucial no processo: a arte e a cultura popular expressam, definem, moldam experiências, ideias e vivências tornando-as visíveis e acessíveis para vastas audiências (Rosenberg, 2020), algo que temos vindo a discutir até aqui. Então, apesar de o FEC não possuir qualquer poder legislativo, a presença de artistas queer no certame garante uma maior visibilidade da comunidade queer e promove uma gradual aceitação de pessoas queer e da sua produção cultural (Baker, 2017). Concomitantemente, a inclusão de uma narrativa queer na Eurovisão acompanhou os desenvolvimentos do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos no que diz respeito aos direitos das pessoas LGBTQIA+. Este processo conjunto, e integração dos direitos da comunidade LGBTQIA+ na ideia conceptual de identidade europeia ajudam a cimentar a inclusão, aceitação e igualdade das pessoas queer (Baker, 2017).

Ao nível nacional, como já discutido, Portugal tem a tradição de levar música de intervenção ao palco europeu. Todavia, no que diz respeito a artistas queer, esse já não é o caso, não existindo nenhum artista assumidamente queer que tenha representado Portugal no FEC (RTP Arquivos, s/d). No caso de Filipe Sambado, esta participou no Festival RTP da Canção em 2020, com o tema *Gerbera Amarela do Sul*. Apesar de um dos temas favoritos do júri, os votos do público prevaleceram e foi o tema *Medo de Sentir*, de Elisa Silva, o seleccionado para representar Portugal no Festival Eurovisão da Canção, que acabou por não se concretizar devido à pandemia Covid-19 (Nogueira, 2020). Apesar da literatura sobre o Festival RTP da Canção ser ainda incipiente, e este ser um tema com bastante para explorar- principalmente de uma ótica de Estudos *Queer* e Estudos de Género- o foco deste capítulo é analisar a exposição mediática atribuída a Filipe Sambado durante e após a sua participação no FRTPC e de que forma foi retratada.²¹

²¹ Nota: no presente capítulo apenas serão analisadas em profundidade notícias do jornal Público e do Observador, pois as notícias do jornal Expresso sobre o FRTPC que se encontram acessíveis apenas fazem menção ao nome da artista, não existindo conteúdo suficiente para uma análise em profundidade.

De todos os eventos ou espaços identificados nas notícias relacionadas com Filipe Sambado, não existe nenhum que se equipare, em termos de mediatismo, ao Festival da Canção. Através da análise foi possível constatar que 21,3% das notícias recolhidas diziam respeito ao Festival da Canção, podendo ou não estar diretamente relacionadas com Filipe Sambado, mas mencionando-a (Anexo 2). Estas notícias representam quase um quarto de todo o material noticioso, porém é também merecedor de análise a distribuição destas notícias pelos três jornais alvo desta investigação.

Tabela 4 - Distribuição de artigos sobre o Festival RTP da Canção por jornal

	Jornal Público		Expresso		Observador	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Artigos sobre o Festival da Canção	9	16,7	7	21,2	13	24,1
Total de artigos	54	100,0	33	100,0	54	100,0

Fonte: autora.

Nos três jornais é notória uma relevância do conteúdo noticioso sobre o FRTPC, algo que não é inesperado dada a popularidade e mediatismo do concurso. Porém, atentando na tabela é possível retirar outras evidências: o Público é o jornal que apresenta o menor número de artigos relacionados com Filipe Sambado sobre o FRTPC, já o Observador é o jornal que mais artigos dedica ao tema. Estes números são relevantes pois adensam o entendimento sobre o espaço que Filipe Sambado, ativista queer, tem nos diferentes jornais, demonstrando que uma porção considerável da visibilidade que teve nos média, algo notório principalmente no Observador, se deve à sua participação num concurso mediático.

Figura 19- Print de uma notícia do jornal Público sobre os finalistas do Festival da Canção, publicada a 23 de fevereiro de 2020



Fonte: Público https://www.publico.pt/2020/02/23/culturaipsilon/noticia/barbara-tinoco-elisa-filipe-sambado-throes-the-shine-final-festival-cancao-1905244?ref=pesquisa&cx=page_content

Nas notícias do Festival RTP da Canção que abordam a performance de Filipe Sambado esta é recorrentemente descrita como “moderna” e as suas roupas classificadas como “elaboradas”. A notícia em questão refere também o cruzamento de sonoridades portuguesas, ou da “tradição portuguesa”, com uma canção atual. No geral, os artigos que dizem respeito ao Festival da Canção nunca exploram em profundidade a simbologia, ou as mensagens subjacentes à canção apresentada por Sambado.

Num outro artigo do mesmo jornal²², é mencionada a tentativa de no Festival RTP da Canção de 2020 se mostrarem diferentes as diferentes “identidades” dos artistas a

²² Nogueira, N. (2020, 15 de janeiro). Kady, Filipe Sambado, Jimmy P e Throes+The Shine entre os cantores do Festival da Canção 2020. *Público*.

concurso, ao invés de levarem os artistas a produzirem músicas “festivaleiras” que poderiam agradar a um público internacional (Nogueira, 2020, s/p). Filipe Sambado é uma das artistas mencionadas como sendo uma das escolhidas para apresentar as diferentes “identidades” da música portuguesa, tal como Jimmy P, artista negro e filho de pais imigrantes.²³ Aqui é feita uma ligação com o facto de Filipe Sambado, e a sua música, serem “diferentes”, subversivas, da música *mainstream* portuguesa. Por fim, citando Nuno Galopim, jornalista e especialista da RTP no que concerne o Festival da Canção, neste artigo é também referido o esforço do FRTPC em se tornar uma plataforma de lançamento para artistas emergentes:

O Festival da Canção pode ser um espaço para os músicos apresentarem canções da sua discografia. Já não é só participar num programa de televisão, é usá-lo no bom sentido, como um elemento que faz parte da sua história discográfica. (Galopim *in* Nogueira, 2020, s/p)

Como já comprovado por alguns teóricos, o desenvolvimento do concurso FRTPC, e consequente participação de Portugal no Festival Eurovisão da Canção, têm sido impulsionadores da cultura musical do país, não só ao nível artístico, como também ao nível técnico (Lopes, 2017). Porém, desde o início da sua participação no certame europeu, Portugal tem feito constantes esforços para alcançar as tendências musicais da Europa e só em anos recentes, como podemos comprovar pelo excerto, é que se deu uma mudança de paradigma e se começou a encarar estes concursos musicais (FRTPC e FEC), como espaço para os músicos apresentarem o seu trabalho, como plataformas para alcançarem novos públicos.

No que concerne o alcance de novos públicos através do Festival RTP da Canção, Filipe Sambado, na entrevista que nos concedeu, confessa que o público que a escuta “se fechou a um lado mais político” (Entrevista) e que existem menos pessoas a ouvir a sua música pela mera “perspetiva musical” e mais pelo facto de esta ser queer. Aliás,

²³<https://jimmyp.pt/pages/biografia>

Na prática, eu faço música para um tipo nicho de ouvintes, quando tornamos a nossa música mais popular esses nichos acabam, mas então temos que nos conseguir manter nesse local. E é complexo porque ao mesmo tempo a minha música não comunica para toda a gente, ou pode criar situações de afastamento, lá está o meu disco é um bocado complexo para pessoas que não estejam abertas a música muito ruidosa, [...] ou até mesmo à abordagem de certas temáticas (Entrevista).

O facto de a música da artista se dirigir a uma porção constricta do público, dado os temas que aborda e o tipo de música, faz com que a sua participação no FRTPC tenha “um rácio de ganho e de perda” (Entrevista), como esta destaca. Segundo Sambado, o público que é apreciador da sua música são pessoas que se identificam tematicamente com a música, ou são pessoas que gostam de descobrir música nova e alternativa aos géneros *mainstream* (Entrevista). A participação num evento “tão mediático como o Festival da Canção”, na prática, caso não abra portas para novos públicos pode “fechar a outros tipos de públicos e a futuros públicos”, que não se identifiquem com o concurso (Entrevista).

Por isso, para uma artista queer, o reconhecimento que advém da participação de programas tão mediatizados como o FRTPC, não é linear. Aliás, passados quatro anos desde a sua participação, Filipe Sambado avança que, de facto, a sua participação no Festival da Canção “aumentou os seus números”, por exemplo rácios de *streaming*, mas que não foi um alcance expressivo ao ponto de se tornar relevante (Entrevista).

Figura 20- Print de uma notícia do jornal Observador sobre os finalistas do Festival da Canção, publicada a 29 de fevereiro de 2020



Fonte: Observador <https://observador.pt/2020/02/29/acabou-a-segunda-semifinal-conheca-todos-os-finalistas-do-festival-da-cancao/>

Neste artigo, que explora de forma breve o percurso e obra dos finalistas do Festival da Canção de 2020, Filipe Sambado é a única artista descrita como tendo uma “aparência arrojada” (Correia & Cipriano, 2020, s/p), provavelmente dizendo respeito à expressão de género não-normativa da artista. Ademais, o parágrafo do artigo dedicado a Sambado começa por dizer: “Parece impossível, mas Filipe Sambado conta quase com dez anos de carreira” (Correia & Cipriano, 2020, s/p), esta frase, que não é aplicada a mais nenhum artista, transmite a ideia de que a carreira de Sambado, notoriamente longa, tem sido, em certa medida, negligenciada no mundo da música.

É também posta em destaque a sua “identidade artística”, não desenvolvendo em que é que esta consiste, salientando que o disco *Filipe Sambado & Os Acompanhantes de Luxo*, de 2018, foi alvo de inúmeros “elogios por quem lhe prestou atenção” (Correia &

Cipriano, 2020, s/p), reiterando novamente que a carreira de Sambado tem vindo a ser ignorada.

De salientar também que, noutros artigos do jornal Observador, a estética de Sambado e a sua performance em palco é descrita como “arrojada”, “exuberante”, “excêntrico”, adjetivos semelhantes aos utilizados no jornal Público para descrever a roupa e estética da artista.

Coube a Sambado abrir as hostilidades. Quase literalmente, pelo menos, para os espíritos mais conservadores [...]. Para isso, não contem com Sambado. Ele é, como diria a minha Avó, o excêntrico desta edição. (Van der Ding, 2020, s/p)

No excerto acima, de um artigo de opinião de Hugo Van der Ding, é referido que a atuação de Sambado não foi bem recebida entre os espíritos mais conservadores e que este é o “excêntrico” da edição de 2020. Também num outro artigo, este de Susana Romana²⁴, é dito que, na edição do FRTPC de 2020, Sambado foi preencher a “cota Conan Osíris” (Romana, 2020, s/p) (vencedor do FRTPC em 2019), dando a entender, tal como o artigo de Van der Ding, que por cada edição é necessário preencher a “cota” da diversidade e da inclusão, tendo sempre uma figura “excêntrica”, mas não analisando para lá da estética subversiva e do que esta representa.

Nestes artigos a música ficou no segundo plano, mas em ambos se deu a comparação do tema *Gerbera Amarela do Sul* com músicas de intervenção portuguesa- “Direi que me pareceu por vezes um piscar de olhos à música de intervenção dos tempos do PREC” (Van der Ding, 2020, s/p), estabelecendo uma ligação, ainda que ténue, com o ativismo de Sambado. A crítica presente na música de Sambado ficou por referir.

A utilização de adjetivos que remetem para a excentricidade e exuberância são comuns nos dois exemplos analisados. Nos dois casos, estas palavras são utilizadas para descrever a roupa, maquilhagem e acessórios utilizados pela artista durante a sua

²⁴ Romana, S. (2020, 23 de fevereiro). Um rodízio que tem de tudo um pouco: a primeira semifinal do Festival, canção a canção. *Observador*.

performance, transmitindo uma ideia de excesso, extravagância. É quase inevitável estabelecer uma ponte com António Variações e a sua estética “algures entre o *kitsch* e o *camp*” como descreve Paula Guerra (2017b: 511). Também em Sambado, os elementos estéticos se encontram num diálogo entre a tradição e a modernidade, a utilização de roupas compridas e negras que se assemelham a vestes fúnebres e solenes, mas que mais tarde se transformam nuns curtos calções de vinil, desafiam as normas do “bom gosto”.

Tal como em Variações, também em Filipe Sambado a encenação e a imagética constituem formas de representação da sua identidade queer. Porém, na imagética de Sambado, em particular na sua atuação no F RTP, a ironia, o *kitsch*, têm uma presença muito forte. A par da crítica presente na música, também as vestes negras enlutadas que ilustram a sobriedade e melancolia tão inerentes à cultura portuguesa. Tudo são símbolos (Hebdige, 1979), que, todavia, passam despercebidos, ou não são explorados pelos média analisados e que descartam a imagética de Sambado como mera excentricidade e exuberância.

Por fim, a música de Sambado é política e a artista manteve-se fiel ao seu ativismo aquando da participação no Festival RTP da Canção. É pertinente relembrar uma citação de um artigo explorado no capítulo anterior:

[...] aproveita para ir e pôr mais um grão de areia na engrenagem. Lá assumi que ia participar e quando fiz a canção decidi que ia escrever uma letra sobre a forma como encaro o festival (Sambado in Correia, 2020: s/p).

O intuito da artista, com a sua participação no Festival da Canção, sempre foi político e reivindicativo, desde a música à performance, Sambado teceu uma crítica sobre uma sociedade polarizada onde prevalece a “ciência de opinião”²⁵. O público da artista é um público fechado e político, Sambado tem consciência que a sua música não apela às

²⁵ Filipe Sambado, *Gerbera Amarela do Sul*: https://www.youtube.com/watch?v=f5znBj_mq10

massas e o exemplo disso foi o facto de a participação no Festival RTP da Canção não lhe ter acrescentado muita popularidade (Entrevista). Porém, a participação no concurso permitiu que alcançasse outros públicos, que a sua mensagem chegasse a populações a que de outra forma não teria alcance. Mais uma vez confirmamos o que Paulo Raposo (2015) evidência em ““Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências”, o diálogo e cooperação, por parte de ativistas, com os média *mainstream* tem como objetivo chegar a audiências mais vastas para disputar e questionar as narrativas hegemónicas e heteronormativas veiculadas pelo poder. Apesar de alguns artigos que analisam o trabalho de Filipe Sambado mencionarem a vertente crítica do tema que a artista levou ao Festival da Canção²⁶, em todas as notícias sobre o FRTPC esta questão estava ausente.

²⁶ São exemplos: Lopes, M. (2020, 31 de janeiro). Filipe Sambado encontrou uma nova tradição. *Público*.; Correia, G. (2020, 23 de janeiro). É tão bom ter cantigas ao nosso jeito: Filipe Sambado é popular português. *Observador*.

Considerações Finais

A presente investigação tinha como objetivos analisar a mediatização do ativismo queer nos órgãos de comunicação portugueses, perceber se esta forma de ativismo aliada à arte tinha espaço de divulgação nos média, que discurso era utilizado para noticiar o ativismo e, por fim, o impacto do tipo de artigos produzidos na sociedade civil e nos artistas.

Como discutido no início desta investigação, apesar de Portugal possuir uma das legislações mais avançadas no que concerne a proteção dos direitos de pessoas queer, a legislação não se traduz diretamente em reconhecimento e aceitação social. Nesse campo, a sociedade portuguesa ainda se encontra arreigada a preceitos conservadores, intimamente ligados a princípios religiosos e a resquícios do Estado Novo. Todos os anos são registadas inúmeras queixas de discriminação e assédio contra pessoas queer, nas escolas, nos locais de trabalho, nas ruas. Os média, enquanto órgãos legitimadores e definidores do senso comum (Hall, 1993), detêm um enorme poder na ampliação e conceção de um espaço mediático a vozes queer, para que as suas mensagens, e as suas histórias, alcancem audiências mais vastas, podendo ter um impacto positivo na desconstrução de preconceitos e promovendo a aceitação de pessoas queer. Logo, o cruzamento de Estudos dos Média e Jornalismo com Estudos Queer pode trazer novas perspetivas para ambas as áreas de investigação.

Através da aplicação de uma metodologia temática-categorial, e através do cruzando desses resultados com uma entrevista semi-diretiva a Filipe Sambado, foi possível retirar algumas conclusões relativamente à dinâmica entre o ativismo queer da artista e em relação aos média. Primeiramente, os resultados indicam que apesar de uma presença considerável de artigos que mencionam Sambado, a maioria destes referem a artista de forma indireta. Os artigos que, de facto, versam sobre a vida e/ou obra da artista tendem a tratar a temática queer com superficialidade, descartando as opções estéticas e a imagética de Sambado como simples “roupa” e atribuindo-lhe adjetivos que remetem para a excentricidade. Não procurando explorar, ou interrogar a artista, sobre os significados e mensagens levados a cabo pelas roupas com que se apresenta em público.

Em comparação com os outros dois jornais, é notório no jornal Observador uma clara evasão da questão queer, fazendo apenas breves menções à identidade não-binária da artista, mas sem qualquer referência à forma como a sua identidade influencia e está patente na sua música.

Seguindo o argumento de Santos (2018), foi também possível apurar que o enquadramento de entretenimento é que mais se destaca nas notícias relacionadas com Sambado. Concertos, participações em festivais, novos lançamentos, são notícias que recorrentemente mencionam a artista. Este aspeto tem particular destaque no jornal Expresso. Apesar de, por vezes, ser estabelecida uma ligação entre a música de intervenção portuguesa e o trabalho de Sambado, a vertente política da sua obra é amplamente ignorada em todos os jornais. É importante recordar também o testemunho da própria artista que revelou que após a sua identidade não binária ter sido revelada ao público a imprensa reagiu de forma negativa, existindo receio por parte de jornais portugueses em noticiar o lançamento do seu novo álbum.

Por conseguinte, estes resultados demonstram um papel ambíguo por parte dos média no que concerne o ativismo queer e, por consequência, temas relacionados com a Comunidade LGBTQIA+, atuando simultaneamente como veículos de promoção, mas reforçando, ou não desconstruindo, estereótipos e preconceitos. Os resultados da investigação apontam para a necessidade de mudança nas práticas jornalísticas para que os média possam, de facto, atuar enquanto agentes de mudança em relação a uma sociedade mais inclusiva. É fundamental que os órgãos de comunicação avancem para além de representações superficiais e abordem as questões relacionadas com a Comunidade Queer de forma mais profunda e contextualizada, isto inclui reconhecer e dar espaço mediático a artistas queer e às suas narrativas na luta contra a discriminação e preconceito, promovendo assim a diversidade cultural.

Apesar da presente investigação ter sido elaborada com base numa metodologia qualitativa e na diversificação de fontes, esta apresenta algumas limitações. Primeiramente, o acesso limitado aos arquivos do jornal Expresso que comprometeu a análise do jornal na sua íntegra. Além disso, a análise concentrou-se apenas na imprensa escrita e cingiu-se a uma artista. Para obter uma perspetiva integral da temática em

análise, outros média devem ser tidos em consideração, assim como outros artistas queer.

Como referido, este estudo pretende abrir caminho para colmatar o vácuo de investigação académica que interseccione Estudos Queer com Estudos de Média e Jornalismo. Logo, na intersecção destes dois ramos de investigação existem inúmeros outros temas a ser explorados de modo a aprofundar o conhecimento científico e tornar o ambiente mediático mais justo e inclusivo. Entre eles, destacam-se o impacto das redes sociais e canais mediáticos alternativos, considerando a crescente importância destas plataformas na comunicação contemporânea, e de eu forma há cruzamento de temáticas entre estes novos média e os média *mainstream* e deiferenças de tratamento entre eles. Ademais, estudos comparativos com enfoque na mediatização de artistas queer face a artistas não-queer, analisando a presença mediática, o enquadramento, a linguagem utilizada. Por fim, a investigação das linhas editoriais distintas de diferentes jornais face à cobertura de temas LGBTQIA+, a análise da formação e sensibilização de jornalistas para o tratamento destas temáticas e um estudo da percepção e interpretação do público face a artigos relacionados com ativismo queer e o impacto que estes têm na formação de opiniões e atitudes.

Referências Bibliográficas

- Baker, C. (2015). Gender and Geopolitics in the Eurovision Song Contest. *Contemporary Southeastern Europe*, 2(1), 74–93. <http://www.suedosteuropa.uni-graz.at/cse/en/baker>
- Baker, C. (2017). The ‘gay Olympics’? The Eurovision Song Contest and the politics of LGBT/European belonging. *European Journal of International Relations*, 23(1), 97–121. <https://doi.org/10.1177/1354066116633278>
- Bardin, L. (2012). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bastos, H. (2023). *História do Ciberjornalismo em Portugal: os primeiros vinte e cinco anos*. Editora LabCom.
- Bettencourt, J. (2024, 2 de Abril). Deixem-nos falar sobre nós próprias. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/04/02/p3/cronica/deixemos-falar-proprias-2085573>
- Boubia, A. (2015). “Artivism” in the Arab World: a Major Driving Force towards Democracy. *Papers IEMED*, 320–323. <https://sciencespo.hal.science/hal-01218987>
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Orfeu Negro.
- Cabasés, M. À., Feixa, C., & Civit, R. (2015). Jóvenes Y confianza política en un contexto de desestabilización social e institucional. Un estudio comparativo en países de la cuenta del mediterráneo. *Ultima Década*, 42, 149–185.
- Christopher, A.M. (2024). From Silence to Canvas: The role of activism in transforming gender and sexuality norms. *Sexuality & Culture*, <https://doi.org/10.1007/s12119-024-10256-6>.
- Craig, S. L., McInroy, L., McCready, L. T., & Alaggia, R. (2015). Media: A Catalyst for Resilience in Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Youth. *Journal of LGBT Youth*, 12(3), 254–275. <https://doi.org/10.1080/19361653.2015.1040193>
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry & research design : choosing among five approaches*. Sage Publications.

- Denzin, N. K. (2009). The elephant in the living room: Or extending the conversation about the politics of evidence. *Qualitative Research*, 9(2), 139–160. <https://doi.org/10.1177/1468794108098034>
- Duguay, S. (2023). TikTok's Queer Potential: Identity, Methods, Movements. *Social Media and Society*, 9(1). <https://doi.org/10.1177/20563051231157594>
- Duncombe, Stephen & Lambert, Steve (2021). *The art of activism: Your All-Purpose Guide to Making the Impossible Possible*. OR Books.
- Expresso. (2022). O ataque ao Expresso e à SIC: 11 esclarecimentos aos nossos leitores e espectadores. *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2022-01-05-o-ataque-ao-expresso-e-a-sic-11-esclarecimentos-aos-nossos-leitores-e-espectadores>
- Foucault, M. (1978). *The History of Sexuality. Volume I: An Introduction* (Vol. 1). Pantheon Books New York.
- Galloway, Samuel., & Sannicandro, J. (2019). Queer Noise: Sounding the body of historical trauma. In S. Raine & C. Strong (Eds.), *Towards Gender Equality in the Music Industry: Education, Practice and Strategies for Change* (p. 220). Bloomsbury Academic.
- Gonçalves, Maria M. (2019). *O FESTIVAL RTP DA CANÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NO FESTIVAL EUROVISÃO DA CANÇÃO NO TELEJORNAL (1969 e 2017)* [Tese de Mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório IPL. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/10>
- Griffney, N. (2009). Introduction: The “q” word. In N. Griffney & M. O’Rourke (Eds.). *The Ashgate Research Companion to Queer Theory* (pp. 2–13). Routledge.
- Guerra, P. (2017). Gelain, G., Moreira, T. (2017). Collants, correntes e batons: género e diferença na cultura punk em Portugal e no Brasil. *Lectora: revista de dones i textualitat*, (23), 13-34.
- Guerra, P. (2017a). A canção ainda é uma arma: ensaio sobre as identidades na sociedade portuguesa em tempos de crise. In Nascimento, F. de A. de S., Silva, J. C., & Ferreira da Silva, R. (orgs.). *História e arte: teatro, cinema, literatura* (pp. 149-172). EDUFPI.

- Guerra, P. (2017b). António e as Variações identitárias da cultura portuguesa contemporânea. *Ciências Sociais Unisinos*, 53(3).
<https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.3.11>
- Guerra, P. (2019). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. *Horizontes Antropológicos*, 25(55), 19–49.
<https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000300002>
- Guerra, P. (2002). *Cenários de Insegurança: Contributos do interaccionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Guerra, P. (2022a). Barulho! Vamos deixar cantar o Fado Bicha. Cidadania, resistência e política na música popular contemporânea. *Revista de Antropologia*, V. 65(2).
<https://doi.org/10.11606/1678>
- Guerra, P. (2022b). Os desacordes do fado e do folclore na modernidade tardia. Um trajeto pelos ativismos musicais do Fado Bicha e de Filipe Sambado. In *A(r)tivismos urbanos: (sobre)vivendo em tempos de urgências* (pp. 221–250). Editora Sulina.
- Guerra, P., & Gelain, G. (2022). Guitarras e marcas de batom: contributos para uma propedêutica artista no Girls Rock Camp de Porto Alegre. In A. D. Sarrouy, J. A. V. Simões, & R. Campos (Eds.), *A Arte de Construir Cidadania*. Tinta da China.
- Guerra, P. (2023a). Underground Artistic-Creative Scenes Between Utopias and Activisms. *Journal of Cultural Analysis and Social Change*, 8(2), 10. DOI: <https://doi.org/10.20897/jcasc/14063>
- Guerra, P. (2023b). DIY, fanzines and ecofeminism in the Global South: ‘This city is my sister’. *DIY, Alternative Cultures & Society*, 1(3). DOI <https://doi.org/10.1177/27538702231211062>.
- Guerra, P. (2024a). Free punk. Um caleidoscópio chamado Ondina Pires [Free punk. A kaleidoscope called Ondina Pires]. *Revista Territórios E Fronteiras*, 17(1), 159–182.
- Guerra, P. (2024b). Quebrar o silêncio. Reinventar o lugar. As cidades musicais ao som do brega [Breaking the silence. Reinventing the place. Musical cities to the sound of brega]. *Revista Farol*, 19(28), 138–152.

- Guerra, P. & Sousa, S. (2023). Culturas DIY, feminismos e ativismos digitais [DIY cultures, feminisms and digital activism]. *NAUS Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais*, 3(1). DOI 10.29073/naus.v3i1.843.
- Hall, S. (1993). Deviance, Politics and the Media. In H. Ablove, M. A. Barale, & D. M. Halperin (Eds.), *The Lesbian and Gay Studies Reader* (pp. 62–91). Routledge.
- Hebdige, D. (1979). *Subculture: The Meaning of Style*. Routledge.
- Heck, M. C. (1972). The ideological dimensions of media messages. In S. Hall, D. Hobson, A. Lowe, & P. Willis (Eds.), *Culture, Media, Language* (pp. 110–116). Routledge.
- ILGA EUROPA. (2023a). *ANNUAL REVIEW OF THE HUMAN RIGHTS SITUATION OF LESBIAN, GAY, BISEXUAL, TRANS AND INTERSEX PEOPLE IN EUROPE AND CENTRAL ASIA*.
- ILGA Portugal. (2023b). *Observatório da Discriminação contra Pessoas LGBTI+ em Portugal. Relatório Anual 2020-2022*. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7966730>
- Jasper, J.M. (2011). Emotions and social movements: Twenty years of theory and research. *Annual Review of Sociology, São Paulo*, 37, 1-19.
- Latorre, G. (2022). Crafting a Relational Queer Body: The Knitted Artivism of Ben Cuevas. *Latin American and Latinx Visual Culture*, 4(2), 45–58.
- Lopes, S. I. F. V. (2016). “... E ERGUERAM ORGULHOSAS BANDEIRAS...”: PORTUGAL E A EUROPA NO FESTIVAL RTP DA CANÇÃO. http://media.wix.com/ugd/b80448_6cfc8829c02e4cedad8f63dde8ba21ef.pdf
- Lopes, S. V. (2017). Portugal no Coração- música e performance no Festival RTP da Canção enquanto veículos de narrativas identitárias. In R. Ribeiro, V. de Sousa, & S. Khan (Eds.), *A Europa no mundo e o mundo na Europa: crise e identidade. Livro de Atas* (pp. 150–165). CECS.
- Martins, J. C. F., & Campos, R. M. de O. (2024). The body as theme and tool of activism in young people. *European Journal of Cultural Studies*, 27(2), 232-252.
- Mourão, R. (2015). Performances artistas: incorporação duma estética de dissensão numa ética de resistência. *Cadernos de Arte e Antropologia [Online]*, Vol. 4, No 2. Accessed 7 agosto 2024 <<http://cadernosaa.revues.org/938>>.

- Oliveira, Â. F. C. (2023). *Representação da comunidade LGBTQIA+ nas séries de ficção nacional da RTP* [Tese de Mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório IPL. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/10>
- Pereira, P. P. G. (2008). Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. *Latin Interface - Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo*, 12(26), 499 - 512.
- Pereirinha, T. (2022, 05 de janeiro). Ataque informático destruiu arquivos do Expresso e da SIC. *Observador*. <https://observador.pt/2022/01/05/ataque-informatico-destruiu-arquivos-do-expresso-e-da-sic/>
- Raine, Sarah., & Strong, Catherine. (2019). Towards gender equality in the music industry : An Introduction. In *Towards Gender Equality in the Music Industry: Education, Practice and Strategies for Change* (p. 220). Bloomsbury Academic.
- Raposo, P. (2015). “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 4(2), 3–12. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909>
- Rosenberg, T. (2020). Rising Like the Eurovision Song Contest: On Kitsch, Camp, and Queer Culture. *Lambda Nordica*, 25(2), 94–113. <https://www.svtplay.se/video/26768585/>
- RTP Arquivos. (2023, março). *Festival RTP da Canção*. RTP. <https://arquivos.rtp.pt/colecoes/festival-rtp-da-cancao/page/1/#filters>
- Salcedas, R. (2024, 12 de maio). Unhas de Iolanda foram grito pró-Palestina. Eurovisão “escondeu” vídeo da atuação. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/4550378923/unhas-de-iolanda-foram-grito-pro-palestina-eurovisao-escondeu-video-da-atuacao/>
- Sandoval, C. & Latorre, G. (2008). Chicana/o Artivism: Judy Baca's Digital Work with Youth of Color. In A. Everett (Ed.). *Learning race and ethnicity: youth and digital media* (pp. 81-108). MIT Press.
- Santos, A. C. (2018). Luta LGBTQ em Portugal: Duas décadas de histórias, memórias e resistências. *Revista TransVersos*, 14, 36–51. <https://doi.org/10.12957/transversos.2018.38654>

- Sardo, S. (2014). Fado, Folclore e Canção de Protesto em Portugal: repolitização e (con)sentimento estético em contextos de ditadura e democracia. *DEBATES*, 63–77.
- Schilt, K. & Westbrook, L. (2009). Doing gender, doing heteronormativity “gender normals,” transgender people, and the social maintenance of heterosexuality. *Gender & Society*, 23(4), 440-464.
- Seffner, F. (2011). Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. *Stonewall*, 40, 57-78.
- Sousa, S. (2024). ‘Headless women in public art’: Migrant activism and do-it-yourself practices in the city of Porto. *DIY, Alternative Cultures & Society*, 2(1), 46–59. <https://doi.org/10.1177/27538702231214913>
- Tanques, F. J. (2012). *Movimento LGBT DE Portugal e Espanha: Um estudo comparativo*.
- Traquina, N. (2007). *O que é Jornalismo*. Quimera Editores.
- Upton-Hansen, C., Kolbe, K., & Savage, M. (2021). An Institutional Politics of Place: Rethinking the Critical Function of Art in Times of Growing Inequality. *Cultural Sociology*, 15(2), 171–190. <https://doi.org/10.1177/1749975520964357>
- Wolfreys, J. (2004). *Critical keywords in literary and cultural theory*. Palgrave Macmillan.

Discografia

- Sambado, Filipe. (2023). *Três Anos de Escorpião em Touro* [Álbum]. Altafonte Portugal, Lda.
- Sambado, Filipe. (2020). *Revezos* [Álbum]. Edições Valentim de Carvalho, S.A.
- Sambado, Filipe. (2018). *Filipe Sambado & Os Acompanhantes de Luxo* [Álbum]. Edições Valentim de Carvalho, S.A.

ANEXOS

Anexo 1- Enunciação das notícias integrantes do *Corpus* de Análise, organizadas por jornal e ordem alfabética

JORNAL PÚBLICO

Amado, Carolina. (2021, 01 de abril). **Tiago celebra a cultura e a música num podcast capaz de produzir energia nuclear.**

Público. <https://www.publico.pt/2021/04/01/p3/noticia/tiago-celebra-cultura-musica-podcast-capaz-produzir-energia-nuclear-1956703>

Borges, L. (2024, 27 de fevereiro). **Sérgio Godinho, Olga Roriz e mais de 150 personalidades apelam a voto no BE.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2024/02/27/politica/noticia/sergio-godinho-olga-roriz-150-personalidades-apelam-voto-be-2081808>

Chaiça, I. (2023, 13 de outubro). **Imersão, o festival de arte queer que quer sair da “bolha”.** *Público*. <https://www.publico.pt/2023/10/13/p3/noticia/imersao-festival-arte-queer-quer-sair-bolha-2066080>

Dias, D. (2020, 18 de março). **A Gig Club criou uma rádio online com concertos a partir de casa para se “jogar pelo seguro”.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2020/03/18/culturaipsilon/noticia/gig-club-criou-radio-online-concertos-partir-casa-jogar-seguro-1908393>

Durães, Mariana. (2019, 18 de dezembro). **Jóia da Rotina, a (nova) escapatória de Filipe Sambado aos “lugares comuns”.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2019/12/18/p3/video/joia-rotina-nova-escapatoria-filipe-sambado-lugares-comuns-155508>

Geada, H. (2019, 27 de junho). **O que acontece quando os Capitão Fausto se juntam a Luís Severo?** *Público*. <https://www.publico.pt/2019/06/27/culturaipsilon/noticia/nova-forma-organizar-concertos-capitao-severo-atuam-sextafeira-titanic-sur-mer-1877872>

Gomes, Nuno R. (2021, 27 de agosto). **O Vai-m' à Banda é o ponto de partida para um documentário sobre tascas, comidas e costumes.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2021/08/27/culturaipsilon/noticia/vaima-banda-ponto-partida-documentario-tascas-comidas-costumes-1975314>

Lopes, M. (2019, 1 de fevereiro). **Aqui, agora, não conseguimos desviar os ouvidos de Jasmim.** *Público*. <https://www.publico.pt/2019/02/01/culturaipsilon/noticia/aqui-nao-conseguimos-desviar-ouvidos-jasmim-1859855>

Lopes, M. (2019, 17 de maio). **Retrato do artista enquanto jovem nunca imberbe.** *Público*. <https://www.publico.pt/2019/05/17/culturaipsilon/noticia/retrato-artista-jovem-imberbe-1872764>

Lopes, M. (2020, 31 de janeiro). **Filipe Sambado encontrou uma nova tradição.** *Público*. <https://www.publico.pt/2020/01/31/culturaipsilon/noticia/filipe-sambado-encontrou-nova-tradicao-1902074>

Lopes, M. (2021, 14 de outubro). **Futuros possíveis da música portuguesa no Festival Emergente.** *Público*. <https://www.publico.pt/2021/10/14/culturaipsilon/noticia/futuros-possiveis-musica-portuguesa-festival-emergente-1981119>

Lopes, M. (2022, 27 de janeiro). **Lula Pena e Tó Trips dão arranque ao Le Weekend na SMUP, na Parede.** *Público*. <https://www.publico.pt/2022/01/27/culturaipsilon/noticia/lula-pena-to-trips-dao-arranque-le-weekend-smup-parede-1993233>

Lopes, M. (2023, 15 de setembro). **Rentrée na música. Os discos, os concertos, os festivais que estão a chegar.** *Público*. <https://www.publico.pt/2023/09/15/culturaipsilon/noticia/rentree-musica-discos-concertos-festivais-estao-chegar-2063137>

Lusa & Público. (2020, 30 de janeiro). **Filipe Sambado cancela concerto no Hard Club depois de comício do Chega.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2020/01/30/culturaipsilon/noticia/filipe-sambado-cancela-concerto-hard-club-comicio-chega-1902240>

Lusa. (2019, 06 de novembro). **Dino D’Santiago, Pedro Jóia e Jimmy P entre os compositores do Festival da Canção 2020.** *Público.*

<https://www.publico.pt/2019/11/06/culturaipsilon/noticia/dino-dsantiago-pedro-joia-jimmy-p-compositores-festival-cancao-2020-1892737>

Lusa. (2020, 22 de fevereiro). **Primeiros quatro finalistas do Festival da Canção decididos este sábado.** *Público.*

<https://www.publico.pt/2020/02/22/culturaipsilon/noticia/quatro-finalistas-festival-cancao-decididos-sabado-1905182>

Lusa. (2021, 06 de agosto). **Festival Vai-m’ à Banda regressa a Guimarães numa “versão adaptada aos desafios actuais”.** *Público.*

<https://www.publico.pt/2021/08/06/p3/noticia/festival-vaima-banda-regressa-guimaraes-versao-adaptada-desafios-actuais-1973261>

Lusa. (2021, 20 de dezembro). **Janeiro no Theatro Circo abre com Bruno Pernadas e encerra com Pedro Burmester.** *Público.*

<https://www.publico.pt/2021/12/20/culturaipsilon/noticia/janeiro-theatro-circo-abre-bruno-pernadas-encerra-pedro-burmester-1989277>

Lusa. (2022, 30 de novembro). **DGArtes: Quase 60 candidaturas contestaram resultados de quatro concursos de apoio.**

Público. <https://www.publico.pt/2022/11/30/culturaipsilon/noticia/dgartes-quase-60-candidaturas-contestaram-resultados-quatro-concursos-apoio-2029853>

Lusa.(2021, 03 de dezembro). **Maus Hábitos cria posto de testagem à covid-19 para clientes.** *Público.* <https://www.publico.pt/2021/12/03/p3/noticia/maus-habitos-cria-posto-testagem-covid19-clientes-1987305>

Nogueira, N. (2020, 15 de janeiro). **Kady, Filipe Sambado, Jimmy P e Throes+The Shine entre os cantores do Festival da Canção 2020.** *Público.*

<https://www.publico.pt/2020/01/15/culturaipsilon/noticia/kady-filipe-sambado-jimmy-p-throes-the-shine-cantores-festival-cancao-2020-1900446>

Nogueira, N. (2023, 05 de março). **Festival da Canção: Ivandro, Edmundo Inácio, Bárbara Tinoco, Voodoo Marmelade, Inês Apenas e Dapunksportif na final.** *Público*. <https://www.publico.pt/2023/03/05/culturaipsilon/noticia/festival-cancao-ivandro-edmundo-inacio-barbara-tinoco-voodoo-marmelade-ines-apenas-dapunksportif-final-2041173>

Nogueira, R. (2019, 09 de março). **Um *Eléctrico* feito de música portuguesa.** *Público*. <https://www.publico.pt/2019/05/09/culturaipsilon/noticia/electrico-musica-portuguesa-1871928>

Nogueira, R. (2019, 5 de fevereiro). **A Antena 3 chega à RTP1.** *Público*. <https://www.publico.pt/2019/02/05/culturaipsilon/noticia/antena-3-chega-rtp1-1860867>

Nogueira, R. (2020, 01 de março). **Jimmy p, Tomás Luzia, Kady e Elisa Rodrigues na final do Festival da Canção.** *Público*. <https://www.publico.pt/2020/03/01/culturaipsilon/noticia/jimmy-p-tomas-luzia-kady-elisa-rodrigues-final-festival-cancao-1906003>

Nogueira, R. (2020, 08 de março). **Elisa vence Festival da Canção com *Medo de Sentir*.** *Público*. <https://www.publico.pt/2020/03/08/culturaipsilon/noticia/elisa-vence-festival-cancao-medo-sentir-1906849>

Nogueira, R. (2020, 23 de fevereiro). **Bárbara Tinoco, Elisa, Filipe Sambado e Throes+The Shine na final do Festival da Canção.** *Público*. <https://www.publico.pt/2020/02/23/culturaipsilon/noticia/barbara-tinoco-elisa-filipe-sambado-throes-the-shine-final-festival-cancao-1905244>

Nogueira, R. (2021, 07 de março). **The Black Mamba vencem Festival da Canção.** *Público*. <https://www.publico.pt/2021/03/07/culturaipsilon/noticia/the-black-mamba-vencem-festival-cancao-1953390>

Nogueira, R. (2024, 18 de janeiro). **Festival da Canção 2024 vai dar palco aos autores (e recordar Sara Tavares).** *Público*.

<https://www.publico.pt/2024/01/18/culturaipsilon/noticia/festival-cancao-2024-vai-dar-palco-autores-recordar-sara-tavares-2077282>

Pacheco, N. (2019, 17 de outubro). **Se vir a sua vida refletida numa música, isso pode ser uma canção de protesto.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2019/10/17/culturaipsilon/opiniao/vida-reflectida-musica-cancao-protesto-1890184>

Pacheco, N. (2020, 03 de setembro). **Regresso à canção de protesto e à memória de José Mário Branco.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2020/09/03/culturaipsilon/noticia/regresso-cancao-protesto-memoria-jose-mario-branco-1930041>

Pacheco, N. (2020, 10 de janeiro). **Miguel Ângelo: já se pode brincar com a língua portuguesa de uma maneira que soa bem.**

Público. <https://www.publico.pt/2020/01/10/culturaipsilon/noticia/miguel-angelo-ja-brincar-lingua-portuguesa-maneira-soa-bem-1899762>

Pacheco, N. (2021, 13 de setembro). **Miguel Ângelo teve um *Déjà vu* e vai lançar o seu novo álbum *Noite e Dia* a 1 de Outubro.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2021/09/13/culturaipsilon/video/miguel-angelo-deja-vu-vai-lancar-noite-dia-1-outubro-20210913-142206>

Pacheco, N. (2022, 07 de setembro). **Paulino Vieira, um criador de génio, vai voltar aos palcos em 2023.**

Público. <https://www.publico.pt/2022/09/07/culturaipsilon/noticia/paulino-vieira-criador-genio-vai-voltar-palcos-2023-2019637>

Pacheco, N. (2023, 10 de março). **Depois de *Caos e Meio dia*, Palas junta um *Bagaço* ao anúncio do seu *Tons de Pele*.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/03/10/culturaipsilon/video/caos-meio-dia-palas-junta-bagaco-anuncio-tons-pele-20230309-213238>

Pacheco, N. (2023, 14 de abril). **Oito é o quarto e penúltimo single com videoclipe de Palas, antes do disco em Maio.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/04/14/culturaipsilon/video/oito-quarto-penultimo-single-videoclipe-palas-disco-maio-20230413-210242>

Pacheco, N. (2023, 24 de fevereiro). **Depois de Caos, Palas chega a Meio Dia, segundo episódio do seu EP Tons de Pele.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/02/24/culturaipsilon/video/caos-palas-chega-meio-dia-segundo-episodio-ep-tons-pele-20230223-191947>

Pacheco, N. (2023, 27 de janeiro). **A pandemia levou Palas a criar Tons de Pele, que ganhou texto de Luxúria Canibal.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/01/27/culturaipsilon/video/pandemia-levou-palas-criar-tons-pele-adolfo-luxuria-canibal-abrir-caos-20230126-122032>

Pacheco, N. (2023, 30 de junho). **Filipe Sambado anuncia com Talha Dourada o álbum Três Anos de Escorpião em Touro.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/06/30/culturaipsilon/video/filipe-sambado-anuncia-talha-dourada-album-tres-anos-escorpiao-touro-20230629-202803>

Pacheco, N. (2023, 5 de maio). **Jogo exausto completa o EP de Palas Tons de Pele, agora editado numa curta-metragem.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/05/05/culturaipsilon/video/jogo-exausto-completa-ep-palas-tons-pele-editado-curtametragem-20230503-212424>

Pereira, S. (2023, 18 de junho). **Palcos da semana: jardins e festins de filmes, música e arte urbana.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/06/18/culturaipsilon/noticia/palcos-semana-jardins-festins-filmes-musica-arte-urbana-2053602>

Pereira, S. (2023, 31 de dezembro). **Palcos da semana: festas e filmes com birra, Bazuuca e A viúva Alegre.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/12/31/culturaipsilon/noticia/palcos-semana-festas-filmes-birra-bazuuca-viuva-alegre-2075104>

Público. (2019, 22 de março). **Galeria Zé dos Bois acolhe concerto solidário com Moçambique este domingo.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2019/03/22/culturaipsilon/noticia/galeria-ze-bois-acolhe-concerto-solidario-mocambique-1866396>

Público. (2019, 28 de novembro). **A Hungria não vai à Eurovisão em 2020 e a culpa é da “cultura gay”.** *Público*. <https://www.publico.pt/2019/11/28/impar/noticia/hungria-nao-vai-eurovisao-2020-1895446>

Público. (2019, 31 de janeiro). **A nova geração da música portuguesa já tem festival: o Emergente.** *Público*. <https://www.publico.pt/2019/01/31/culturaipsilon/noticia/nova-geracao-musica-portuguesa-ja-festival-emergente-1860118>

Público. (2020, 02 de dezembro). **À quinta é de vez. Festival Emergente é esta quinta-feira em Lisboa.** *Público*. <https://www.publico.pt/2020/12/02/culturaipsilon/noticia/quinta-festival-emergente-quinta-feira-lisboa-1941408>

Público. (2020, 05 de fevereiro). **Filipe Sambado ao vivo no auditório do PÚBLICO.** *Público*. <https://www.publico.pt/2020/02/05/video/filipe-sambado-vivo-auditorio-publico-20200204-131720>

Público. (2023, 03 de março). **Fim-de-semana na TV: mães, filhas, uma Operação Outono e stand-up em directo.** *Público*. <https://www.publico.pt/2023/03/03/culturaipsilon/noticia/fimde semana-tv-maes-filhas-operacao-outono-standup-directo-2041079>

Público. (2023, 31 de dezembro). **O melhor da música em 2023.** *Público*. <https://www.publico.pt/interactivos/melhores-2023-ipsilon-musica/>

Rios, P. (2023, 29 de setembro). **Woody Allen, familiar e desconhecido. O modo de fazer de Joana Vasconcelos.** *Público*. <https://www.publico.pt/2023/09/29/newsletter/ipsilon>

Rocha, M. & Fieschi, Matilde. (2023, 29 de setembro). **Como Filipe Sambado deixou de ter medo de ser.** *Público*.

<https://www.publico.pt/2023/09/29/culturaipsilon/entrevista/filipe-sambado-deixou-medo-2064511>

Vieira, André B. (2019, 10 de julho). **No ZigurFest, o festival que não repete cartazes, a música é 100% nacional.** Público.

<https://www.publico.pt/2019/07/10/culturaipsilon/noticia/zigurfest-festival-nao-repete-cartazes-musica-100-nacional-1879317>

Vieira, André B. (2019, 21 de agosto). **Por estes dias, a nova música portuguesa mora em Lamego.**

Público. <https://www.publico.pt/2019/08/21/culturaipsilon/noticia/dias-nova-musica-portuguesa-mora-lamego-1883946>

Vieira, André B. (2019, 25 de agosto). **ZigurFest: O imaginário de Adolfo Luxúria Canibal mora num castelo que divide com Krake.**

Público. <https://www.publico.pt/2019/08/25/culturaipsilon/noticia/historias-adolfo-luxuria-canibal-moram-castelo-divide-krake-1884374>

EXPRESSO

BLITZ. (2020, 13 de fevereiro). **Posto Emissor #4: BLITZ convida Miguel Angelo. Do regresso dos Delfins ao novo álbum dos Tame Impala.** *Expresso.*

<https://expresso.pt/podcasts/blitz-posto-emissor/2020-02-13-Posto-Emissor-4-BLITZ-convida-Miguel-Angelo.-Do-regresso-dos-Delfins-ao-novo-album-dos-Tame-Impala>

BLITZ. (2020, 27 de fevereiro). **Posto Emissor #6: BLITZ convida Capitão Fausto. Do concerto com orquestra em Lisboa à revelação Filipe Sambado.** *Expresso.*

<https://expresso.pt/podcasts/blitz-posto-emissor/2020-02-27-Posto-Emissor-6-BLITZ-convida-Capitao-Fausto.-Do-concerto-com-orquestra-em-Lisboa-a-revelacao-Filipe-Sambado>

BLITZ. (2022, 16 de novembro). **Vai ao Super Bock em Stock? Estão aqui todos os horários dos concertos, de Ana Moura a Porridge Radio.** *Expresso.*

<https://expresso.pt/blitz/2022-11-16-Vai-ao-Super-Bock-em-Stock--Estao-aqui-todos-os-horarios-dos-concertos-de-Ana-Moura-a-Porridge-Radio-2d9db663>

BLITZ. (2022, 20 de setembro). **Tomás Wallenstein e Filipe Sambado no festival MIL em Lisboa.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2022-09-20-Tomas-Wallenstein-e-Filipe-Sambado-no-festival-MIL-em-Lisboa-a8aacc7c>

BLITZ. (2023, 03 de março). **Festival da Canção 2023 continua este sábado: tudo sobre a segunda semifinal, das canções aos convidados.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-03-03-Festival-da-Cancao-2023-continua-este-sabado-tudo-sobre-a-segunda-semifinal-das-cancoes-aos-convidados-de63f3a8>

BLITZ. (2023, 04 de março). **Festival da Canção 2023: todas as canções apuradas para a final.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-03-04-Festival-da-Cancao-2023-todas-as-cancoes-apuradas-para-a-final-bd63d75d>

BLITZ. (2023, 04 de março). **Quem vai passar à final do Festival da Canção segundo os leitores da BLITZ: os resultados estão aqui.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-03-04-Quem-vai-passar-a-final-do-Festival-da-Cancao-segundo-os-leitores-da-BLITZ-os-resultados-estao-aqui-7855e910>

BLITZ. (2023, 12 de janeiro). **Música nova para o fim de semana: o regresso de Ariana Grande, o feitiço dos Club Makumba e Lil Nas X enquanto Cristo.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2024-01-12-Musica-nova-para-o-fim-de-semana-o-regresso-de-Ariana-Grande-o-feitico-dos-Club-Makumba-e-Lil-Nas-X-enquanto-Cristo-0e303ee0>

BLITZ. (2023, 14 de fevereiro). **Salvador Sobral vai atuar na final do Festival da Canção.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-02-14-Salvador-Sobral-vai-atuar-na-final-do-Festival-da-Cancao-483227c1>

BLITZ. (2023, 15 de setembro). **Música nova para o fim de semana: o antídoto de Gabriel o Pensador, o fim do mundo pelos Thirty Seconds to Mars e a pergunta de Nídia.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-09-15-Musica-nova-para-o-fim-de-semana-o-antidoto-de-Gabriel-o-Pensador-o-fim-do-mundo-pelos-Thirty-Seconds-to-Mars-e-a-pergunta-de-Nidia-3b0a03e7>

BLITZ. (2023, 16 de dezembro). **A lista da BLITZ: os 50 melhores álbuns portugueses de 2023.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-12-16-A-lista-da-BLITZ-os-50-melhores-albuns-portugueses-de-2023-0580e347>

BLITZ. (2023, 16 de junho). **Música para o fim de semana: a surpresa dos Sigur Rós, a brutalidade dos Queen of the Stone Age e o ‘Mau Olhado’ de Filipe Sambado.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-06-16-Musica-para-o-fim-de-semana-a-surpresa-dos-Sigur-Ros-a-brutalidade-dos-Queens-of-the-Stone-Age-e-o-Mau-Olhado-de-Filipe-Sambado-711e8a0b>

BLITZ. (2023, 20 de fevereiro). **As primeiras imagens do Festival da Canção 2023.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-02-20-As-primeiras-imagens-do-Festival-da-Cancao-2023-f2db9791>

BLITZ. (2023, 21 de julho). **Música para o fim de semana: a badalada dos Blur, o choro de Filipe Sambado e as saudades de Mimicat.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-07-21-Musica-para-o-fim-de-semana-a-balada-dos-Blur-o-choro-de-Filipe-Sambado-e-as-saudades-de-Mimicat-8b8542be>

BLITZ. (2023, 23 de dezembro). **Os 20 melhores álbuns portugueses de 2023 para os leitores da BLITZ.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-12-23-Os-20-melhores-albuns-portugueses-de-2023-para-os-leitores-da-BLITZ-6f0fe079>

BLITZ. (2023, 25 de agosto). **Música nova para o fim de semana: o regresso dos Killers, o fantasma de Legendary Tigerman e a natureza morta de Filipe Sambado.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-08-25-Musica-nova-para-o-fim-de-semana-o-regresso-dos-Killers-o-fantasma-de-Legenday-Tigerman-e-a-natureza-morta-de-Filipe-Sambado-7bdbcb91>

BLITZ. (2023, 29 de setembro). **Música nova para o fim de semana: há novos álbuns de Salvador Sobral, Legendary Tigerman, Wilco e muitos mais numa sexta-feira de luxo.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-09-29-Musica-nova-para-o-fim-de-semana-ha-novos-albuns-de-Salvador-Sobral-Legendary-Tigerman-Wilco-e-muitos-mais-numa-sexta-feira-de-luxo-36ee9805>

BLITZ. (2023, 30 de junho). **Música para o fim de semana: novo amor de Tigerman, um Fontaines D.C. a solo e Lisa Gerrard (Dead Can Dance) com disco ao vivo no Porto.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-06-30-Musica-para-o-fim-de-semana-novo-amor-de-Tigerman-um-Fontaines-D.C.-a-solo-e-Lisa-Gerrard--Dead-Can-Dance--com-disco-ao-vivo-no-Porto-f4f40a25>

BLITZ. (2023, 31 de dezembro). **Os melhores álbuns portugueses e internacionais de 2023 para a Antena 3.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2023-12-31-Os-melhores-albuns-portugueses-e-internacionais-de-2023-para-a-Antena-3-fb240888>

BLITZ. (2024, 29 de fevereiro). **Fado Bicha mostram canção anti-Chega: “Ó mores, é o revirvalho”.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2024-02-29-Fado-Bicha-mostram-cancao-anti-Chega-O-mores-e-o-revirvalho-cbf61294>

Cecílio, Paulo A. (2024, 16 de fevereiro). **Oito anos depois, Alek Rein anuncia novo disco: ouça aqui ‘Everything’s Changing’.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2024-02-16-Oito-anos-depois-Alek-Rein-anuncia-novo-disco-ouca-aqui-Everythings-Changing-e496ea4c>

Guerra, L. (2019, 16 de janeiro). **Música/Concertos.** *Expresso*. <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2412/html/revista-e/culturas/Musica--Concertos---Discos---Portugueses---Classica-e-Jazz-1>

Gustavo, R. (2022, 20 de dezembro). **Ativistas que ocuparam prédio devoluto para ajudar sem-abrigo julgados por usurpação de imóvel: “Coisas impossíveis de provar”, diz um deles.** *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2022-12-20-Ativistas-que-ocuparam-predio-devoluto-para-ajudar-sem-abrigo-julgados-por-usurpacao-de-imovel-Coisas-impossiveis-de-provar-diz-um-deles-fcf004ae>

Lisboa, J., & Carmo, R. (2020, 14 de março). **A Eva sou eu.** *Expresso*. <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2472/html/revista-e/culturas/a-eva-sou-eu->

Lusa. (2019, 24 de março). **Músicos e artistas portugueses juntam-se em ação solidária por Moçambique**. *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2019-03-24-Musicos-e-artistas-portugueses-juntam-se-em-acao-solidaria-por-Mocambique>

Lusa. (2023, 18 de outubro). **Teatro Ibérico recebe festival dedicado a talentos emergentes da comunidade LGBTQI+**. *Expresso*. <https://expresso.pt/cultura/2023-10-18-Teatro-Iberico-recebe-festival-dedicado-a-talentos-emergentes-da-comunidade-LGBTQI--f56cebd5>

Lusa., & Cunha, T.S. (2023, 24 de agosto). **Feira do Livro do Porto começa esta sexta-feira: mesmo com a crise, expectativas dos livreiros “são sempre altas para o Porto”**. *Expresso*. <https://expresso.pt/cultura/Livros/2023-08-24-Feira-do-Livro-do-Porto-comeca-esta-sexta-feira-mesmo-com-a-crise-expectativas-dos-livreiros-sao-sempre-altas-para-o-Porto-1ec75404>

Mendonça, B., Ascensão, J., & Fox, Nuno. (2022, 13 de abril). **Estas pessoas não são apenas de Marte ou Vénus**. *Expresso*. <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2581/html/primeiro-caderno/reportagem/estas-pessoas-nao-sao- apenas-de-marte-ou-venus>

Mendonça, B., Ribeiro, J., & Fernandes, J. (2023, 20 de outubro). **Filipe Sambado: “Não grito no café ‘sou uma pessoa não binária!’ Nós queremos é que nos tratem bem e que possamos ver a bola juntos**. *Expresso*. <https://expresso.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2023-10-20-Filipe-Sambado-Nao-grito-no-cafe-sou-uma-pessoa-nao-binaria-Nos-queremos-e-que-nos-tratem-bem-e-que-possamos-ver-a-bola-juntos-e0f0b031>

Pereira, Lia. (2022, 23 de novembro). **6 concertos que não vai querer perder no Super Bock em Stock: o guia essencial para o festival lisboeta**. *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2022-11-23-6-concertos-que-nao-vai-querer-perder-no-Super-Bock-em-Stock-o-guia-essencial-para-o-festival-lisboeta-8a8443b0>

Salvador, J.M., Pereira, L., & Leiderfarh, L. (2022, 26 de setembro). **25 propostas culturais da semana: “Andor”, que esta é uma “Casa Portuguesa”. “Os Restos do Vento” não podem empurrar-nos para “Os Abismos”**. *Expresso*.

<https://expresso.pt/revista/culturas/2022-09-26-25-propostas-culturais-da-semana-Andor-que-esta-e-uma-Casa-Portuguesa.-Os-Restos-do-Vento-nao-podem-empurrar-nos-para-Os-Abismos-503705b0>

Vieir, Mário R. (2024, 08 de fevereiro). **Festival da Canção 2024: quais são as canções mais ouvidas.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2024-02-08-Festival-da-Cancao-2024-quais-sao-as-cancoes-mais-ouvidas-c9932af4>

Vieira, Mário R. (2024, 06 de março). **Os músicos e as eleições legislativas: quem apoia quem, da esquerda à direita.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2024-03-06-Os-musicos-e-as-eleicoes-legislativas-quem-apoia-quem-da-esquerda-a-direita-9f7a56bd>

Vieira, Mário R. (2024, 23 de fevereiro). **Festival da Canção 2024: quem canta na semifinal deste sábado e quem deve passar à final.** *Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2024-02-23-Festival-da-Cancao-2024-quem-canta-na-semifinal-deste-sabado-e-quem-deve-passar-a-final-2370e196>

OBSERVADOR

Barbosa, M. (2020, 31 de janeiro). **André Ventura acusa Sambado de cancelar concerto no Hard Club por não ter vendido “bilhetes suficientes”.** *Observador*. <https://observador.pt/2020/01/31/andre-ventura-acusa-sambado-de-cancelar-concerto-no-hard-club-por-nao-ter-vendido-bilhetes-suficientes/>

Bernardino, A.L. (2023, 12 de maio). **Três festas de anos, cinema com descontos e uma das melhores pizzas da Europa. 13 coisas para fazer no fim de semana.** *Observador*. <https://observador.pt/2023/05/12/tres-festas-de-anos-cinema-com-descontos-e-uma-das-melhores-pizzas-da-europa-13-coisas-para-fazer-no-fim-de-semana/>

Bonifácio, P. (2020, 19 de março). **Pedro de Tróia: o disco iluminado de um homem só.** *Observador*. <https://observador.pt/2020/03/19/pedro-de-troia-o-disco-iluminado-de-um-homem-so/>

Branco, M. (2019, 04 de maio). **O Lounge faz 20 anos: podemos sempre contar com ele.** *Observador*. <https://observador.pt/2019/05/04/o-lounge-faz-20-anos-podemos-sempre-contar-com-ele/>

Branco, M. (2020, 25 de junho). **Vaiapraia. Rodrigo já não baila com as Rainhas, mas deem-lhe um palco e ele mostra-vos o que é charme.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/vaiapraia-rodrigo-ja-nao-baila-com-as-rainhas-mas-deem-lhe-um-palco-e-ele-mostra-vos-o-que-e-charme/>

Branco, M. (2021, 19 de fevereiro). **Se vos perguntarem o que é Chinaskee, digam que é apenas rock’n’roll.** *Observador*. <https://observador.pt/2021/02/19/se-vos-perguntarem-o-que-e-chinaskee-digam-que-e-apenas-rocknroll/>

Branco, M. (2021, 28 de janeiro). **“Outras Maneiras”: cantigas de uma noite em maio com a Maternidade.** *Observador*. <https://observador.pt/2021/01/28/outras-maneiras-cantigas-de-uma-noite-em-maio-com-a-maternidade/>

Branco, M., & Amorim, F. (2020, 18 de setembro). **Senta-te aí, Primeira Dama: faz-te adulto e canta-nos tudo.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/senta-te-ai-primeira-dama-faz-te-adulto-e-canta-nos-tudo/>

Cipriano, R. (2019, 05 de novembro). **Dino D’Santiago e Blasted Mechanism entre os autores das canções do Festival da Canção 2020.** *Observador*. <https://observador.pt/2019/11/06/dino-dsantiago-e-blasted-mechanism-entre-os-autores-das-cancoes-do-festival-da-cancao-2020/>

Cipriano, R. (2020, 22 de fevereiro). **Quem são os primeiros quatro finalistas do Festival da Canção?** *Observador*. <https://observador.pt/2020/02/22/quem-sao-os-primeiros-quatro-finalistas-do-festival-da-cancao/>

Cipriano, R. (2021, 07 de março). **The Black Mamba vencem Festival da Canção com “Love is on My Side”.** *Observador*. <https://observador.pt/2021/03/07/black-mamba-vencem-festival-da-cancao-de-2021/>

Correia, G. (2019, 07 de agosto). **António Zambujo, ProfJam, Mayra Andrade e Capitão Fausto vão atuar em Faro, no Festival F.** *Observador*.

<https://observador.pt/2019/08/07/antonio-zambujo-profjam-mayra-andrade-e-capitao-fausto-vao-atuar-em-faro-no-festival-f/>

Correia, G. (2019, 22 de março). **Selma Uamusse, Gisela João, B Fachada e muitos outros juntos em concerto solidário com Moçambique.** *Observador*.

<https://observador.pt/2019/03/22/selma-uamusse-gisela-joao-b-fachada-e-muitos-otros-juntos-em-concerto-solidario-com-mocambique/>

Correia, G. (2020, 13 de março). **Cristina Branco: “A música salva-me sempre. Quais comprimidos... estou farta de poupar dinheiro”.** *Observador*.

<https://observador.pt/especiais/cristina-branco-a-musica-salva-me-sempre-quais-comprimidos-estou-farta-de-poupar-dinheiro/>

Correia, G. (2020, 15 de janeiro). **Este ano, a final do Festival da Canção será em Elvas. Estes são os cantores que vão concorrer.** *Observador*.

<https://observador.pt/2020/01/15/este-ano-a-final-do-festival-da-cancao-sera-em-elvas-estes-sao-os-cantores-que-vao-concorrer/>

Correia, G. (2020, 15 de janeiro). **Oiça aqui todas as canções do Festival da Canção este ano.** *Observador*. <https://observador.pt/2020/01/15/oica-aqui-todas-as-cancoes-do-festival-da-cancao-deste-ano/>

Correia, G. (2020, 18 de março). **Depois do Festival Fico em Casa, nasce o Play It Safe com concertos caseiros de Noiserv, Surma, Samuel Úria e muitos mais.** *Observador*.

<https://observador.pt/2020/03/18/depois-do-festival-fico-em-casa-nasce-o-play-it-safe-com-concertos-caseiros-de-noiserv-surma-samuel-uria-e-muitos-mais/>

Correia, G. (2020, 23 de fevereiro). **De feminismo a “eu nem votei”: o que dizem os primeiros finalistas do Festival da Canção.** *Observador*.

<https://observador.pt/2020/02/23/do-feminismo-a-eu-nem-votei-o-que-dizem-os-primeiros-finalistas-do-festival-da-cancao/>

Correia, G. (2020, 23 de janeiro). **É tão bom ter cantigas ao nosso jeito: Filipe Sambado é popular português.** *Observador*. <https://observador.pt/2020/01/23/e-tao-bom-ter-as-cantigas-ao-nosso-jeito-filipe-sambado-e-popular-portugues/>

Correia, G. (2021, 01 de janeiro). **A música que vamos querer ouvir em 2022: estes são os discos que esperamos.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/a-musica-que-vamos-querer-ouvir-em-2022-estes-sao-os-discos-que-esperamos/>

Correia, G. (2021, 08 de março). **Vídeo: a homenagem de Clã, Filipe Sambado e Cláudia Pascoal a Godinho, “Zeca” e José Mário no Festival da Canção.** *Observador*. <https://observador.pt/2021/03/08/video-a-homenagem-de-cla-filipe-sambado-e-claudia-pascoal-a-godinho-zeca-e-jose-mario-no-festival-da-cancao/>

Correia, G. (2022, 11 de agosto). **O Bons Sons é o país numa aldeia: “Ajudámos a mudar a perspetiva sobre a música portuguesa”.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/o-bons-sons-e-o-pais-numa-aldeia-ajudamos-a-mudar-a-perspetiva-sobre-a-musica-portuguesa/>

Correia, G., & Amorim, F. (2021, 26 de maio). **Esta é a canção de Pedro Mafama bairrista sem fronteiras: “Quero dar música àquilo que os meus olhos viram”.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/esta-e-a-cancao-de-pedro-mafama-bairrista-sem-fronteiras-quero-dar-musica-aquilo-que-os-meus-olhos-viram/>

Correia, G., & Cipriano, R. (2020, 29 de fevereiro). **Conheça todos os oito finalistas do Festival da Canção.** *Observador*. <https://observador.pt/2020/02/29/acabou-a-segunda-semifinal-conheca-todos-os-finalistas-do-festival-da-cancao/>

Correia, G., & Martingo, A. (2020, 05 de julho). **Entre o fado e o rap, as batidas da periferia e a nova pop: os nossos discos nacionais do semestre.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/entre-o-fado-e-o-rap-as-batidas-da-periferia-e-a-nova-pop-os-nossos-discos-nacionais-do-semester/>

Correia, G., & Martingo, A. (2021, 07 de maio). **Concertos que nunca mais acabam: um roteiro para a música ao vivo que se ouvirá em maio, de norte a sul.** *Observador*. <https://observador.pt/2021/05/07/concertos-que-nunca-mais-acabam-um-roteiro-para-a-musica-ao-vivo-que-se-ouvira-este-mes-de-norte-a-sul/>

Correia, G., & Porfírio, J. (2019, 20 de maio). **“O Sol Voltou” e Luís Severo chegou à primavera a cantar o mundo como um romance.** *Observador*.

<https://observador.pt/especiais/o-sol-voltou-e-luis-severo-chegou-a-primavera-a-cantar-o-mundo-como-um-romance/>

Correia, G., & Porfírio, J. (2020, 10 de junho). **António Zambujo no palco, técnicos de máscara e alguma ansiedade: nos bastidores da reabertura do Teatro Aveirense.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/antonio-zambujo-no-palco-tecnicos-de-mascara-e-alguma-ansiedade-nos-bastidores-da-reabertura-do-teatro-aveirense/>

Correia, G., & Porfírio, J. (2020, 10 de março). **Marta quis fazer uma “canção intemporal”, Elisa cantou-a. “O público português gosta deste tipo de canções”, dizem as vencedoras do Festival.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/marta-quis-fazer-uma-cancao-intemporal-elisa-cantou-a-o-publico-portugues-gosta-deste-tipo-de-cancoes-dizem-as-vencedoras-do-festival/>

Correia, G., & Simões, K. (2020, 27 de dezembro). **Novo fado, pop ressacada, rap, funaná eçetrónico: estas canções salvaram-nos em 2020.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/novo-fado-pop-ressacada-rap-funana-eletronico-estas-cancoes-portuguesas-salvaram-nos-em-2020/>

Correia, G., & Simões, K. (2020, 31 de dezembro). **Os concertos para ver nos próximos meses, de Bom Iver e Nick Cave a Kendrick Lamar e Mayra Andrade.** *Observador*. <https://observador.pt/2019/12/31/os-concertos-para-ver-nos-proximos-meses-de-bon-iver-e-nick-cave-a-kendrick-lamar-e-mayra-andrade/>

Farinha, R., & Amorim, F. (2023, 27 de setembro). **“Três Anos de Escorpião em Touro”: a hyperpop de Filipe Sambado.** *Observador*. <https://observador.pt/2023/09/27/tres-anos-de-escorpiao-em-touro-a-hyperpop-de-filipe-sambado/>

Gonçalves, M. (2020, 04 de abril). **Luís e Sofia são a ponte entre os surdos e a epidemia. “Se os deixarmos sem informação, contribuimos para o nosso próprio prejuízo”.** *Observador*. <https://observador.pt/2020/04/04/luis-e-sofia-sao-a-ponte-entre-os-surdos-e-a-epidemia-se-os-deixarmos-sem-informacao-contribuimos-para-o-nosso-proprio-prejuizo/>

Horta, B. (2019, 20 de agosto). **Sérgio Praia: “O que se tem dito sobre António Variações não é a história verdadeira”**. *Observador*.

<https://observador.pt/especiais/sergio-praia-o-que-se-tem-dito-sobre-antonio-variacoes-nao-e-a-historia-verdadeira/>

Lusa, & Observador. (2019, 21 de agosto). **Adolfo Luxúria Canibal junta-se a Krake para concerto especial no ZigurFest**. *Observador*.

<https://observador.pt/2019/08/21/adolfo-luxuria-canibal-junta-se-a-krake-para-concerto-especial-no-zigurfest/>

Lusa. (2019, 15 de novembro). **“Nova (pop)” de Miguel Ângelo, com D’Alva, Surma, Chinaskee e Sambado é editado sexta-feira**. *Observador*.

<https://observador.pt/2019/11/15/novapop-de-miguel-angelo-com-dalva-surma-chinaskee-e-sambado-e-editado-sexta-feira/>

Lusa. (2019, 17 de setembro). **Próxima temporada cultural do CCB é “eclectica e prudente”**. *Observador*. <https://observador.pt/2019/09/17/proxima-temporada-cultural-do-ccb-e-ecletica-e-prudente/>

Lusa. (2020, 01 de outubro). **Cantora Cristina Branco inicia no Algarve digressão de apresentação do novo álbum**. *Observador*.

<https://observador.pt/2020/10/01/cantora-cristina-branco-inicia-no-algarve-digressao-de-apresentacao-do-novo-album/>

Lusa. (2020, 22 de fevereiro). **Oito temas competem por quatro lugares na final do Festival da Canção**. *Observador*. <https://observador.pt/2020/02/22/oito-temas-competem-por-quatro-lugares-na-final-do-festival-da-cancao/>

Lusa. (2020, 31 de julho). **Theatro Circo em Braga com 98 mil espetadores e quase 400 mil euros de bilheteira em 2019**. *Observador*.

<https://observador.pt/2020/07/31/theatro-circo-em-braga-com-98-mil-espetadores-e-quase-400-mil-euros-de-bilheteira-em-2019/>

Lusa. (2021, 05 de agosto). **Festival Vai-m’ à Banda regressa a Guimarães numa ‘versão adaptada aos desafios atuais’**. *Observador*.

<https://observador.pt/2021/08/05/festival-vai-ma-banda-regressa-a-guimaraes-numa-versao-adaptada-aos-desafios-atuais/>

Lusa. (2021, 20 de dezembro). **Janeiro no Theatro Circo abre com Bruno Pernadas e encerra com Pedro Burmester.** *Observador.*

<https://observador.pt/2021/12/20/janeiro-no-theatro-circo-abre-com-bruno-ernadas-e-encerra-com-pedro-burmester/>

Lusa. (2021, 22 de junho). **Festival Artes à Vila começa esta sexta-feira no Mosteiro da Batalha, já tem lotação esgotada.** *Observador.*

<https://observador.pt/2021/06/22/festival-artes-a-vila-comeca-esta-sexta-feira-no-mosteiro-da-batalha-ja-tem-lotacao-esgotada/>

Lusa. (2022, 30 de novembro). **DGArtes. Quase 60 candidaturas contestaram resultados de quatro concursos de apoio.** *Observador.*

<https://observador.pt/2022/11/30/dgartes-quase-60-candidaturas-contestaram-resultados-de-quatro-concursos-de-apoio/>

Lusa. (2023, 04 de março). **Dez temas disputam últimos seis lugares na final do Festival da Canção.** *Observador.* <https://observador.pt/2023/03/04/dez-temas-disputam-ultimos-seis-lugares-na-final-do-festival-da-cancao/>

Lusa. (2023, 22 de junho). **David Fonseca e Filipe Sambado no festival Artes à Vila.** *Observador.* <https://observador.pt/2023/06/22/david-fonseca-e-filipe-sambado-no-festival-artes-a-vila/>

Lusa. (2024, 18 de outubro). **Festival Imersão dedicado ao talento emergente LGBTQI+ esta semana em Lisboa.** *Observador.*

<https://observador.pt/2023/10/18/festival-imersao-dedicado-ao-talento-emergente-lgbtqi-esta-semana-em-lisboa/>

Lusa. (2024, 19 de março). **D.Maria celebra dia do teatro com programação centrada nos 50 anos da revolução.** *Observador.* <https://observador.pt/2024/03/17/d-maria-celebra-dia-do-teatro-com-programacao-centrada-nos-50-anos-da-revolucao/>

Martinho, M. (2019, 16 de julho). **Zigur Fest leva Adolfo Luxúria Canibal a Lamego.** *Observador*. <https://observador.pt/2019/07/16/zigur-fest-leva-adolfo-luxuria-canibal-a-lamego/>

Martinho, M., & Bernardino, A.L. (2022, 07 de outubro). **Menu surpresa, arte nas ruas do Alentejo e um pé de dança no Jamaica. 10 coisas para fazer no fim de semana.** *Observador*. <https://observador.pt/2022/10/07/menu-surpresa-arte-nas-ruas-do-alentejo-e-um-pe-de-danca-no-jamaica-10-coisas-para-fazer-no-fim-de-semana/>

Observador, & Lusa. (2020, 29 de janeiro). **Cantor Filipe Sambado cancela concerto no Hard Club após comício do Chega no local.** *Observador*. <https://observador.pt/2020/01/29/cantor-filipe-sambado-cancela-concerto-no-hard-club-apos-comicio-do-chega-no-local/>

Observador. (2020, 07 de março). **Filipe Sambado foi o favorito do júri, o público escolheu Elisa- como aconteceu.** *Observador*. <https://observador.pt/liveblogs/quem-vai-ganhar-o-festival-da-cancao-2/>

Romana, S. (2020, 23 de fevereiro). **Um rodízio que tem de tudo um pouco: a primeira semifinal do Festival, canção a canção.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/um-rodizio-que-tem-de-tudo-um-pouco-a-primeira-semifinal-do-festival-cancao-a-cancao/>

Santos, A.A., Correia, G., Sanches, I., Bonifácio, J., Branco, L.F., & Branco, M. (2020, 25 de dezembro). **Dançámos sozinhos, mas cantámos juntos: estes são os nossos 27 discos favoritos de 2020.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/dancamos-sozinhos-mas-cantamos-juntos-estes-sao-os-nossos-27-discos-favoritos-de-2020/>

Van der Ding, H. (2020, 08 de março). **Já sabia quem ia ganhar, mas vi tudo até ao fim: a final do Festival, canção a canção.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/ia-sabia-quem-ia-ganhar-mas-vi-tudo-ate-ao-fim-a-final-do-festival-cancao-a-cancao/>

Van der Ding, H. (2021, 07 de março). **Como não amar isto? A final do Festival, canção a canção.** *Observador*. <https://observador.pt/especiais/como-nao-amar-isto-tudo-a-final-do-festival-cancao-a-cancao/>

Anexo 2 - Eventos e espaços noticiados em associação a Filipe Sambado

Espaços/Manifestações/Eventos mencionados no <i>corpus</i> empírico	Número de artigos	Percentagem %
Não se Aplica	62	44
Festival da Canção	30	21,3
Zigurfest	5	3,5
Galeria Zé dos Bois	3	2,1
Hard Club	3	2,1
Festival Artes à Vila	2	1,4
Auditório do Jornal Público	1	0,7
CCB	1	0,7
Capitólio	2	1,4
Centro Cultural de Belém	2	1,4
Encontro da Canção de Protesto	2	1,4
Feira do Livro do Porto	1	0,7
Festival Bonitas e Imperfeitas	1	0,7
Festival Emergente	2	1,4
Festival F	1	0,7
Festival Futurama	1	0,7
Festival Imersão	3	2,1
Festival MIL	1	0,7
Festival Vai M'À Banda	3	2,1
Janeiras com Birra	1	0,7

Espaços/Manifestações/Eventos mencionados no <i>corpus</i> empírico	Número de artigos	Percentagem %
Lounge Lisboa	1	0,7
Maus Hábitos	2	1,4
Musa de Marvila	1	0,7
Passos Manuel	1	0,7
Sociedade Musical União Paredense	1	0,7
Super Bock em Stock	2	1,4
Teatro Aveirense	1	0,7
Teatro Diogo Bernardes	1	0,7
Teatro Maria Matos	1	0,7
Theatro Circo	3	2,1
Titanic Sur Mer	1	0,7

Fonte: a autora.

Anexo 3 - Guião da Entrevista com Filipe Sambado

1. Primeiro, queria pedir que te introduzisses e me falasses um pouco do teu percurso enquanto artista e como é que a tua *queerness* se tem inserido no teu trabalho.
2. No que concerne a tua identidade *queer*, de que forma influencia o teu trabalho?
3. Tens atenção ao teu lugar de fala?
4. Consideras que falar sobre a tua experiência individual, enquanto pessoa é uma forma de ativismo?
5. Permanecendo ainda na temática da identidade, tanto na sonoridade da tua música, como na estética e nos videoclipes, é notória uma “portugalidade” muito forte, combinada com elementos *queer*. Porque é que optas por fazer essa combinação?
6. Com o teu último disco, conseguiste alcançar um público-alvo mais concreto? Se sim, poderias descrevê-lo?
7. De que forma é que o teu novo álbum, abertamente *queer*, foi recebido pelas rádios e jornais portugueses? Que reações obteste?
8. Desde que passaste a afirmar a tua identidade não-binária publicamente que sentiste estigma por parte dos média?
9. Consideras que os media influenciam a perceção que a sociedade tem sobre pessoas *queer*?
10. Na tua opinião, jornais, televisões, rádios, deveriam fazer um trabalho no sentido da educação e desconstrução desses preconceitos?
11. No decorrer da minha investigação, pude apurar que uma boa parte da atenção mediática que foste alvo se deveu à tua prestação no Festival da Canção em 2020, e consequentes participações como convidada nas edições seguintes. Consideras que o Festival da Canção te trouxe atenção mediática que de outra forma não terias?
12. Na tua opinião, o Festival da Canção pode ser considerado uma plataforma de lançamento de artistas *queer* emergentes para públicos mais vastos?

Anexo 4 – Conteúdos desenvolvidos no Estágio

DATA	SECÇÃO	TÍTULO	TIPO DE ARTIGO
13/09/2023	Local	<u>“O metrobus de Gaia segue o relógio, mas nem sempre cabem todos”</u>	Reportagem
15/09/2023	Local	<u>“O Bolhão celebra o primeiro aniversário com dois dias de animação”</u>	Notícia
20/09/2023	Local	<u>“Festa de Outono em Serralves integra actividades que sensibilizam para o ambiente”</u>	Notícia
27/09/2023	Local	<u>“Porto distribui um “código de conduta” aos turistas para que estes respeitem a cidade”</u>	Notícia
28/09/2023	Local	<u>“Quando o Porto se enche de frutas e legumes que ainda cheiram a terra”</u>	Reportagem
29/09/2023	P3	<u>“Monumento Catástrofe, um documentário sobre as histórias que ficaram por construir”</u>	Notícia
29/09/2023	P3	<u>“Mostra-nos o cartaz que levas à manifestação pela Habitação”</u>	Notícia
30/09/2023	P3	<u>“No Porto, oito mil pessoas exigiram o direito à habitação”</u>	Notícia
30/09/2023	P3	<u>“Este país está uma confusão gigante: os rostos da manifestação pela habitação”</u>	Reportagem

DATA	SECÇÃO	TÍTULO	TIPO DE ARTIGO
09/10/2023	P3	“O Spotify vai ter audiolivros, mas aqui já os encontras de borla”	Notícia
09/10/2023	P3	“Estas fotografias mostram como era viver em Gaza antes do “cerco total” anunciado por Israel”	Notícia
10/10/2023	Local	“Elo entre os Clérigos e o Coliseu vai dar palco a histórias e memórias de pessoas reais”	Notícia
12/10/2023	P3	“Arrendar acelera o envelhecimento? Investigadores dizem que sim, mais do que fumar”	Notícia
14/10/2023	P3	“Alexander criou um kit que transforma o teu carro num híbrido – e a baixo custo”	Notícia
18/10/2023	P3	“Como podemos ajudar os palestinianos na Faixa de Gaza”	Notícia
19/10/2023	Sociedade	“Moradores das Fontainhas “perdem tudo” com as inundações, pela segunda vez”	Reportagem
19/10/2023	Sociedade	“Aline entrou como um leão a norte mas saiu como um sendeiro a sul”	Notícia
21/10/2023	P3	“Cassandra já tem uma casa “só sua” - e é “um lugar de resistência” no Porto”	Reportagem
24/10/2023	Local	“A música volta ao Metro do Porto para relemburar a importância da saúde mental”	Notícia
26/10/2023	P3	“Eles fotografam Gaza e mostram o que está a acontecer no Instagram”	Notícia

DATA	SECÇÃO	TÍTULO	TIPO DE ARTIGO
30/10/2023	Azul	“Já caem “flocos” de gelo na Serra da Estrela. A neve chega na quinta-feira”	Notícia
2/11/2023	Local	“Portugal não arrebatou o título “Capital das Rotundas”, mas está lá perto”	Notícia
3/11/2023	Local	“Prémios distinguem projectos que promovem um futuro sustentável a nível local”	Notícia
6/11/2023	Azul	“Carros não são o inimigo, mas há que usá-los com moderação”	Notícia
8/11/2023	Local	“Quem canta seus males espanta- e estes idosos comprovam-no”	Reportagem
9/11/2023	Local	“Hortee: mercados biológicos do Porto agora estão online”	Notícia
13/11/2023	P3	“Á rasca com a tese? Estas ferramentas de Inteligência Artificial podem ajudar-te”	Notícia
15/11/2023	P3	“Mariana é média, surda e a primeira nativa de língua gestual no SNS”	Perfil
16/11/2023	Azul	“Arquitetura e construção sustentável não são uma alternativa, “são uma necessidade”	Notícia
18/11/2023	P3	“Wisdom: o tributo de João a uma escola “milagre” em Acra”	Notícia
29/11/2023	P3	“ALLiAN veio agitar as raves queer no Porto com música que berra as “injustiças”	Perfil

DATA	SECÇÃO	TÍTULO	TIPO DE ARTIGO
29/11/2023	Azul	<u>“Nasceu um panda-vermelho no Zoo de Lisboa, uma das espécies mais ameaçadas do mundo”</u>	Notícia
30/11/2023	P3	<u>“Henry Kissinger morreu- mas estes memes não o choram”</u>	Notícia
5/12/2023	Azul	<u>“Seis árvores do tempo dos dinossauros vivem agora em Sintra”</u>	Notícia
6/12/2023	Azul	<u>“Stress, feridas, patas e cornos partidos: lei de bem-estar animal discute-se na EU”</u>	Notícia
7/12/2023	P3	<u>“Para Catarina ter uma assistente pessoal é ter uma vida digna: “uma revolução”</u>	Reportagem

Fontes: a autora e Jornal Público.